



# Saber Cuidar

volume 3

3º Prêmio Ecofuturo  
de Educação para a  
Sustentabilidade

**RIO+20**  
e eu com isso?

# Saber Cuidar

volume 3





© 2013. INSTITUTO ECOFUTURO.  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

ORGANIZAÇÃO: **INSTITUTO ECOFUTURO**  
DIREÇÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA: **CHRISTINE CASTILHO FONTELLES**  
RESPONSÁVEL PELO PROJETO: **PALMIRA PETROCELLI NASCIMENTO**  
ASSISTENTE DO PROJETO: **AMANDA GARCIA SILVA**  
ASSISTENTE DO PROJETO: **THAIS MORENO SOARES**  
ESTAGIÁRIA: **MAYRA IAFELIX FERREIRA**  
COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO: **ALESSANDRA AVANZO**  
ANALISTA DE COMUNICAÇÃO: **PATRICIA MIRABILE BARBOSA BANEVICIUS**  
ANALISTA DE COMUNICAÇÃO: **MARINA FRANCIULLI SANTOS**

ELABORAÇÃO DO CONTEÚDO DE ORIENTAÇÃO  
PARA O PROFESSOR: **MARIA BETÂNIA FERREIRA**  
PROJETO GRÁFICO: **ALESSANDRO SBAMPATO E ROBERTO GODOY**  
ILUSTRAÇÕES: **ALESSANDRO SBAMPATO**  
TEXTOS ADICIONAIS E PESQUISA: **MARIA BETÂNIA FERREIRA**  
REVISÃO DE TEXTOS: **PINGO É LETRA**  
ACOMPANHAMENTO DE PRODUÇÃO GRÁFICA: **LAIKA DESIGN**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
(CIP) (CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL.)

SABER CUIDAR, VOLUME 3 / [ORGANIZAÇÃO INSTITUTO ECOFUTURO]  
. -- SÃO PAULO : INSTITUTO ECOFUTURO, 2013.

“3º PRÊMIO ECOFUTURO DE EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE.”  
“RIO+20 E EU COM ISSO?”

VÁRIOS AUTORES.

BIBLIOGRAFIA.

ISBN 978-85-60833-13-9

1. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL I. INSTITUTO ECOFUTURO.  
13-10490 CDD-333.7

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL : ECONOMIA AMBIENTAL 333.7

INSTITUTO ECOFUTURO  
AV. BRIGADEIRO FARIA LIMA, 1355 – 10º ANDAR  
01452-919 SÃO PAULO, SP  
TEL.: (11) 3503-9554  
WWW.ECOFUTURO.ORG.BR



# Saber Cuidar

volume 3

3º Prêmio Ecofuturo  
de Educação para a  
Sustentabilidade

**RIO+20**  
e eu com isso?

INSTITUTO ECOFUTURO  
SÃO PAULO, 2013. PRIMEIRA EDIÇÃO.

## Prelúdio

As ideias não precisam de passaporte para pipocarem por toda parte no momento certo. De repente elas estão lá, reunindo correligionários sem alarde (ah, como o cuidado pode ser silencioso!), criando redes inesperadas e surpreendentes de ações e operações de cuidado. Sincronicidade e utopia andam de mãos dadas e podem fazer prodígios onde e quando menos se espera, desde que exista gente disposta a FAZER a partir do coração.

O ano de 2012 foi pródigo em evidências de uma fertilidade cada vez maior de vias rumo ao cuidado, essa pedra fundamental de uma vida digna. (Não foi esse o ano em que multidões de indignados em todo o mundo saíram às ruas, cansados de carência de cuidado?)

Enquanto os jurados liam centenas de propostas compartilhadas em resposta ao chamado do Concurso 3, professores e teóricos da educação se reuniam na Índia, em nome da AWE – Association for World Education, para tratar de uma educação plena, luminosa, arejada, capaz de propiciar a criação de vínculos generosos entre o coração do EU e a comunidade do NÓS. (E não seria essa a base de um modelo de educação para o cuidado?)


Enquanto isso, duas respeitadíssimas teóricas americanas de peso viajavam pelo mundo para falar sobre o que mais estava faltando, em seu entender, para a tão sonhada «vida melhor». Falamos de Joan Tronto e Wendy Brown, os dois grandes nomes do movimento CARE (em português, CUIDADO). (E não seriam essas as bases de um currículo para o cuidado, essência de cidadania?)

Os projetos escolhidos este ano têm muito a ver com tudo isso, e revelam uma coerência espantosa com conceitos como os de Joan Tronto e Wendy Brown. Mesmo sem ter conhecimento do que se discutia na Índia, seus autores souberam sentir e acolher o ambiente em que deveriam agir e responder com propostas de cuidado, e nelas respiram ideias de Gandhi, Tagore e Freire.

As propostas aqui apresentadas, assim como a grande maioria das recebidas no âmbito deste concurso, revelam de que modo é possível, sim, seguir a via de uma educação plena para o desenvolvimento, que combine e enlace o coração do EU e a comunidade do NÓS.

O leitor vai poder comprovar por si mesmo, com o relato dos autores e os quadros espalhados ao longo das páginas, nos quais compartilhamos vislumbres dessas outras referências de cuidado que mencionamos. Tomara que esta leitura lhe dê muita vontade de aplicar, multiplicar e adaptar o que aqui se conta a outras realidades. Além de não usarem passaporte, as boas ideias de cuidado não costumam ser nem um pouco exclusivistas e se nutrem de diversidade.

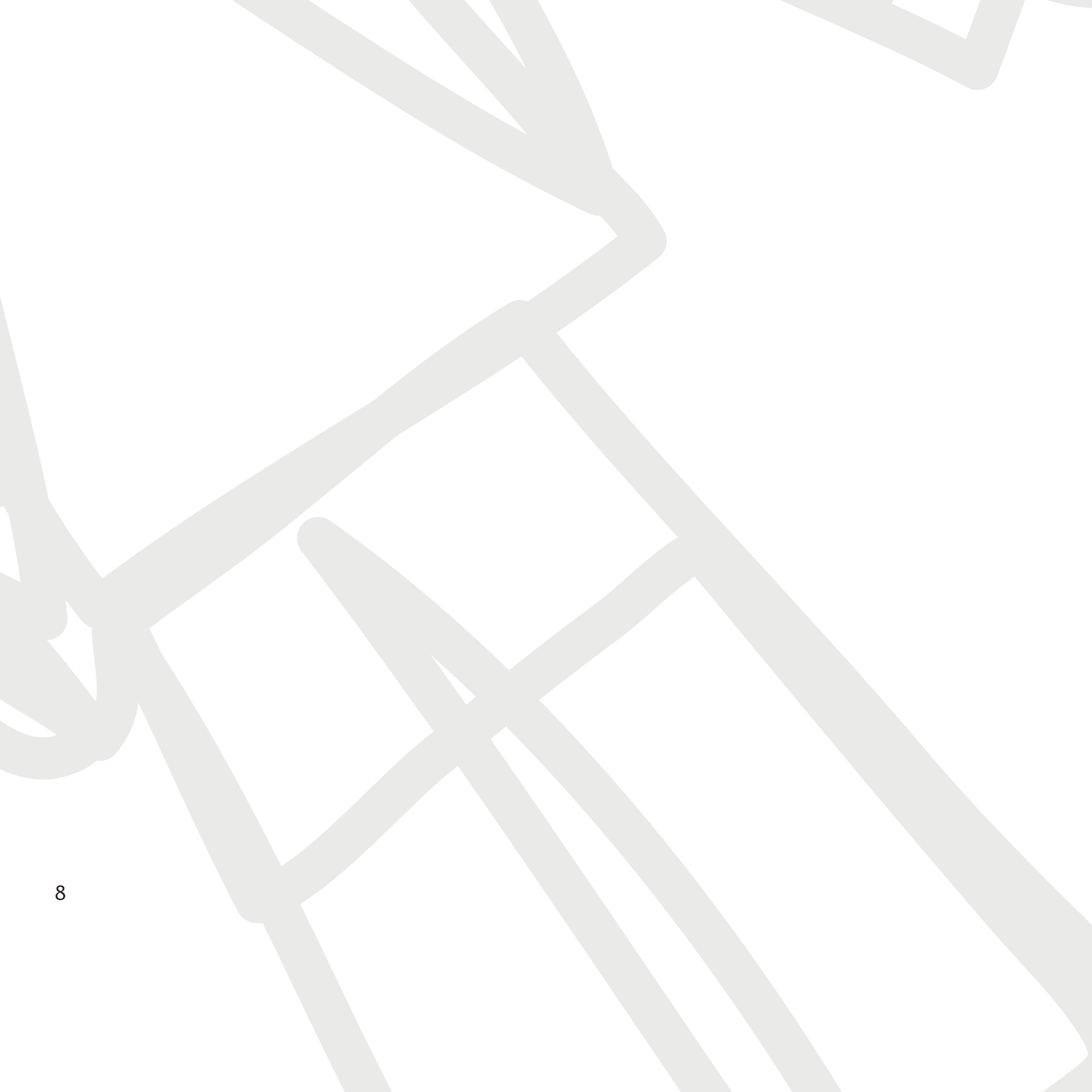




“Gosto de gente que vibra, que não precisa ser empurrada, a quem não é preciso dizer que faça as coisas, mas que sabe o que tem que fazer e faz. Gosto de gente justa com sua gente e consigo mesma, mas que não perde de vista que somos humanos e podemos nos equivocar.”

**Mario Benedetti**





## Um programa de aprendizagem capaz de levar LUZ ao ser humano integral\*

A ideia de uma pessoa cuja vida é iluminada e a ideia de uma pessoa competente para a vida estão intimamente ligadas. Um ser humano competente para a vida consegue ser, ao mesmo tempo, um indivíduo genuíno e uma parte genuína de sua comunidade – ou seja, um cidadão no melhor sentido.

### **O que é Iluminação\*\* para o século 21?**

- plenitude humana: aprender/ser por meio das mãos, da cabeça e do coração (corpo, mente, espírito).
- aprendizagem baseada em valores; somos também um produto de nossas próprias experiências, em particular familiares, comunitárias e culturais.
- multiplicidade de perspectivas: desenvolver uma visão de mundo através de nossos próprios pontos cegos.
- conexão entre o individual e o coletivo: experimentar e entender a conexão que permite libertar-se do egoísmo.
- conexão entre o interior e o exterior, entre o corpo e o espírito.

### **Quais são as oportunidades (educativas) para descobrir e alimentar a iluminação?**

- despertar o ser total: corpo, mente, alma e espírito.
- estimular por meio de interação, em especial por meio de diálogo.
- explorar múltiplas perspectivas.
- basear-se no passado e criar um novo futuro.
- viver situações de companheirismo e serviço.

### **O que é ensino iluminado para o século 21?**

• compartilhar a partir do coração: cuidado (comprometimento e envolvimento) e coaprendizagem.

• favorecer um ambiente – ou “continente” – de aprendizagem que alimente a aprendizagem integral (corpo, mente e espírito).

- estimular diálogo e interações entre os alunos e o professor.
- descobrir a aprendizagem entre as matérias (interdisciplinar) e além delas.
- perceber em que ponto se encontram os alunos – “o ensino certo no momento certo”.

### **O que é um professor iluminado?**

- uma pessoa que cuida, respeita a si mesma e aos outros, diz a verdade.
- uma pessoa curiosa e criativa.
- uma pessoa reflexiva, de mente aberta, que se mostra presente.
- uma pessoa capaz de lidar com paradoxos e múltiplas perspectivas.
- uma pessoa que cuida de seu *self* físico.
- uma pessoa que demonstra habilidades de cooperação e comunicação: ouve os demais e diz o que pensa.
- uma pessoa que se movimenta com facilidade em estruturas maiores (instituições) e na sociedade local, regional, global.

\*Este é um resumo das respostas dos educadores presentes no encontro promovido pela AWE em Mitraniketan, Kerala, na Índia, em janeiro de 2012. A sintonia com os relatos escolhidos para publicação, escritos no Brasil no mesmo ano, é surpreendente: os dez projetos mostram diretrizes e ideias bastante concretas não somente para a sustentabilidade, mas também para tornar-se um educador mais iluminado.

A AWE – Association for World Education é uma ONG internacional, com status de consultora da ONU, e que promove a integração e a educação para um mundo democrático e sustentável.

**[www.awe-international.com](http://www.awe-international.com)**

\*\* Iluminação: esclarecimento, brilho, irradiação, lucidez, clareza, transparência, nitidez, lisura.

Um pensamento de David Orr, estudioso e defensor de uma ecocultura: nossa salvação não está na educação, e sim na educação de um certo jeito. O planeta não precisa mais de pessoas bem-sucedidas; precisa desesperadamente de mais pacificadores, curadores, restauradores, contadores de histórias e amantes de todos os tipos. Precisa de pessoas que vivam bem no seu lugar. Precisa de pessoas com coragem moral que queiram aderir à luta para fazer o mundo habitável e humano. E essas qualidades têm pouco a ver com o sucesso como nossa cultura o definiu.

Um novo ser humano surgiu entre os anos de 1970 e 2000. Seu corpo não é mais o mesmo. Sua expectativa de vida mudou. Sua maneira de comunicar não é mais a mesma. Ele não percebe mais o mundo do mesmo jeito, nem vive na mesma natureza, nem habita o mesmo espaço. Ele não tem mais o mesmo espaço. Sua cabeça é diferente da cabeça de seus pais, e por isso ele conhece de outro modo. Ele escreve de outro modo. Ele fala uma língua que muda a uma velocidade vertiginosa. Como é, mesmo, que se vai pensar a educação desse novo humano?









As 10 propostas selecionadas (de “gente que vibra, que não precisa ser empurrada, a quem não é preciso dizer que faça as coisas, mas que sabe o que tem que fazer e faz”)



### Uma **andorinha** só faz verão?

**ELIANA MARIA NICOLINI GABRIEL - BOTUCATU, SP**

Escola Municipal do Meio Ambiente



### O **olhar** de quem ama

**ELIANE DE PAULA ROCHA - BARBACENA, MG**

Escola Municipal Crispim Bias Fortes



### Sonhos para **plantar**

**JOÃO PAULO BECKER LOTUFO JR. - SÃO PAULO, SP**

EMEF Marechal Eurico Gaspar Dutra



### Crianças: a nova **geração** como base para o desenvolvimento sustentável

**MARIANA AFONSO LÓPEZ-LÓPEZ - PETRÓPOLIS, RJ**

ONG Brasil pela Dignidade

## Algumas fontes que ajudaram e inspiraram



“Acredito que, enquanto houver uma ‘andorinha’ voando com determinação e coragem, sempre haverá verão, onde quer que ela esteja”

ARISTÓTELES. *Ética e Nicômaco*. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2007.

LEONARDO DA VINCI. in SAMEL. C. *Reflexões sobre os sentimentos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Centro Redentor, 2005.



“Depois de ler o material, o que eu tinha com isso? Ah, aí veio a resposta: eu tenho tudo. Não posso mudar o planeta, nem uma cidade de uma vez, mas mudando um pedacinho começamos realmente a mudar.”

PIZA, Daniel. *Leitura da Natureza*. Biblioteca Virtual Ecofuturo.

*A vida que a gente quer depende do que a gente faz*. Instituto Ecofuturo, São Paulo.

*Caderno do Educador - orientações para o 3º Prêmio Ecofuturo*.



“Desejo que a nossa singela experiência possa vir a fecundar outros sonhos que necessitam ser plantados”

Pensamentos de educação de Paulo Freire, Leonardo Boff, Rubem Alves, T. Rocha, José Pacheco, Fritjof Capra

Conteúdo de Permacultura: Bill Mollison e David Holmgren



“Saber que mais pessoas acreditam e apostam na sua ideia é um incentivo e tanto para continuar lutando cada dia por um mundo melhor e mais preocupado com o meio ambiente.”



## Estimulando a **criatividade** e a cidadania em prol da conservação da biodiversidade

**JÚLIO CÉSAR BICCA MARQUES** - **PORTO ALEGRE, RS**  
Pontifícia Universidade Católica



## Um dia, vivi a ilusão de que ser **homem** bastaria

**ADRIANA CRISTINA DIAS DE OLIVEIRA** EM COAUTORIA COM  
**ADRIANO DE OLIVEIRA, EURÍPEDES CÉSAR OSÓRIO, ROBERLI  
FERNANDO MARIANO DAS NEVES, ROGÉRIO CRISTIANO DE  
ABREU E MARCELO SIZINO PEREIRA DE MORAIS** - **RIBEIRÃO  
PRETO, SP**

Penitenciária 2 de Serra Azul



## Preservando as plantas **sagradas** do Candomblé no combate à intolerância religiosa

**INALDO DO NASCIMENTO FERREIRA** - **PAULISTA, PE**  
Escola Polivalente de Abreu e Lima



“Estou muito feliz em ser finalista do 3º Prêmio Ecofuturo de Educação para a Sustentabilidade e saber que minha história estará disponível para outros educadores no livro *Saber Cuidar 3*.”



“Hoje entendemos que um mundo melhor começa quando acreditamos que ele está melhorando dentro de nós.”



“É de extrema importância um prêmio como este promovido pelo Instituto Ecofuturo e parceiros, onde as questões ambientais sejam discutidas sob um outro olhar, como, por exemplo, abordagens humanitárias envolvendo as boas práticas da educação em Direitos Humanos e suas relações com o mundo atual.”

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Vozes, 1987. “Sobre a prisão”. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1998.

LANDINI, T. S. “Violência sexual contra crianças na mídia impressa: gênero e geração”. *Cadernos Pagu* (26), janeiro-junho de 2006, p. 225-252.

LEME, J. A. G. “A cela de aula: tirando a pena com letras. Uma reflexão sobre o sentido da educação nos presídios.” In: ONOFRE, E. M. C. *Educação escolar entre as grades*. São Paulo: EdUFSCar, 2007.

MELO, F. A. L. de & PRADO, S. L. “Pode o preso dar aula? A experiência da educação de adultos nos presídios paulistas”. Paper. I Congresso Internacional da Cátedra da UNESCO de Educação de Jovens e Adultos. João Pessoa / PB, Brasil. Julho de 2010.

MISSE, M. *Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”*. Lua Nova, São Paulo, 79: 15 – 38, 2010.

PASINATO, W. “‘Femicídios’ e as mortes de mulheres no Brasil”. *Cadernos Pagu* (37), julho-dezembro de 2011, p. 219-246.

BARROS, J. F. P. *O Segredo das folhas: sistema de classificação de vegetais no Candomblé jêje-nagô do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 220p. 1993.

CAMARGO, M.T. *Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros. II: Estudo etnofarmacobotânico*. São Paulo: Ícone, 232p. 1998.

*Cuidados com a vida*, Instituto Ecofuturo, São Paulo, 133p. 2011.

LISBOA, M.; BARROS, J.N. *Direito humano ao meio ambiente*, INESC, Curitiba, PR 44p. 2008

*Saber cuidar, Volume I*, Instituto Ecofuturo, São Paulo, 120p. 2009.

*Saber cuidar, Volume II*, Instituto Ecofuturo, São Paulo, 118p. 2011.



## Contando um **conto**: aprendendo um tanto sobre a Floresta Amazônica

**ADENIR VENDRAME** EM COAUTORIA COM **EDILAINE TOSTA DE MORAIS** - **JURUENA, MT**  
Centro de Educação Infantil Arco-Íris



## Um **paraíso** enquanto há canto...

**RISONEIDE ALVES PEQUENO** - **TIMBAÚBA, PE**  
E.M. Dr. João Ferreira Lima



## Borboletas para as **flores** do Flôres da Cunha

**LUIS ROBSON MUNIZ** EM COAUTORIA COM **FERNANDO DE PADUA LAURENTINO** E **ROSELY MARCHETTI HONÓRIO** - **SANTO ANDRÉ, SP**  
EMEF Deputado Flôres da Cunha



“Particpei com o coração cheio de carinho e esperança de poder repartir com outras pessoas um pouco da pedagogia da floresta, vivida, com toda a sensibilidade, por minhas crianças, aqui, num pedacinho da Amazônia.”



“Muito obrigada pela oportunidade que me deram de compartilhar o “meu mundo” com outras realidades Brasil afora.”



“Num efeito dominó de sensibilização sinérgica, acreditamos e esperamos que nosso projeto sirva de referência para outros candidatos a ‘jardineiros’ do saber sustentável. [...] Fomos ‘tsunamizados’ por um sentimento de imensa satisfação pessoal e profissional, pois nós três, apesar de professores experientes, somos completamente neófitos nesta frutífera mas audaciosa seara do ensino interdisciplinar e contextualizado nas demandas ‘glocais’ de nossa sociedade.”

BONTEMPO, Ginia César. *Educação ambiental infantil*. Viçosa, MG, 2006.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do ser humano - compaixão pela terra*. 11.ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2004.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida*. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

*ABC da Passarada*. Lalau e Laurabeatriz, *Fora da gaiola e outras poesias*. São Paulo: Cia. das letrinhas, 2001.

*Corujice*. Elias José. *Boneco maluco e outras brincadeiras*. Porto Alegre: Projeto, 1999.

Coloridas e Barulhentas. “Nossa turma em perigo” In: *Revista Recreio*, ano 3, n. 150. São Paulo, Abril 23/1/2003.

Música: Como uma onda - Lulu Santos.

“A menina e o pássaro encantado” e “Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas”. Rubem Alves.

“Revoada”. Rangel Alves da Costa.

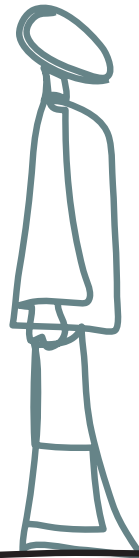
“O Passarinho e a Árvore”. Jorge Linhaça.

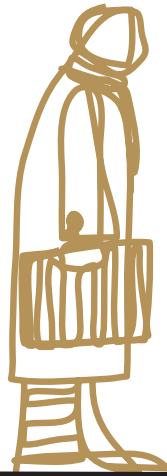
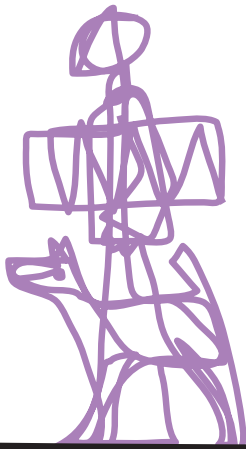
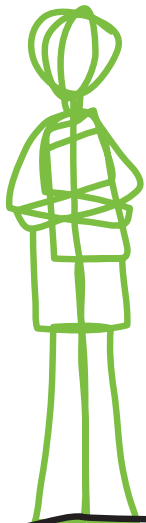
AGENDA 21. [www.ecolnews.com.br/agenda21/](http://www.ecolnews.com.br/agenda21/)

CORNELL, Joseph. *A alegria de aprender com a natureza*. São Paulo: Senac/ Melhoramentos, 1997.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. *A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações*. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). *Arquivos, Patrimônio e Memória: Trajetórias e Perspectivas*. São Paulo: UNESP-FAPESP, 1999. p.11-29 ONU. *Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável*.

PATARO, Ricardo. *O trabalho com projetos na escola: um estudo a partir de teorias de complexidade, interdisciplinaridade e transversalidade*. 2008. Tese de Mestrado – Faculdade de Educação – UNICAMP. ARAÚJO, Ulisses. *Temas transversais e a estratégia de projetos*. São Paulo: Moderna, 2003.









## Cuidado, dignidade e democracia

Não se pode falar de “indivíduo democrático” quando as pessoas deixam de ser orientadas para a igualdade e o bem-estar coletivo, e passam a ser orientadas para valores de mercado, como “competitividade”, por exemplo. Quando se fala em “capital saúde”, “capital estudo” etc., o tema é valor econômico da pessoa.

Em vez de cuidar de outros e do que é coletivo, ela é incentivada a cuidar muito de si mesma, tratar de maximizar seu próprio valor econômico e despreocupar-se dos demais; a **investir** em si mesma, e não a **desenvolver-se**. A ideia clássica de liberdade como direito de participar do governo das comunidades de que faz parte desaparece, e “liberdade” passa a ser escolher o melhor investimento de si mesmo em função das regras e possibilidades do mercado.

O poder público deixa de cuidar dos cidadãos e dedica-se, então, a atrair capitais para possibilitar o cuidado dos cidadãos. Pobreza e exclusão viram um subtema da competitividade.

As concepções de DIGNIDADE HUMANA de Kant (o homem como fim, e não como meio), de Locke (o homem tem direito à proteção) e de ROUSSEAU (os homens se reúnem e se organizam para se governarem) desaparecem, e a pessoa passa a ser vista como um capital, que pode ser rentável ou não – e, se não for “rentável”, sacrificável no altar dos valores econômicos.

**Wendy Brown**, professora na Universidade de Berkeley, autora de *Os novos hábitos da política mundial*

## Teoria do Cuidado

Hoje existe uma corrente de pensamento/estudo/filosofia do CUIDADO.

Cuidado é tudo o que as pessoas fazem para manter, preservar, reparar, restaurar, conservar, aprimorar o mundo, de modo a viver nele o melhor possível.

O cuidado também é uma ferramenta para analisar criticamente uma sociedade: numa democracia, a IGUALDADE é a melhor distribuição possível de cuidados.

Existem dois tipos de cuidados: os NECESSÁRIOS, que dependem de outras pessoas, como os cuidados médicos, por exemplo; e os PESSOAIS, que cada um pode fazer por si mesmo, e que os privilegiados costumam delegar a outras pessoas (como é o caso da limpeza da casa, da preparação de alimentos, da estética...).

Numa sociedade desigual, muitos cuidados NECESSÁRIOS costumam faltar para as pessoas carentes; quanto mais carentes, menos cuidados recebem, e mais tempo devem dedicar a produzir cuidados PESSOAIS para outros – cuidados remunerados, que, na verdade, servem a indivíduos, e não à sociedade como um todo.

**Joan Tronto**, professora de Filosofia e de Ciências Políticas na Universidade de Minesotta, cujo trabalho foi o marco inicial da filosofia do cuidado.







## Uma **andorinha** só faz verão?

**ELIANA MARIA NICOLINI GABRIEL**

ESCOLA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE

**BOTUCATU, SP**

28 «Quando conheci o lugar, em 1998, voltei a sonhar com a implantação da escola ambiental. O mosaico de ecossistemas aí presentes, acoplado à beleza cênica da represa, garantia ao lugar uma harmonia que sempre me encantou...»

Depois de ler o regulamento do 3º prêmio Ecofuturo de Educação para a Sustentabilidade, me veio a frase de Aristóteles: uma andorinha só não faz verão. Comecei, então, a resgatar o passado nas gavetas da minha memória, mais precisamente no ano de 1992. Eu, que sou bióloga, trabalhava então na Prefeitura Municipal de Jahu, SP. Naquela época, ainda era tímida a fala sobre educação ambiental dentro dos órgãos públicos municipais. Por isso, tentei formatar um projeto ambiental para trabalhar com professores e alunos do Ensino Infantil naquele município. Apesar de me ver numa sala cercada de pessoas que trabalhavam com o serviço burocrático municipal, tinha o sonho de implantar uma escola num lugar que abrigasse um remanescente de floresta para trabalhar com professores e crianças.

Formatado o projeto, cheguei a apresentá-lo num dos eventos paralelos da Eco-92, no Rio de Janeiro. Depois de muito procurar, encontrei uma pequena área de mata em meio ao “mar” de cana-de-açúcar do município de Jahu. Levei crianças, jovens, idosos e educadores a essa floresta. Até o prefeito da cidade plantou árvores no local. Mas a escola não foi construída...

Apesar de trabalhar em Jahu, eu residia em Botucatu, onde me formei em Ciências Biológicas pela UNESP, mas viajava todos os dias, por acreditar em meu sonho e lutar por ele. Entretanto, essas viagens continuaram até meu filho João Paulo chegar à idade de frequentar a escola infantil. Aí, tive que optar pela estabilidade emocional e educacional dele. Não foi fácil... O processo de exoneração do meu cargo foi um parto, depois de nove meses, entre as licenças-prêmios e férias que eu ainda não tinha tirado.

Em Botucatu, tive a oportunidade de prestar um concurso, em 1996, para professor de Biologia, para lecionar no Ensino Médio regular e no supletivo. Em sala de aula, aprendi muito com as dificuldades, os anseios, os medos, a criatividade e a alegria de meus alunos. Com eles, também tive a oportunidade de conhecer melhor Botucatu. Saía muito a campo com os alunos do período diurno, para coletar água na nascente do Ribeirão Lavapés, curso d’água que atravessa o município. Naquele local abandonado havia, além da nascente, uma linda represa desse ribeirão e remanescentes de floresta e cerrado. Aparentemente, o local era sinistro, para quem tivesse somente o olhar do abandono, uma vez que ali eram escondidos os produtos de furtos e, à noite, o local era frequentado por usuários de drogas. Quando conheci o lugar, em 1998, voltei a sonhar com a implantação da escola ambiental.



O mosaico de ecossistemas ali presentes, acoplado à beleza cênica da represa, garantia ao lugar uma harmonia que sempre me encantou...

Comecei minha luta, então, para conquistar pessoas que estivessem na Secretaria Municipal de Educação, para que acreditassem na minha ideia e investissem nela.

O tempo foi passando... No final de 2003, com o nascimento da Anna Clara, minha filha, ganhei outro presente: a certeza de que no lugar sonhado seria construída a escola almejada. Com a Anna Clara, me enchi de energia para trabalhar no projeto de funcionamento da escola.

A Escola do Meio Ambiente, assim batizada em abril de 2005, juntou pessoas com histórias diferentes, mas com um mesmo ideal: educar por meio da sensibilização de pessoas.

Pesquisamos os diferentes ecossistemas da escola para dali tirarmos os conteúdos que trabalharíamos nos caminhos ecopedagógicos a serem ali implantados. Afinal, os alunos recebidos não seriam emparedados: as salas de aula da escola estariam na natureza, uma vez que o prédio serviria apenas para sediar a administração, a cozinha e os banheiros. O resultado das pesquisas realizadas na área foi decodificado e publicado em cartilhas ilustradas com aquarelas biológicas pela bióloga e arte-educadora Sibeles Gimenez Martins.

Atualmente, fazem parte do quadro administrativo da Escola do Meio Ambiente a direção, arte-educadores, monitores, estagiários e auxiliares de limpeza. A escola atende mais de 15.000 pessoas por ano em seus diferentes caminhos ecopedagógicos, onde se utiliza uma metodologia característica, baseada no método peripatético, ou seja, caminhar ensinando com a simplicidade da natureza.

Considerando-se o pensamento de Leonardo da Vinci que diz que todo conhecimento começa a partir do sentimento, temos procurado estabelecer um vínculo amoroso entre nossos visitantes e a Escola do Meio Ambiente para que, com a sensibilização, eles queiram aprender mais sobre a natureza e dela se tornem aliados.

Entre histórias encantadas ou aventureiras, ao som de canções entremeadas com a vocalização dos passarinhos, sapos, rãs e pererecas, as salas de aula da Escola do Meio

Ambiente se mostram, ao longo do ano, nos seguintes caminhos ecopedagógicos:

**Trilha Encantada:** para crianças de 4 anos. Neste caminho, fadas e espantalhos mostram uma convivência possível, alegre, agradável e encantada na Floresta Irmãos Villas Bôas.

**Trilha Indígena:** aprender em meio à floresta sobre a cultura e os costumes dos índios é o principal objetivo deste caminho destinado às crianças de 5 anos.

**Trilha do Peabiru:** a história de Botucatu fica divertida e fácil de aprender quando as crianças de 6 anos percorrem o caminho do Peabiru.

**Trilha do Tatu:** aventurar-se com os alunos de 7 anos é possível neste caminho que procura o tesouro da floresta: a água.

**Trilha do Jequitibá:** os alunos de 8 anos buscam o gigante da floresta neste caminho repleto de curiosidades.

**Trilha do Sujão:** a abordagem sobre o lixo, destinada aos alunos com 9 anos, é transmitida de forma divertida e engraçada com a participação ativa das crianças.

**Trilha Agroecológica:** plantar, colher, fazer o composto, preparar o alimento orgânico e saboreá-lo num prazeroso piquenique são os principais pontos deste caminho destinado às crianças de 10 anos.

**Trilha da Água:** neste caminho, os alunos de 11 anos são pesquisadores que buscam a vida na água da represa, nas nascentes e nas poças d'água do ribeirão Lavapés.

**Trilha da Biodiversidade:** aqui, os alunos de 12 anos buscam todas as formas de vida vegetal e animal.

**Trilha da Interação:** comparar as diferentes formas de vidas existentes nos diferentes ecossistemas da escola é o principal objetivo dos participantes de 13 anos.

**Trilha do Reconhecimento:** reconhecer-se como parte integrante da natureza é o que mostra esta trilha aos seus participantes de 14 anos.

**Trilha do InterSer com a Natureza:** alunos do Ensino Médio, com 15, 16 ou 17 anos, percorrem este caminho, que tem como objetivo principal apresentar nossa interdependência neste planeta.

**Caminho para Sentir a Natureza:** deficientes auditivos, deficientes visuais e idosos percorrem este caminho participando de vivências que lhes dão a oportunidade de “ler” a natureza por meio dos sentidos.

**Caminho de Reverência à Vida:** neste caminho, educadores, agentes de saúde, médicos e outras pessoas que estão neste planeta para cuidar do próximo reverenciam







com alegria a vida, e são a todo momento cuidados pela equipe que conduz a trilha.

**Caminho para Paz:** realizado à noite, à luz de velas. Os participantes percorrem um pequeno trecho de estrada em silêncio e, em vivências carregadas de simbolismo, procuram encontrar a paz para si e para o outro.

Os visitantes avaliam os caminhos ecopedagógicos acima apresentados respondendo a questões abertas que proporcionam a liberdade de se expressar totalmente à vontade. A equipe da escola avalia as sugestões dos participantes para implantar as mudanças necessárias, sempre visando o acolhimento das pessoas atendidas.

Também participam de nossas vivências socioambientais pacientes do Hospital Psiquiátrico de Botucatu, menores infratores da Fundação CASA e deficientes auditivos e visuais do Núcleo de Apoio Pedagógico do município. Entre as atividades desenvolvidas estão a horta da escola, com preparação do composto orgânico e dos canteiros, plantio, colheita e preparo do alimento – tudo isso aliado a muita música, histórias e carinho.

A revitalização do local, com a construção da Escola do Meio Ambiente, não só garantiu a preservação dos ecossistemas aqui presentes, mas também trouxe rumo novo à minha história de vida, à história de todos os que trabalham na escola e também à história do próprio município. Com a metodologia desenvolvida pela EMA, conseguimos, em 2010, o certificado do Programa de Escolas Associadas à UNESCO. Atualmente, estamos caminhando para a implantação da UMAPaz – Universidade Aberta do Meio Ambiente de Botucatu, com o objetivo de difundir para outros lugares a missão da Escola do Meio Ambiente: educar pela vida e pela paz. Aprendi, ao longo da minha trajetória de vida, que sonhar é essencial para a alma!

Como educadora da Escola do Meio Ambiente, tenho aprendido muito com todos os que por aqui passaram ao longo destes sete anos, o que tem me motivado a buscar maneiras diferentes e inovadoras de educar. Ouço da minha sala, neste momento, crianças da Trilha do Sujão pronunciarem seu nome indígena, soletrando apenas as vogais do nome de batismo delas... A emoção toma conta de meu ser. Aproveito o instante para agradecer a Deus pela missão.

Ao final destas palavras, agradeço a oportunidade de contar o quanto a Escola do Meio Ambiente tem modificado minha vida e a de todos os que dela participam. Volto,

neste momento, a pensar na frase de Aristóteles, indagando com ela a todos que lerem este texto singelo: uma andorinha só não faz verão?

Para finalizar, peço-lhes a gentileza de buscarem a resposta dentro de vocês, lembrando que todos temos um universo dentro de nós, capaz de transformar o planeta.





## O olhar de quem ama

**ELIANE DE PAULA ROCHA**

ESCOLA MUNICIPAL CRISPIM BIAS FORTES

BARBACENA, MG

34 «Diante da fotografia característica vêm-nos, em uma rajada única, a ternura e o prazer estético. Inseparáveis e indistinguíveis, consistentes e indisfarçáveis, em uma só rajada, todos os ricos sentimentos que a pobreza emocional dos dias de hoje não foi ainda capaz de consumir e devorar. »

Em 1992 eu tinha 18 anos e acontecia a ECO 92. Fiquei deslumbrada, aquele evento com gente do mundo inteiro querendo salvar o planeta... Acompanhei pela TV sem muito fazer. Os anos passaram e, quando me formei professora em 1997, época da Rio+5, tive acesso à Carta da Terra. Logo, falar sobre a agenda 21 passou a ser uma prática rotineira em minha sala de aula. Mas, até aquele momento, apenas falava...

O que mudou de 1992 para cá? Muitas coisas se transformaram e restava a dúvida: aquela que só assistiu saberia efetivamente ajudar? Propor um projeto de reciclagem era uma atividade comum e diversas vezes trabalhada em sala de aula. Além disso, era uma realidade distante da de nossos alunos. Porém, quando acessei o material, deparei-me com o seguinte trecho: “O planeta não precisa mais de pessoas bem-sucedidas; precisa desesperadamente de mais pacificadores, curadores, restauradores, contadores de histórias e amantes de todos os tipos. Precisa de pessoas que vivam bem no seu lugar. Precisa de pessoas com coragem moral querendo aderir à luta de fazer o mundo habitável e humano. E essas qualidades têm pouco a ver com o sucesso como nossa cultura o definiu”.

Foi então que aquela frase, “vivam bem em seu lugar”, me estimulou a uma reflexão sobre o que eu poderia fazer. Refleti sobre o projeto de alfabetização que desenvolvo há cinco anos, denominado “Minha escola, minha vida”, onde busco promover a alfabetização por intermédio da realidade de cada um, integrando meus alunos a sua comunidade, conhecendo as pessoas, visitando, tomando café e ouvindo histórias, conhecendo o brinquedo favorito, o animal de estimação, enfim, entrando em seu mundo e trazendo todos os amigos para que juntos possamos construir um aprendizado coletivo. Isso é Paulo Freire, é leitura de mundo.

Percebi que já estava no caminho ajudando um pouquinho minha comunidade. Mas ainda sentia que poderia fazer algo para trabalhar a Rio+20. Mas o que teria eu com isso tudo? O que tudo aquilo teria a ver com o meio ambiente? Depois de diversas vezes ler o material, cheguei à conclusão de que já havia trabalhado com famílias, todos já se conheciam e conheciam também toda a comunidade. Era o momento certo de integrá-los ao meio ambiente, a tudo que os cercava. E, era preciso valorizar aquele pedacinho do mundo.

São crianças de 6 e 7 anos. Tão pequeninos, quais seriam os seus olhares sobre aquela comunidade? Como aquelas famílias poderiam ser despertadas para uma consciência



ecológica? A solução era mostrar o quanto é bonito o lugar onde vivemos. O quanto ele faz diferença em nossa cidade.

A ideia principal do projeto é fotografar as paisagens e lugares de destaque em nossa comunidade. A primeira aula foi de fotografia: como manusear a máquina. As fotos são simples, de paisagens que você vê em sua janela, e que muitas vezes passam despercebidas em nossas rotinas corridas; o caminho que faz para escola; o lugar mais divertido em nossa comunidade; o trabalho de seus pais (que são, quase na totalidade, agricultores). O olhar de quem ama nascia ali.

Nós começamos a limpar nossos olhos, a ver o que antes era cotidiano. A primeira aluna a levar nos surpreendeu desde o primeiro momento. A pequena Letícia, de sete anos, ao apresentar suas fotos tornou-se protagonista de sua história, de seu jeito de ver o lugar que a rodeia. Todos ansiosos e curiosos para ver as fotos da menina, o seu olhar. O que teria ali que eles ainda não tinham visto? E assim a aluna, ao exibir sua primeira fotografia, na condição de fotógrafa, explica: “Aqui da minha janela vejo a casa dos meus amigos”. Conta das nuvens que se escondiam rapidinho atrás da montanha e continua sua sessão de fotos, calmamente. E o “público” queria mais, queriam saber. Vi o encanto no olhar dos amigos, como se aquele lugar fosse novo.

Percebi então que o projeto estava profundamente relacionado ao Rio+20. Uma educação ambiental, assim como o debate proposto pela ONU sobre “Pontos de virada sociais, graças a mudanças de atitudes coletivas (Quem sabe, assim, muda o jeito de consumir que é destrutivo?)”. Na comunidade de Torres de São Sebastião existe uma grande necessidade de mudar as formas de plantação, de preservar o ambiente que nos cerca. E quem melhor do que as crianças para garantir essa mudança, que se propagará no futuro?

O projeto “O olhar de quem ama” busca dar ênfase ao papel das interações sociais, permitindo pensar um ser humano em constante transformação e construção, que confere significados à vida por meio de suas próprias descobertas, passando a valorizar o ambiente em que vive, sentindo a necessidade praticamente automática de protegê-lo. Com o projeto buscamos compreender que aquele ambiente, aquele espaço de convivência é parte de um processo que, dialeticamente, age sobre nós, mas também permite que partici-

pemos da construção de nossa própria história, a qual, por sua vez, caminha integrada com outras memórias e histórias.

O ato de fotografar sua comunidade é um modo de relacionar a vida de cada um com a realidade em que vive. O trabalho é totalmente interdisciplinar. Além do caráter ambiental, passa pela alfabetização, com a leitura de imagens; pela matemática, com a exploração das formas, quantidades e cores; pela contextualização da história, pessoal e da comunidade; e, por fim, pela geografia, com o brincar com espaços e a confecção de mapas de como chegar.

Por meio dele os pequeninos ali envolvidos poderão descobrir que imagens têm histórias, e esse é um jogo instigante. A fotografia é uma fonte inesgotável de prazer e de conhecimento, que permite transformar nossa visão de mundo, da sua comunidade, reavaliando sentimentos, emoções, encontrando respostas para conflitos, conhecendo novos mundos, culturas e pensamentos diferentes, na própria comunidade, e transpondo todos os sentimentos para todos aqueles que puderem observá-la.

O significado de sua fotografia não se descreve: se sente. E sente-se de um modo especial, que provém do que o educando reconheceu em todo o seu mundo, compartilhado por seus semelhantes. É o despertar de um amor adormecido, para o qual o cotidiano fechou as cortinas de nossos olhos.

Diante da fotografia característica, nos vêm, em uma rajada única, a ternura e o prazer estético. Inseparáveis e indistinguíveis, consistentes e indisfarçáveis, em uma só rajada, todos os ricos sentimentos que a pobreza emocional dos dias de hoje não foi ainda capaz de consumir e devorar. Propor que os educandos, no tocante à história e aos bens culturais locais, adquiram um conhecimento do passado daquele lugar, e qual será o futuro dele, fazer refletir sobre suas fotografias, propor discussões sobre como é hoje, como era antigamente e como será no futuro, é um exercício necessário. O projeto começou a despertar inquietações, reflexões nas quais talvez eu ainda não tivesse pensado quando começamos a compreender o presente de nosso distrito, fortalecendo sua identidade e tornando as aulas mais significativas, garantindo uma aprendizagem mais eficiente. Mas como fazer isso? Agora a situação se torna mais divertida, eles querem mais do que vêm





em suas fotos, querem o que era passado, comparar ações, ver modificações. O projeto toma corpo e começamos a investigar a história de nosso distrito. E a nossa ferramenta principal, a fotografia, é a resposta e o caminho. Os pequenos estão pesquisando com os familiares, movimentando a comunidade, encontrando sua identidade.

Desejam fotos antigas, querem contexto, e eles têm apenas 6 ou 7 anos. Tão pequenos e com tanta sede! Cada nova aula com os pequenos fotógrafos é uma nova descoberta. O olhar é muito interessante. Em outro dia, trouxeram a foto do céu de nosso distrito com a seguinte descrição: “o céu daqui é o mais lindo do mundo”. É emocionante, e agora, escrevendo, é assim que me sinto.

Em outra apresentação, a pequena Janete levou a foto do cemitério. Fiquei preocupada com a sua explicação e ela, em toda sua simplicidade de seu mundo de criança, disse apenas: “aqui é o cemitério, e o bom dele é que quem morre aqui fica pertinho de casa”. Pode um olhar de quem ama ser maior que esse? O objetivo inicial era conhecer e valorizar o distrito de Torres de São Sebastião, no município de Barbacena, que vive basicamente da agricultura, e onde a maioria de nossos alunos terminam por abandonar os estudos para trabalhar na agricultura. Porém agora o objetivo é muito maior: é estabelecer vínculos com o lugar onde vivemos, amar para cuidar, um amor que estava escondido.

Em outro momento, depois de tanto ver a foto de um toco que fica no alto de uma montanha, resolvemos todos ir ver de pertinho num piquenique. Foi um dia fantástico, todos queriam tocar, sentir, contar as lendas. E há quem diga que, em algumas noites, ele libera faíscas, coisas de cabeças cheias de sonhos. É assim, descobrindo e redescobrimo, que aprendemos a cuidar de nosso pedacinho. Pretendemos partir agora para palestras com os pais, pois a foto de um dos alunos, Wemerson, foi feita quando seu pai aplicava agrotóxico, e podemos notar que não usava nenhuma proteção. Debates sobre o assunto e resolvemos juntar a comunidade para alertar sobre esses perigos.

A avaliação tem sido diária, de acordo com a participação, e pretendemos obter os frutos do projeto a longo prazo. São crianças que estão no 1º e 2º anos, mas crescem com uma perspectiva diferenciada, observando o lugar onde vivem com um olhar mais poético, mais cuidadoso, sabendo que, se não cuidarem, não terão para viver. Aprender a cuidar é

a chave de tudo. No fim do ano pretendemos montar uma exposição de fotografias com o ontem que recolhemos e o hoje que “olhamos”. Montar a nossa história, conhecer quem vive ali e a beleza daquele lugar.

O projeto é uma continuidade. Pretendemos que essa curiosidade se espalhe pela comunidade e pelos outros anos do ensino fundamental, e contagie a todos.

Em 1992, na ECO, eu só assisti. Hoje eu estou interagindo, agindo, fazendo uma pequena diferença, sendo menos passiva e possibilitando a outros que também o sejam. Rio+20 e eu com isso? Percebi que sou eu com isso em tudo. Não vamos mudar o mundo, mas nosso pedacinho vai fazer diferença.

“Observar, compreender, sentir, amar... enfim, cuidar!” (Instituto Ecofuturo, 2011). É isto o que sonho para esses pequenos hoje: que amem aquele pedacinho, saibam cuidar, respeitar o próximo, e, quem sabe, assim servir de exemplo para outros pedacinhos que, numa grande colcha de retalhos, podem cobrir o mundo numa noite de frio de forma bem acolhedora. É um projeto simples, sem gastos, sem grandes projeções, mas com grandes intenções...



As atualizações do Projeto estão disponíveis semanalmente em:

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.298367386937384.67913.100002923751908&type=3>





## Sonhos para plantar

**JOÃO PAULO BECKER LOTUFO JR.**  
EMEF MARECHAL EURICO GASPARGUTRA  
SÃO PAULO, SP

40 « É preciso cuidar da terra, amá-la. (...)  
É lançar as sementes sabendo que muitas ficarão adormecidas entre  
as folhas caídas por muito tempo até que seu ambiente esteja pronto,  
adequado para poder germinar, florescer e dar frutos. »

“Escrever é construir mosaicos. Juntar uma infinidade de fatos em si mesmos sem sentido para com eles fazer uma coisa, uma única coisa, que seja bela. O sentido de um mosaico não está nos cacos. O sentido do mosaico está na beleza, muito maior que os cacos. Vou contá-lo à imagem do meu mosaico porque eu também sou um mosaico.”

Rubem Alves

As aulas começaram e já na primeira semana os alunos da EMEF Marechal Eurico Gaspar Dutra aprendem uma palavra nova e diferente: Permacultura. Parece até travalíngua, mas, depois que se acostuma a falá-la (demora um pouquinho até sair sem dificuldade), já é possível descobrir que esse palavrão é uma junção de dois conceitos: permanência e cultura. Assim, durante algumas aulas eventuais, a conversa sobre se é possível viver no planeta em harmonia com o planeta passa a ser pauta, gera uma certa curiosidade mesclada com desafio e, após uma rápida gestação, nasce um novo projeto na nossa escola: O Clube de Permacultura.

Nossa escola fica na zona sul da cidade de São Paulo, mais precisamente na Rua do Boqueirão, no Jardim da Saúde. É uma escola pública municipal normal. Temos todos os problemas e desafios da realidade do ensino público. Temos também algumas coisas bem peculiares. Uma delas, que é o nosso charme, é que presentearmos transeuntes que passam pelas nossas calçadas com uma bela sombra, com direito a flores e canto de pássaros. Toda a escola é cercada por árvores que sombreiam e embelezam o entorno.

Com a criação do clube e as inscrições dos interessados o desafio passa a ser o de estabelecer uma identidade para o grupo. Após muitas sugestões e uma disputada eleição, nosso clube foi batizado de “Clube de Permacultura Floresta Verde”.



Nascido e batizado, nosso grupo passou para a próxima etapa de vida: a de ser reconhecido pelo mundo. Isso se deu em dois momentos complementares: a criação dos nossos logotipos, utilizados nas carteirinhas de identificação dos participantes do projeto, e a permissão da direção para utilizarmos um pequeno espaço da escola para desenvolver nossas aventuras permaculturais. Não poderia ser melhor, pois esse espaço era uma parte do jardim da escola, o que despertou o nosso primeiro sonho: construir um laboratório de ecologia cultivada para o Eurico.

Com o grupo estruturado e um objetivo traçado, começamos a trabalhar e improvisar. Logo no início, aprendemos que algumas necessidades exigem uma apresentação formal, e que um ofício, às vezes, pode ser de muita utilidade. Descobrimos também que planejar e replanejar é tão necessário quanto difícil, e a paciência, a observação e o ato de revisitar as ideias são ingredientes indispensáveis para qualquer tipo de trabalho. Em poucas palavras: a permacultura é um arcabouço teórico que busca possibilidades para se viver bem e em harmonia com o planeta. A permacultura é sustentada por três princípios éticos: Cuidar da Terra, Cuidar das Pessoas e Compartilhar os Excedentes.

Ao refletirmos sobre o Cuidado com a Terra, percebemos que apesar de nosso espaço ser no jardim da escola, ele estava triste, fraco e pouco cuidado. Após avaliarmos e compararmos seu estado com algumas ideias e experiências apresentadas em momentos teóricos, decidimos que optaríamos por começar por um dos motes permaculturais: sistematizar a água e criar solo.

O “Cuidar das Pessoas” surgiu também como uma prioridade para o fortalecimento do grupo. O cuidado com as pessoas não é tão simples como parece. Muitas vezes a forma com que nos relacionamos com o outro tem muito pouco cuidado, o que nos faz perceber que ainda estamos muito longe de onde gostaríamos de estar. No momento nos concentramos em tentar evitar a utilização de palavras deselegantes. Parte da dificuldade de superar esse costume está no fato de hoje considerarmos comum utilizar os xingamentos em quase todas as frases que pronunciamos.

Outra iniciativa de cuidado foi o “Momento Olá!”. No início das atividades nós nos apresentamos e respondemos algumas perguntas sobre comida favorita ou time de futebol,

por exemplo. Em seguida mostramos, pelo “termômetro”, como estamos nos sentindo. Se a pessoa quiser explicar o porquê dos sentimentos também pode. Se não quiser, tudo bem. Quando identificamos alguém que não está bem, o grupo se compromete a cuidar dessa pessoa e dar mais atenção a ela nesse dia.

O termômetro é assim: ao invés de explicarmos com palavras como estamos nos sentindo (coisa que nem sempre é fácil), mostramos como estamos com o polegar, como se fosse um medidor de felicidade. Quando o polegar está para cima, significa que estou ótimo, para baixo, que não estou legal e, na horizontal, equivale ao mais ou menos.

Compartilhar os Excedentes também não é a coisa mais natural de fazer quando não estamos em grupos bem pequenos e íntimos. Hoje já praticamos essa ideia quando alguém traz algum quitute para o clube. Nossa expectativa é a de colocar essa ideia para valer quando começarmos a colher os frutos de nosso jardim.

Quando começamos o clube, o nosso espaço se resumia a um retângulo isolado por uma porta de ferro, com solo exposto (sem húmus ou matéria orgânica, que são a parte nutritiva do solo para as plantas), uma bananeira, uma goiabeira, uma pata-de-vaca e um hibisco.

De início, e tentando aplicar a metodologia de planejamento permacultural, observamos a natureza, percebemos suas curvas e desenhamos um mapa de como poderíamos construir um caminho entre as árvores que favorecesse o aparecimento de novos espaços para plantar e utilizasse um boa parte dos ladrilhos e entulhos que estavam por toda parte. Após alguns rabiscos e muitas apagadas conseguimos montar a nossa trilha. O segundo passo, após o caminho, foi montar um cercado que definisse os locais de plantio e contivesse a matéria orgânica para fornecermos nutrientes e água para as plantas.

Na permacultura também temos alguns princípios de desenho. Entre eles, um que aprendemos na prática foi o “Observe e Interaja”. Após algumas semanas de plantio, fomos percebendo que, apesar de o solo já estar bem mais rico em nutrientes, as plantinhas não deslanchavam, morrendo depois de um tempo. Ocorreu, então, a ideia de experimentar outras sementes para ver se alguma coisa mudava. Acabamos por compreender que nos-





so espaço é bastante sombreado para as flores que desejávamos ver crescendo. Optamos por outras plantas que não eram “tão bonitas” mas que eram de sombra. Após algumas semanas tivemos uma surpresa. Os inhames cresceram felizes da vida e, apesar de não ornarem o jardim da forma como primeiramente imaginamos, eram muito mais divertidos do que qualquer outra flor. Quando jogamos água em cima de suas folhas largas, gotas enormes de água se formam em sua superfície e ficam dançando de um lado para o outro sem se desmanchar. Reformulamos o que pensávamos ser um “jardim bonito” e agora é impossível pensar em um plantio sem plantas “divertidas”.

O olhar de nosso laboratório de ecologia cultivada assume a agricultura de forma mais natural, parecida com a dinâmica ecológica da mata. O nome que se dá a essa iniciativa é Agroecologia.

Outro dia recebemos uns alunos curiosos que estavam passando por perto do nosso espaço. Essas visitas dos alunos que não fazem parte do projeto e que só querem conhecer ou brincar um pouco com a terra sem nenhum compromisso é algo bem corriqueiro. Nessa visita, nós pudemos verificar, na prática, a “sabedoria da natureza”. Uma das coisas que mais choca nossos visitantes é o solo ricamente coberto por folhas oriundas das árvores do jardim. Devido a nossa vivência, temos a expectativa de encontrar o solo com a terra exposta, ou, como dizem, “limpo”, sem sujeira (referindo-se às folhas). Não foi diferente nessa vez. Depois de não aguentar mais de inquietação, nosso convidado questionou a aparência dos canteiros. Explicamos que o solo estava assim porque tentamos imitar a dinâmica natural de uma mata. As folhas que estão no chão garantem que, embaixo delas, a terra permaneça úmida e fresquinha por muito mais tempo, e, posteriormente, tornam-se adubo. Como nosso visitante não se convenceu, nós o convidamos a pôr a mão dentro das folhas até chegar ao solo. Para sua surpresa, o solo estava completamente úmido, chegando até a fazer lama.

Com o passar dos dias e o enriquecimento das nossas experiências, começamos a querer incrementar ainda mais o laboratório. Mas como arranjar material para executar os nossos sonhos sem gastar dinheiro, pois não tínhamos nenhum? A solução veio com receio e preconceito.

Resolvemos utilizar aquilo que, para os outros, não tinha mais uso. Fomos procurar nos lixos e caçambas da região. Além de conseguir uma “mesa” para o trabalho manual, acabamos por decidir que os cabos de vassoura descartados seriam perfeitos para montar os muros dos canteiros. As garrafas PET poderiam servir de vasos para as sementes e de regador (fizemos vários furinhos nas tampas das garrafas para esguichar a água).

Após alguns meses de trabalho, tivemos um nova oportunidade. A escola estava separando os materiais que seriam destinados para o “cata bagulho”. Daquilo que “não prestava” mais para a escola, conseguimos construir mais uma mesa com meia tabela de basquete (deu um trabalhão cortá-la ao meio), além de uma boca de bueiro, um porta-ferramentas e uma placa para o nosso clube. Nesse ponto, o sentimento desconfiado de utilizar o “lixo” das outras pessoas já havia se transformado em aproveitar uma oportunidade dada. Sem percebermos, já havíamos nos apropriado de mais um princípio permacultural: “Os problemas são oportunidades”.

E aqui a relação entre adulto e criança torna-se ainda mais prazerosa, pois a experiência de um soma-se à potente criatividade do outro, estabelecendo um maravilhoso contato entre esses dois mundos. Há ainda a gostosa sensação de liberdade proporcionada pelo clube, pois nos dá a oportunidade vital de traçar e retraçar nossos caminhos, aprendendo a observar e avaliar o que vai bem ou o que, devido a uma nova realidade, já não nos serve. O contato da nossa turma “urbana” com a “natureza” gerou muitos desafios e aprendizados. Alguns alunos tinham “nojo” da natureza. Não queriam encostar em nada. Quando definimos que uma das nossas opções para melhorar o solo para o plantio seria a de produzir húmus e adubo líquido com uma fazenda de minhocas, o estranhamento e uma curiosidade desconfiada tomaram conta da turma.

A fazenda de minhocas nada mais é do que um sistema de vermicompostagem com caixas empilhadas que transforma lixo orgânico em húmus e adubo líquido, o qual foi batizado de “xixi das minhocas”. É a metodologia ideal para tratar resíduos orgânicos em pequena escala, pois seu sistema fica isolado do exterior, o que evita visitas indesejadas de animais como baratas e ratos e exige pouca manutenção.





Dessa forma, passamos a ter novas responsabilidades cotidianas. A experiência de ter que “cuidar” das minhocas, alimentá-las e retirar seu “xixi” está sendo muito rica para os associados. Estamos superando “pré-conceitos” e vivenciando o difícil aprendizado da responsabilidade. Da mesma forma que alguns alunos tiveram nojo e demoraram muitos dias para pensar em se relacionar com nossas minhocas, outros, no mesmo momento em que foram apresentados para nossas amigas do solo, já as pegaram para conhecê-las melhor, sem nenhuma cerimônia. Com o passar do tempo, fomos nos apropriando dessa prática e tivemos até um aluno que levou algumas minhocas para tentar reproduzir a vivência de compostagem em casa.

Na mesma semana em que a fazenda de minhoca foi implantada, tivemos um acontecimento muito legal. Durante uma aula de ciências do 7º ano, de que alguns dos nossos associados fazem parte, o conteúdo foi relacionado pelos alunos com o que estávamos fazendo no clube. Com isso, eles convidaram a professora a levar a classe para ver na prática o conteúdo da aula. Estavam estudando os oligoquetas (minhocas) e lá no clube tinham uma caixa cheia deles. A professora topou e a classe teve um saída de campo e aula prática improvisada.

Dessa forma, o nosso clube já está realizando sua função de laboratório e, informalmente, contribuindo para a construção do conhecimento na escola. Sempre que conseguimos relacionar nossa prática permacultural com alguma disciplina, levamos coisas do clube para a aula ou vice-versa. Já “pegamos emprestados” do nosso jardim vasos com mudas, húmus, insetos e bananas para enriquecer nossas aulas.

A história de que estávamos criando minhocas no clube se espalhou pela escola e o professor de leitura se lembrou de um livro sobre minhocas que estava disponível na sala de leitura. No encontro seguinte nós estávamos debruçados sobre os livros entendendo um pouco melhor sobre a biologia desses animais.

Sem dúvida nenhuma, nossa vivência no clube tem nos ensinado e transformado, mesmo que seja um pouquinho de cada vez. Um exemplo de cuidado e “superação” que tivemos foi quando um de nossos companheiros quis largar o clube por ter nojo de “tudo” o que fazíamos. Não deu outra: no dia seguinte à declaração da sua dificuldade ele ganhou de

presente de um colega um par de luvas para poder mexer na terra e nas minhocas sem ter de se sujar. Esse mesmo aluno, após alguns meses de projeto, já estava bem mais simpaticante do trabalho com a terra e chegou até a participar de uma metodologia de plantio que se chama bolas de sementes. Ele literalmente botou a mão na lama para fazer bolotas de terra adubada cheias de sementes que, depois de prontas, foram lançadas por todo o jardim.

Não só estamos utilizando o clube para enriquecer a escola, sempre que podemos, mas também aprendemos muito com as coisas que acontecem na escola. Um exemplo divertido disso foi quando a direção da escola contratou um jardineiro para “dar um trato” no jardim (a parte que não utilizávamos). Acabou que, por pura curiosidade, logo no início da aula, fomos ver o que os jardineiros estavam fazendo e os convidamos para conhecer nosso clube. O resto da manhã os jardineiros passaram compartilhando seus saberes e nos dando uma verdadeira aula com muitas dicas para melhorar ainda mais o nosso Laboratório-Jardim.

Um dos grandes desafios que temos é o de um vazamento da caixa de passagem do esgoto da escola, que apareceu bem no meio do nosso jardim. Enquanto o problema estava somente no mau cheiro e na tampa quebrada, nós demos conta do recado, construímos uma nova tampa (com a outra parte da tabela de basquete velha) e plantamos ao redor algumas ervas de odores agradáveis como o manjeriço. No momento, o problema cresceu e se tornou um vazamento. Comunicamos à escola e os encanadores estão tentando solucionar essa encrenca.

No dia em que chegamos ao clube e havia esgoto por todos os lados ficamos extremamente chateados. Foi muito dolorido para todos ver o nosso trabalho naquela condição e, ainda por cima, sem a possibilidade de nós mesmos arrumarmos e limparmos as coisas. Fomos, então, para o pátio externo/jardim trabalhar e, ao chegarmos ao local, nos deparamos com muito lixo espalhado por todos os lados e um garoto literalmente quebrando uma árvore jovem. Ficamos revoltados pela forma como os outros se relacionavam com o espaço escolar. Já não considerávamos o jardim como público, sem dono e sem cuidado. Havíamos nos apropriado dele e não aceitávamos mais o descaso e a falta de respeito com ele. Cuidamos um pouco do jardim e o limpamos antes de dar continuidade aos nossos afazeres.







No presente, estamos nos preparando para a inauguração do Laboratório de Ecologia Cultivada. Já foi marcada uma feira cultural, momento em que a escola recebe a comunidade e apresenta seus trabalhos anuais. Achamos que seria uma ótima oportunidade para mostrarmos um pouco do nosso trabalho e tentar explicar o que é essa tal de Permacultura. Para isso estamos transformando nosso clube em um espaço didático. Estamos identificando as plantas e invenções com plaquinhas, para que os visitantes percebam tudo o que temos no clube. Além das placas de identificação, estamos construindo um painel explicativo sobre o funcionamento da “minhocaixa”. Os membros do clube também trabalharão na feira, realizando visitas monitoradas pelo nosso espaço para possibilitar trocas de saberes entre os associados e os interessados.

O nosso clube é isso. Uma oportunidade de comunhão, um convite ao descobrir. Vivenciamos cotidianamente diversas adversidades que nem sempre são fáceis de superar. Mas o importante não é somente o resultado final, como alguns tentam “encucar” nas nossas cabeças a todo momento. O fundamental mesmo é aproveitar o processo, pois é na construção da realidade que podemos viver a possibilidade de nossos sonhos.

Mas quem é o clube, afinal? Somos um grupo feito por pessoas de todos os jeitos e manias. Valorizamos os diversos saberes, tanto de amigos de longe (mencionados nas referências) quanto nossos próprios devaneios. Temos um garoto que é músico e que foi o responsável pela ideia da arrumação das ferramentas. Temos uma garota que chegou faz pouco tempo e já está super envolvida com nosso painel sobre as minhocas. O menino do basquete que adora dar umas marteladas e a menina que nunca falta. Quando seu termômetro mostrou que estava chateada, nós cuidamos dela. Tem o garoto tímido que descobriu as gotas de água no inhame e a artista que compartilhou suas tintas quando as nossas acabaram. O desenhista que criou o nosso logotipo e seu xará, que é viciado em mangá e vampiros. Tem um loirinho que é especialista em plantar manjeriço e outro rapaz “agitado” que sempre está cuidando de algum galho quebrado. Tem o artista que, além de permacultor, faz teatro, e um baixinho que já levou bronca em casa por ter chegado sujo de barro. Tem ainda outro que, sempre que pode, está pintando as plaquinhas, e mais outro que, apesar de aprontar muito na escola, é super tranquilo quando o assunto é jardinagem.

Existem também os nossos “namorados” oficiais. Eles sempre estão por perto, flertando. Às vezes chegam tão pertinho que até sujam as mãos. Outras vezes estão tão longe que até nos esquecemos deles. Outros passaram pelo clube e, por diversos motivos, não puderam ficar, por enquanto. Esses motivos foram desde outras responsabilidades que surgiram e os levaram até a simples preguiça de vir um pouco antes para a escola. Quase esquecemos: tem também um pequenino barbado que às vezes é chamado de professor.

Sim. Esse é o nosso clube. Não sabemos se é o melhor, mas, com certeza, é único.

Ao brincarmos e nos divertirmos, estamos nos tornando jardineiros ecológicos. E esse novo olhar que está sendo adquirido nos faz entender que mudar ou construir algo novo não é fácil. E nem deve ser. Muito menos é algo rápido. É preciso cuidar da terra, amá-la. Se preocupar com o solo, com a água, com cada plantinha, bichinho, fungo e semente lançados, sem nunca esquecer suas inúmeras possíveis relações. É lançar as sementes sabendo que muitas delas ficarão por muito tempo adormecidas entre as folhas caídas, até que seu ambiente esteja pronto, adequado para poder germinar, florescer e dar frutos. Hoje arrumamos a bagunça que os encanadores deixaram bem no meio dos nossos canteiros. Amanhã começaremos a planejar uma composteira.

“O Jardim nos ensina ideais democráticos: conexão, escolha, responsabilidade, decisão, iniciativa, igualdade, biodiversidade, cores, classes, etnicidade e gênero.”

Moacir Gadotti

<sup>1</sup>. Narrativa sobre o projeto PERMACULTURA, CIDADANIA E CULTURA DE PAZ: Reflexões e ações para se viver bem e em harmonia com o planeta, desenvolvido durante o ano de 2012 na EMEF M. Eurico Gaspar Dutra

<sup>2</sup>. Para pensar, estruturar e desenvolver este projeto foram e estão sendo utilizados os pensamentos de Paulo Freire, Leonardo Boff, Rubem Alves, Tião Rocha, José Pacheco, Fritjof Capra, entre outros que nos ajudam a olhar a educação de forma crítica, democrática e contextualizada na sua relação com o meio ambiente. O conteúdo da Permacultura foi abordado a partir de seus idealizadores Bill Mollison e David Holmgren.





# Crianças: a nova **geração** como base para o desenvolvimento sustentável

**MARIANA AFONSO LÓPEZ-LÓPEZ**

ONG BRASIL PELA DIGNIDADE

**PETRÓPOLIS, RJ**

« Penso que elas vão crescer pensando que sua opinião também conta se tiverem um espaço onde possam se expressar, desde pequenas. Romper o silêncio infantil é minha meta, e ouvir essas vozes é como abrir a gaiola e deixar que voe o pássaro que está dentro de cada uma delas. »

Penso que a maior dificuldade que temos em relação à conscientização e à produção de projetos com foco em desenvolvimento sustentável é fazer com que gerações que nasceram e cresceram sem se preocupar muito com o meio ambiente mudem seus hábitos. Minha aposta é que as crianças de hoje devem ser levadas mais em conta nesses projetos, porque serão os adolescentes e adultos de amanhã. Uma geração que cresce com o “pensamento verde”, crianças que, desde pequenas, são alertadas para a importância de se “pensar mais verde”, têm mais chances de se preocuparem com isso toda a vida e realizarem mais no sentido de proteger o planeta. É nelas que faço minha aposta. Meu projeto traz as crianças como principais agentes de transformação.

- O que te deixa feliz, Clara?
- Ir pra escola...
- O que te deixa triste?
- Quando meu pai fica triste, eu também fico triste...

Uma criança de 6 anos que diz que fica triste quando seu pai fica triste dá sinais de que é perfeitamente capaz de perceber o mundo ao seu redor.

Participo de um grupo que, entre outras atividades, promove uma Biblioteca de Rua num bairro afastado, onde a maior parte das pessoas vivem em condições de pobreza. Percebi que as crianças não participam muito das escolhas das coisas e não têm muita voz dentro da família, o que faz delas meras observadoras do comportamento adulto que, muitas vezes, imitam ou simplesmente absorvem. Quando a criança imita, ela expressa, e assim podemos conhecer um pouco de seu mundo. Quando absorve, as consequências de sua infância, que muitas vezes não são tomadas em conta, só serão descobertas a partir das escolhas que fizer como adolescente e adulto. Os adultos de hoje subestimam o potencial das crianças.

Uma pergunta me fez começar a dar forma ao meu projeto: não seria importante criar um lugar onde essas crianças pudessem construir de forma livre, com o que pensam e sentem? Será que não é importante que elas sintam que alguém valoriza o que elas têm para dar?



Meu projeto tem como objetivo dar voz às crianças da Comunidade do Morro dos Anjos. Penso que elas vão crescer pensando que sua opinião também conta se tiverem um espaço onde possam se expressar, desde pequenas. Romper o silêncio infantil é minha meta, e ouvir essas vozes é como abrir a gaiola e deixar que voe o pássaro que está dentro de cada uma delas.

Acredito que sentir-se capaz de realizar alguma coisa é o primeiro passo para que uma pessoa se torne um agente de transformação, dentro e fora de sua comunidade, bairro, escola, etc.

Encontrei-me com muitos adolescentes moradores da mesma comunidade. Durante nossas conversas, percebia pessoas cheias de raiva, com a autoestima baixa e com uma enorme resistência a uma pessoa como eu, chamada durante nossos bate-papos de “sociedade”. Até eu chegar por ali junto com a equipe da ONG e confundi-los, a sociedade era injusta, preconceituosa e só se relacionava com os mais pobres quando estes trabalhavam para a tal sociedade na posição de subordinados.

É difícil para eles pensar que uma pessoa possa chegar em sua comunidade e propor algo a eles, simplesmente porque acredita neles. Eles têm medo de confiar... Medo de que você vá embora, medo de que você os use, medo de não conseguirem fazer o que pedimos, medo de darem ideias quando queremos construir com eles... Medo, medo e mais medo!!! Também sinto que não se preocupam com a sua comunidade. Todo mundo joga o lixo numa vala que passa entre as casas e quase ninguém se importa que aquilo fique imundo. Pessoas como seu Jorge se preocupavam e limpavam a vala de vez em quando, mas ele se cansou de ver como resposta mais lixo, e parou de limpar.

As pessoas estão preocupadas com sua família, fazem “panelinha”, falam mal dos outros. Alguns adolescentes se recusam a participar das oficinas se seus desafetos estiverem dentro da sala. Muitas iniciativas se perderam no meio do caminho porque esse jovens não acreditam que mudar é possível e sentem vergonha de pendurar uma lixeira perto da vala enquanto todo mundo passa e diz: - “Isso não vai durar nem um dia. Vão arrancar”! Eles não acreditam que podem transformar o que está ali em algo melhor. Eles não conhecem seus potenciais e simplesmente se adaptam a uma situação, mesmo que ela não seja boa.

Minha pergunta é esta: será que as crianças também têm esse medo? Ou será que as coisas podem ser melhores e a relação ser construída sem tantos “pré-conceitos” e apatia, se você se encontra com eles em outra fase da vida? Quando penso em sustentabilidade, penso em união de pessoas de mãos dadas formando uma corrente. Se temos dificuldade de dar a mão e precisamos de ações coletivas para que o mundo possa ser melhor cuidado, uma coisa vai contra a outra e a gente passa muito tempo fazendo força e saindo pouco do lugar.

E aí me veio outra pergunta: será que essas crianças crescerão com outra mentalidade, se começarmos a falar sobre sustentabilidade desde a infância?

Aposto muito na ideia de que crianças que encontram durante a infância um espaço que acolhe sua forma de ser, pensar e agir, onde também há respostas a suas dúvidas e conversa sobre assuntos que despertam sua curiosidade, tornam-se adolescentes e adultos mais participativos, confiantes, e menos submissos.

Resolvi tentar. Queria conhecer as crianças do Morro dos Anjos. Então pedi autorização a seus responsáveis para encontrá-las uma vez por semana no espaço da nossa ONG, um galpão alugado dentro da comunidade.

Quero convidá-los a participar do meu projeto e por isso vou compartilhar com vocês um pouco dos encontros que tive com as crianças até agora, que me dão muita esperança de que minhas ideias não sejam tão utópicas assim. Num primeiro momento, vamos nos conhecer, fortalecer o grupo em cada encontro e, pouco a pouco, ir introduzindo o tema da sustentabilidade, falando sobre a importância de fazer algo pelo planeta. Meu foco será a reciclagem, mas é claro que depois tudo vai depender um pouco do que as crianças escolherem. Num segundo momento, estarei como facilitadora de um projeto que as crianças vão construir, ligado ao tema que começará a ser desenvolvido a partir desta pergunta: O que vocês podem fazer para ajudar a cuidar da sua comunidade? E depois será a cidade, o estado e, sonhando mais um pouco, o país, o mundo e o planeta. Essas crianças precisam acreditar que podem, sim, fazer alguma coisa desde agora.





#### **4 de setembro de 2012**

Começamos conversando sobre o que eles acharam da ideia de formar um grupo de crianças e nos encontramos toda terça-feira das 10h às 11h. As crianças pareciam animadas. Depois fiz uma atividade com desenho da qual eu também participei. Dividimos a folha em quatro quadrados e em cada quadrado desenhamos uma coisa.

1º quadrado: algo que nos faz feliz

2º quadrado: algo que nos deixa triste

3º quadrado: qualquer coisa desenhada com a nossa cor favorita

4º quadrado: um lugar especial

Essa atividade serviu para conhecer um pouco de cada um e perder o medo de pôr para fora o que se sente.

#### **11 de setembro de 2012**

Hoje a gente vai fazer uma pessoa com essas caixinhas de leite – eu disse. Pode ser um menino ou uma menina. Depois a gente vai dar um nome pra eles e contar a história deles. Todas as meninas quiseram fazer bonecas, enquanto Clara, meio envergonhada, perguntava:

– Posso fazer um menino, tia? Vou dar pra ele o nome do meu pai: Luís.

Depois de alguns encontros, não tem como não entender que Clara tenta nos dizer que seu pai é muito importante para ela. A ideia não é julgar nem analisar. Talvez isso fique só como um capítulo que conta uma parte da história de Clara. O que eu penso é isto: que bom que ela se sente à vontade aqui dentro da nossa sala para dividir isso com a gente. Não tivemos tempo para contar a história de cada personagem que eles criaram porque usaram quase todo o tempo na criação. Então, deixamos essa atividade para o próximo encontro.

Nossa sala é pequenina, um espaço alugado dentro da comunidade, onde oferecemos oficinas. Sou parte da ONG Brasil pela Dignidade. Meu nome é Mariana López, 32 anos, branca, classe média, com roupas limpas. Isso é tudo o que eles conseguem saber sobre mim

num primeiro momento. Muitos acham que sou rica e se surpreendem quando me veem chegar no mesmo ônibus que eles.

- Tia, cadê o seu carro?
  - Eu não tenho carro...
  - Tá quebrado?
  - Não, eu não tenho carro...
  - Vendeu? Vai comprar outro?
  - Não...
  - Tá me zoando, né, tia?
- E sai correndo, gritando para os outros:
- A tia disse que não tem carro !!!

É verdade... Não posso ter um carro... Mas não pensei que isso fosse algo interessante pra eles... Coisas que para mim nem parecem tão importantes interessam a outras pessoas. É nesses momentos que vejo que realmente é importante construir junto. Sem saber como é o outro, como construir junto com ele? Como esperar que ele participe de um projeto construído sem a sua opinião?

Tenho muitas perguntas... Esse projeto pode ser a resposta para muitas delas e por isso me animo tanto cada dia que me encontro com essas crianças. Cada dia saio com algo mais. Não quero imaginar, nem tirar minhas conclusões sobre o que vejo... No momento, só quero escutar... Escutar tudo que elas queiram dizer. Quando a gente constrói junto, parece que a base fica mais sólida e forte.

Quando um elo se forma, um que se movimenta também movimenta o outro. Toda ação é resultado do que sentimos. É uma resposta do coração que muitas vezes não interessa a quem faz as leis. Vejo que os projetos do governo que chegam até a Comunidade do Morro dos Anjos vêm das decisões de pessoas que acham que sabem o que é melhor para as pessoas mais pobres. Eles não partem de coisas que os mais pobres falaram ou pediram. Massacrado por projetos que não mudam uma condição, o povo da comunidade cresce achando que precisa da “esmola” do outro e sem conhecer o seu potencial. Um povo dependente não pode ser ator de sua própria história.







Uma comunidade é sempre visada durante as eleições pela quantidade de votos que pode gerar. Mas, depois de eleito, para quem aquele candidato governa? Com o que está preocupado?

Quantas pessoas diante de suas televisões de muitas polegadas ou do seu iPhone se perguntam: Será que estou fazendo tudo que posso para que o mundo de todos seja melhor? Como vive e o que sente o morador desta ou daquela comunidade?

Isso me inquieta, porque as pessoas continuam suas vidas cada dia sem coragem para se aproximarem de mundos diferentes do seu. Sendo assim, como fazer o desenvolvimento sustentável dar certo?

Dou meu próprio exemplo. Em 1992 eu tinha 12 anos. Enquanto a Eco92 acontecia, eu jogava vôlei e sonhava ser uma atleta. Confesso que pensava mais em mim do que no que acontece no mundo. Nos lugares por onde andei, o importante era fazer faculdade e encontrar um emprego legal. Sei que sempre existiu muita gente preocupada com o meio ambiente, mas é uma minoria. Quantos da minha geração foram criados da mesma forma que eu? Muitos!!! Muitos que hoje não se preocupam com o desenvolvimento sustentável... Não culpo meus pais e professores porque talvez eles também não tenham sido criados para o desenvolvimento sustentável... Mas será que se a gente tivesse sido envolvida desde criança nos “projetos verdes” hoje não teríamos uma atitude diferente?

A vida deu voltas e eu tive a oportunidade de viver muitas experiências em comunidades em muitas partes do mundo, como Peru, Guatemala, El Salvador e Bolívia. Aprendi com meus vinte e tantos anos que muitas lições não estão nos livros da escola nem da faculdade. E aqui estou eu em 2012, coordenando os projetos de uma ONG pequena, que começa a ensaiar seus primeiros passos na Comunidade do Morro dos Anjos. A vida me levou a encontrar pessoas com uma realidade diferente da minha. Esse encontro muitas vezes não foi nada fácil, mas eu não consegui mais deixar de encontrá-los. Escolhi ficar e conhecê-los, mesmo que muitas vezes tivesse vontade de desistir. Penso que eles também devem ser incluídos na luta para alcançar os Objetivos do Milênio. Também devem ser chamados para sua responsabilidade social. As pessoas mais pobres vivem jogadas em seus bairros como se não pudessem ajudar em nada, mesmo que, ironicamente, sejam a

maior parcela da população. A gente não vai conseguir nunca enquanto não deixarmos que eles também participem!!!

Defendo a ideia de que os projetos para o desenvolvimento sustentável devem incluir pessoas de todas as classes sociais. Dandara, Ramón, Clara, Lauana, Laura, Esther e Carolaine me ajudam muito a persistir... Eles me dão esperança... São crianças da comunidade do Morro dos Anjos que nem tinham nascido em 1992, e é uma pena que não tenham ideia do que foi a Rio+20 em 2012. Não têm espaço e oportunidade para saber o que se passa no mundo lá fora, que muitas vezes parece tão distante deles. Só que o que acontece no mundo lá fora também acontece na comunidade em que vivem... Será que eles têm ideia de que também são responsáveis pela sustentabilidade do seu planeta? Por enquanto, gostam de ouvir e contar histórias e de brincar. Muitas vezes também são responsáveis por ajudar em casa. O que eles já sabem sobre o mundo? O que eles podem fazer? Como eles podem contribuir? Como fazer com que as informações cheguem até eles e sua voz seja ouvida? Como trabalhar juntos?

Meu primeiro passo era encontrar essas crianças e isso já está acontecendo. Mas quero conseguir melhorar a nossa estrutura para ampliar nossas maneiras de nos encontrarmos e também poder levar essas crianças para conhecer outros lugares onde também possam aprender, descobrir, interagir e depois contar sobre eles.

Se conseguir apoio, quero escrever um livro junto com as crianças mostrando o resultado do nosso encontro e do nosso projeto, para que outras pessoas também sejam contagiadas pelo que vivemos e acreditem mais na importância desse semear, de não ficar parado diante dos problemas do mundo.

### **18 de setembro de 2012**

No nosso encontro de hoje, cada um contou a história do boneco que criou. Escolhi a história do Ramon pra dividir com vocês: “Ramón (7 anos):

O nome dela é Rainha. Tem um castelo e gosta de beber. Ela fica bêbada... Gosta de pentear o cabelo, come olho de gente e de bicho. De noite ela come lobisomem. Ela também gosta de comer bambu e de pegar homem safado que fica com muitas mulheres e volta quando quer. Ela gosta de chuchu e carne de boi também. Gosta de costurar e comer o que costura. Não gosta de ovo e de cozinhar para os outros. Ela sente dor de





barriga quando bebe e fica triste quando está no castelo sem ninguém”. Se não contarmos a Ramón sobre o desenvolvimento sustentável, será que ele vai se preocupar com isso?

### **24 de setembro de 2012**

Comecei a perguntar o que era reciclagem... Eles se olharam e Caroline falou: – “É lixo, tia”. E aí todos começaram a falar que a gente não devia jogar lixo no chão... Mas na verdade não tinham muita ideia do que era reciclar. Conversamos sobre coisas que podemos transformar em outras com materiais que jogaríamos no lixo. Quis demonstrar isso pra eles construindo um jogo de boliche com pinos feitos de garrafa pet e bola de papel de jornal reciclado. Eles estavam surpresos e faziam tudo muito animados. Meu sonho é criar um espaço onde todos os jogos sejam feitos de material reciclado e que eles possam reproduzir isso em suas casas, fazendo jogos para eles, seus irmãos e amigos. Aos poucos quero convidar também os pais...

Ao fim do projeto, a ideia é multiplicar o que aprendemos em outros espaços... Seremos propagadores dessa campanha mundial por um mundo mais sustentável, só que agora serão pessoas comuns, e não só líderes mundiais à frente desse processo. Famílias que se preocupam com o meio ambiente, ensinam seus filhos a fazerem o mesmo. Escolas que se preocupam com o meio ambiente, convidam seus alunos a pensarem sobre o tema. Na prática tudo fica mais motivante. Ler um artigo ou reportagem é diferente de participar de atividades que motivem você a se preocupar com o planeta. E por que não começar com o lugar onde você vive?

A cada lugar que vamos “ecopensamos”, “ecovivemos” e “ecoconvivemos” !!! E aí, quando pensarmos em desenvolvimento sustentável, vamos incluir as crianças como agentes de transformação em nossos próximos projetos?

Acredito que esse pode ser um bom caminho...

Quando olho nos olhos das crianças em geral vejo cansaço e vontade de viver. Vejo tristeza, vejo felicidade... Vejo alegria, curiosidade e medo. Neste projeto, quero ser guiada pelos olhos das crianças que moram no Morro dos Anjos, no bairro do Caxambu em

Petrópolis, RJ. Seus olhos são como faróis que iluminam meu mergulho no bairro daqueles que vivem bem longe de bairros como o meu. Moramos longe mas pertencemos ao mesmo mundo que precisa ser cuidado para não ser destruído. Quero que durante cada encontro eles sejam minha descoberta, minha lição e minha maior surpresa.





# Estimulando a **criatividade** e a cidadania em prol da conservação da biodiversidade

**JÚLIO CÉSAR BICCA MARQUES**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA - RS

PORTO ALEGRE, RS

«... professores para os ensinos Médio e Fundamental... (...) é essencial que esses futuros formadores de opinião conheçam a realidade ambiental e social da região onde vivem a fim de estarem melhor capacitados para servirem de modelo para os seus alunos.»

**E**sta história inicia na minha infância, pois desde pequeno sou apaixonado pelos animais. Em 1975, aos 10 anos, fundei o Clube de Observadores dos Animais (COA) com uns poucos colegas da 5ª série do Ensino Primário (hoje Ensino Fundamental) do Colégio Estadual Paula Soares em Porto Alegre, RS. O COA tinha carteirinha com foto e lema: “Proteger tal qual seja o animal”. A redação, apesar de infantil, já demonstrava o respeito e a preocupação daquele pequeno número de crianças com o futuro da fauna do planeta. Tínhamos encontros frequentes no apartamento (térreo) de um dos membros para brincar com seus animais de estimação, observar invertebrados, acompanhar o desenvolvimento de girinos e explorar a biodiversidade da praça em frente. No início de 1976, esse amigo se mudou para uma casa em um bairro distante, trocou de colégio e perdemos o contato. O COA também deixou de existir, mas minha paixão pelos animais nunca arrefeceu. Nesta época comecei a colecionar livros sobre animais e conservação da natureza.

Como não poderia ser diferente, concluí o 2º grau (hoje Ensino Médio) e ingressei no Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1983. Logo no primeiro ano de faculdade conheci minha esposa. Foi ela quem me “ensinou” a ler quando começou a pegar emprestados os livros que eu colecionava. Isso mesmo, comecei a ler minha biblioteca por ciúmes dos meus livros. E nunca mais parei.

Entrei na Biologia com a intenção de trabalhar com comportamento de tartarugas (na verdade, cágados - quelônios de água doce). Contudo, com o passar do tempo, lá pelo meio dos quatro anos de curso, comecei a me interessar pelos macacos. Desde então, construí minha carreira na área da Primatologia (estudo dos primatas). Cursei Especialização em Primatologia (Universidade de Brasília, 1987), Mestrado em Ecologia (Universidade de Brasília, 1991) e Doutorado em Antropologia Biológica (University of Illinois at Urbana - Champaign, 2000), sempre estudando a ecologia e o comportamento dos macacos e preocupado em como aplicar os conhecimentos científicos produzidos em prol de sua conservação.

Ao longo de toda essa caminhada, sempre procurei adotar atitudes ambientalmente saudáveis e convencer as pessoas com as quais convivia a adotarem hábitos semelhantes. Porém, ironicamente, à medida que fui me especializando e aumentando meu conhecimento, fui sentindo uma dificuldade crescente para traduzir a terminologia científica e seus



jargões para um público leigo. Essa dificuldade era percebida com insatisfação e com certa angústia, sempre que tentava redigir algum texto ou proferir uma palestra mais voltada para a Educação Ambiental. Esta breve descrição das origens de minha atuação na área da Biologia da Conservação ajudará a entender como surgiram as duas atividades que desenvolvo com os estudantes de graduação do curso de Ciências Biológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) – “Conservando o Mico” e “Ação Ambiental Cidadã” – que relatarei abaixo.

É importante destacar que em 1992, na época da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – Rio-92, os atores das atividades que descreverei eram crianças ou bebês. Eu, por outro lado, já tinha o título de Mestre em Ecologia e trabalhava como Monitor Técnico do Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA) no Ministério do Meio Ambiente (MMA) em Brasília. Era responsável pela avaliação dos relatórios técnicos finais e por fazer vistorias em alguns projetos apoiados pelo FNMA. Também tive a satisfação de ser designado para participar como representante do MMA nas reuniões preparatórias para a Rio-92 do Ministério da Ciência e Tecnologia. Não participei da Rio-92, mas aprendi bastante naquelas reuniões preparatórias com representantes de outros ministérios e países. Acredito que os meus alunos não consigam imaginar como o mundo andava mais devagar naqueles tempos, pelo simples fato de a internet e a telefonia celular não existirem na vida dos brasileiros. Algumas ferramentas hoje disponíveis para a troca de informações e a difusão de conhecimentos em prol de uma educação para a sustentabilidade seriam consideradas ficção científica pela maioria da população daquela época. Além desse avanço tecnológico incrível, os últimos 20 anos também testemunharam um crescimento da população humana mundial de pouco mais de 5 bilhões para mais de 7 bilhões de habitantes e um aumento significativo na degradação do meio ambiente.

Após concluir o Doutorado, ingressei como docente da PUCRS, onde ministrei uma disciplina relacionada à Biologia da Conservação no curso de Ciências Biológicas desde 2001. Além da transmissão de conhecimentos técnicos acerca do valor da biodiversidade, das principais causas da atual crise mundial da biodiversidade e das estratégias utilizadas para salvar a vida na Terra, minha principal meta é estimular os alunos a combaterem a inércia do comodismo e levá-los a agirem em prol da conservação da natureza.

É importante ressaltar que, além de focar o papel de cidadão consciente e atuante que toda pessoa deve desempenhar, o curso de Ciências Biológicas da PUCRS forma professores para os ensinamentos Médio e Fundamental. Nesse sentido, é essencial que esses futuros formadores de opinião conheçam a realidade ambiental e social da região onde vivem. Com isso estarão melhor capacitados para servirem de modelo para seus alunos. Para tanto, ao longo dos anos, realizamos visitas a um aterro sanitário, a usinas de tratamento de água, a lagoas de estabilização para o tratamento de efluentes e a uma reserva biológica municipal (Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger). Todas as turmas dos últimos anos visitaram a única usina de compostagem de Porto Alegre, uma usina de triagem de lixo seco e o Parque Zoológico de Sapucaia do Sul, onde se discute o papel de um zoológico na conservação da biodiversidade. Durante a visita à usina de triagem, os alunos têm a oportunidade de interagir com os associados da cooperativa e doar-lhes roupas, calçados e brinquedos usados em bom estado de conservação. A reação dos alunos a essas experiências tem sido sempre muito positiva.

Bem, vamos à descrição das duas atividades relacionadas à Educação para a Sustentabilidade que desenvolvo com esses alunos. A fim de conhecer o perfil de cada turma para a qual leciono, questiono os alunos no início do semestre sobre a área de atuação que cada um pretende seguir em sua vida profissional. Os temas ‘educação ambiental’ e ‘biologia da conservação’ são uma constante, às vezes com uma representatividade significativa. Preocupado com a possibilidade desses futuros biólogos apresentarem as minhas limitações quanto à habilidade de transmitir a informação científica com uma linguagem simples e acessível para o público em geral, decidi em 2004 propor aos alunos uma nova atividade – a elaboração de histórias infantis sobre as espécies de animais do estado do Rio Grande do Sul que estão ameaçadas de extinção. Minha intenção era selecionar as melhores histórias de cada semestre e lançar uma série educativa infantil sobre o tema. O enfoque em animais sob risco de extinção no estado foi escolhido porque permitiria abordar os principais problemas ambientais da atualidade (perda e degradação de habitat, poluição, introdução de espécies e sobre-exploração). Para minha surpresa e frustração, as turmas dos dois primeiros semestres não se interessaram pela proposta inovadora (e divertida). Porém a ideia se solidificou na minha mente e, no primeiro semestre de 2005, decidi incorporar a atividade como uma avaliação obrigatória da disciplina. Para garantir o empenho na elaboração de boas histórias, decidi conferir à atividade o mesmo valor de







uma avaliação escrita. As histórias deveriam conter informações sobre a biologia da espécie escolhida, o seu estado de conservação, as suas ameaças no Rio Grande do Sul e as estratégias possíveis para garantir a sobrevivência da espécie. Para escrever as histórias, deveriam utilizar um vocabulário capaz de ser entendido por uma criança de 10 anos. A atividade poderia ser desenvolvida individualmente ou em grupo, e seria contada para a turma.

No primeiro semestre de implementação da atividade (primeiro semestre de 2005), a frustração dos semestres anteriores deu lugar a uma grande satisfação e à certeza de que tinha valido a pena insistir na ideia. O engajamento e o desempenho dos alunos não poderia ter sido melhor e, como veremos a seguir, foram essenciais para a evolução do formato empregado atualmente. Cerca de metade das histórias foram elaboradas para uma apresentação em forma teatral: dramatização, rádio-novela (ao vivo), teatro de fantoches e música. O impacto dessas apresentações na turma foi tão positivo que todos os grupos que transmitiram sua mensagem de forma teatral concordaram em fazer uma reapresentação para ser gravada em VHS.

Pessoalmente, essas apresentações me abriram os olhos para outra função potencial e importante da atividade: propiciar um momento para os alunos treinarem a habilidade de falar em público em uma atividade lúdica. Desenvolver a habilidade de se expressar publicamente de maneira espontânea e relaxada tem uma utilidade imensurável para qualquer profissional, em especial para professores e educadores ambientais. Conseqüentemente, no segundo semestre de realização da atividade (2º semestre de 2005), sugeri que a apresentação das histórias ocorresse, preferencialmente, de forma teatral. Todos os grupos aderiram à ideia. Então, desde o terceiro semestre (primeiro semestre de 2006), a apresentação passou a ser obrigatoriamente em forma teatral. Esse novo formato também possibilitou aos “diretores-atores” o exercício de outra dimensão de sua criatividade: a confecção dos figurinos e cenários com materiais reciclados. Adicionava-se, assim, outro item de avaliação. Vale ressaltar, aqui, que o desempenho artístico individual não faz parte da avaliação, porque ele pode ser comprometido pelo nervosismo e pela timidez. Nesse quesito, o que vale é “subir ao palco e atuar”.

Logo percebi que o dia das apresentações era o melhor, mais útil, descontraído (apesar do “friozinho na barriga” de alguns ou muitos alunos) e divertido dos dias de aula

de todo o curso. Mas estava faltando um detalhe. O sucesso e a tradição que estava sendo construída exigiam um nome adequado para a atividade. Pensei em “Conservando o Mico”. Esse nome engloba três importantes aspectos da atividade e de minha atuação profissional: “Conservando”, porque é uma atividade da área da Biologia da Conservação; “Mico” porque trabalho com macacos; e, por fim, “Conservando o Mico” é uma analogia à expressão “pagando o mico”, sentimento compartilhado por muitos “artistas”, mas que, na minha opinião, tem uma função libertadora para o bom desempenho de atividades em público (veja reportagem na página 39 da *Revista PUCRS Informação* nº 143 de março/abril de 2009 em <http://www.pucrs.br/revista/pdf/0143.pdf>).

No momento em que escrevo esta história (setembro de 2012), a turma do XVI Conservando o Mico está preparando os roteiros que serão apresentados como parte da VI Semana de Desenvolvimento Socioambiental da PUCRS, que ocorrerá no final de outubro. À semelhança dos últimos anos, as apresentações ocorrerão em um anfiteatro e serão abertas aos públicos interno e externo da universidade. Todos os semestres a atividade é prestigiada por outros professores e alunos do curso, bem como namorados, amigos e parentes dos artistas. A entrada é franca, mas aconselha-se a doação de um quilo de alimento não perecível pelo público extraclasse. Os alimentos arrecadados são entregues à Pastoral da PUCRS para doação a uma comunidade carente.

Até a 15ª edição, mais de 600 alunos participaram da atividade. Saliento o fato de que nenhum aluno deixou de atuar até hoje. As histórias já retrataram 121 espécies de animais (mamíferos, aves, répteis, anfíbios, peixes, insetos, crustáceos, moluscos, águas-vivas e esponjas) terrestres, de água doce ou marinhos, e duas espécies de plantas ameaçadas de extinção no Rio Grande do Sul. Esses números seriam suficientes para confirmar o sucesso da atividade, mas outros indicadores devem ser salientados. Muitos grupos têm reapresentado a peça em escolas, como uma “Ação Ambiental Cidadã” (veja abaixo); egressos do curso têm empregado a atividade em suas salas de aula; três ex-alunos redigiram e apresentaram uma dramatização sobre desmatamento que foi encenada no Colégio Marista Champagnat, em Porto Alegre, durante a Gincana PUCRS Integração 2007 (e reapresentada para uma turma de 4ª série e outra de Jardim B do Colégio Marista Nossa Senhora do Rosário); e ex-alunos da disciplina criaram a peça teatral “O ronco, o zumbido e a febre amarela”.





A peça “O ronco, o zumbido e a febre amarela” foi idealizada, elaborada, dirigida e apresentada por alunos de graduação em Ciências Biológicas e de Mestrado e Doutorado em Zoologia da PUCRS para auxiliar na Campanha “Proteja seu Anjo da Guarda”, que lancei via internet no dia 3 de abril de 2009. O objetivo da campanha foi (e é) informar a população sobre a necessidade de proteger os bugios devido ao seu importante papel de sentinela do avanço do vírus da febre amarela. O estímulo para o lançamento da campanha foi uma série de denúncias de que as pessoas estavam perseguindo os macacos durante o surto de febre amarela que acometeu o Rio Grande do Sul em 2008 e 2009 (maiores detalhes estão disponíveis em Bicca-Marques, 2009a, 2009b; Bicca-Marques & Freitas, 2010). A peça inclui músicas sobre o papel dos bugios, dos mosquitos, do ser humano e do vírus no ciclo da febre amarela, e foi apresentada 10 vezes em eventos em Porto Alegre, São Leopoldo e Alvorada: comemoração do 22º aniversário do bairro Rubem Berta de Porto Alegre (24 de abril de 2009), Semana da Solidariedade (16 de maio de 2009), 3ª edição da Festa da Biodiversidade (22 de maio de 2009, veja <http://www.youtube.com/watch?v=jAbp6iK19UE&feature=related>), III Semana de Debates Ambientais da Associação Cristã de Moços (5 de junho de 2009), Programa CRIAR da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (22 de junho de 2009), 10º Salão de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (23 de setembro de 2009), aula inaugural do curso de Ciências Biológicas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (20 de abril de 2010), Feira de Ciências de Alvorada (8 de julho de 2010), Museu de Ciências da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (16 de outubro de 2010) e XII Conservando o Mico (3 de novembro de 2010). Ao todo, 27 artistas voluntários (alunos e ex-alunos) participaram das apresentações.

O interesse de muitos grupos em divulgar em escolas a peça criada para o “Conservando o Mico” e a necessidade de estimular o exercício da cidadania nos alunos me levou a instituir a atividade opcional chamada “Ação Ambiental Cidadã” (AAC) em 2007. Uma AAC é qualquer atividade de extensão desenvolvida pelo aluno (normalmente durante o semestre, embora atividades passadas também possam ser valorizadas, se devidamente documentadas) visando sensibilizar as pessoas sobre a importância de respeitar a natureza e lutar pela sua conservação. A ideia é criar o gosto por atividades de extensão e o hábito de adotar uma postura cidadã. A realização de uma AAC é premiada com a adição de um ponto na nota de uma avaliação escrita.

O primeiro aluno a realizar uma AAC publicou uma carta do leitor no jornal Correio do Povo criticando a venda de facas com cabos confeccionados com rabos de tatu e chifres de veados na Exposição Internacional de Animais – Expointer 2007. Além das apresentações teatrais e cartas do leitor em jornais, os alunos podem propor e desenvolver inúmeras outras atividades: palestras em escolas, empresas ou igrejas, oficinas de confecção de papel, uso de materiais reciclados e fabricação de sabão, criação e manutenção de blogs, vídeos para o YouTube, participação em campanhas de limpeza da orla de ambientes aquáticos e de valorização do uso de bicicletas, entre tantas outras. A participação prévia no Projeto Rondon também é valorizada como uma AAC. Novamente, a iniciativa tem provocado um impacto positivo na postura dos alunos durante o curso e após a formatura. O seu envolvimento e dedicação à causa ambiental também têm servido de estímulo para a minha própria atuação cidadã. Desde a criação da AAC, por exemplo, publiquei mais de 10 cartas do leitor no jornal Correio do Povo.

Por fim, gostaria de parabenizar o Instituto Ecofuturo pela iniciativa e agradecer a oportunidade de utilizar o concurso deste 3º Prêmio Ecofuturo de Educação para a Sustentabilidade para elogiar publicamente o desempenho dos alunos do curso de Ciências Biológicas da PUCRS nessas atividades. Também agradeço à minha esposa e aos meus filhos por enriquecerem a minha vida com amor, paz e amizade e por serem uma fonte permanente de apoio, estímulo e inspiração. Espero que minha história seja útil para outros educadores e que tenhamos sabedoria e coragem para continuar lutando por um mundo ambientalmente saudável e solidário guiado pelo respeito à natureza e pela igualdade social.





## Um dia, vivi a ilusão de que ser **homem** bastaria

**ADRIANA CRISTINA DIAS DE OLIVEIRA  
+ ADRIANO DE OLIVEIRA + EURÍPEDES CÉSAR  
OSÓRIO + ROBERLI FERNANDO MARIANO DAS  
NEVES + ROGÉRIO CRISTIANO DE ABREU +  
MARCELO SIZINO PEREIRA DE MORAIS**  
PENITENCIÁRIA II DE SERRA AZUL  
**RIBEIRÃO PRETO, RJ**

«... as categorias “homem” e “mulher” não são nada naturais. Discutir suas construções e suas mudanças ao longo da história e desconstruir alguns princípios que promovem as relações de poder e a violência do homem contra a mulher é o nosso oceano.»

Eu sempre achei que “homem” e “mulher” fossem coisas tão naturais que nem precisavam ser discutidas. E nunca imaginei que houvesse relação entre “homem e mulher” e “sustentabilidade”. Até que, recentemente, numa sacolinha de supermercado (sim, de plástico, dessas que são hoje combatidas!), vi escrito: “igualdade entre os sexos e valorização da mulher”. Encuquei. Passei a pensar na minha vida, na formação escolar que recebi, no trabalho que realizo. Lembrei que, lá pelos anos 1990, as professoras (sim, magistério é “coisa de mulher”!) diziam que aquela Conferência era sobre ecologia. Falavam na importância da educação das futuras gerações para a preservação do meio ambiente, mas nada relacionado à sustentabilidade.

Só que, desde então, o tempo passou. E agora, pensando no tempo, na vida, comecei a perceber que não é tão natural assim o que se diz sobre “homem” e “mulher”. Li certa vez que toda “diferença” – de gênero, raça, sexualidade, etnia – é na verdade uma prática discursiva (Foucault, 1998) decorrente de relações de poder que conformam estruturas culturais dominantes e subalternas (Gramsci, 1978). E vejam só: eu, 39 anos, mulher, mãe, amiga, esposa, profissional, sou parte e resultado dessas estruturas culturais!

Foi pensando nisso tudo que li o “Caderno do Educador” e as orientações do Instituto Ecofuturo para participação no 3º. Prêmio de Educação para Sustentabilidade. Deu liga! Conheci o Instituto em anos passados e, desde então, suas “palavras animadas e animadoras” têm contribuído para a realização do meu trabalho. Ah, sim, meu trabalho: sou assistente social de formação, agente de segurança penitenciária como emprego.

Coordeno a escola da Penitenciária II de Serra Azul, pequeno município na região de Ribeirão Preto, São Paulo. Nossa escola atende cerca de 150 alunos, em turmas de ensino fundamental (ciclos I e II) e médio. Seguimos um programa de educação coordenado em nível estadual pela Funap – Fundação Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel. Este Programa se baseia nos referenciais da Educação de jovens e adultos, do socioculturalismo freireano e das experiências institucionais acumuladas ao longo dos mais de 30 anos da Fundação (Leme, 2011). Realizamos nossas atividades a partir de eixos temáticos e trabalhamos com projetos que permitam ampliar os conteúdos abordados nesses eixos. Ano passado, nosso tema foi “Cultura de Paz”; neste, “Trabalho, cultura e identidade”. Em todos os projetos, articulamos com a escola as atividades promovidas pela sala de leitura, como o “Clube de



leitura” e a “Biblioteca Itinerante”, de modo a beneficiar também os presos que, por algum motivo, não frequentam as salas de aula.

Na nossa escola, quem faz a mediação das atividades em sala de aula são os monitores presos. Esta é uma proposta da Funap, que considera o monitor preso como sujeito privilegiado de mobilização da comunidade escolar no interior das unidades prisionais e como agente específico de construção de conhecimentos significativos para essa comunidade de alunos, não restringindo o conhecimento aos conteúdos escolares tradicionais (Melo & Prado, 2010; Melo & Oliveira, 2010).

A metodologia de trabalho por eixos temáticos nos permite incorporar diversas iniciativas, e foi assim que, tomando conhecimento do “Educação para a Sustentabilidade”, resolvi propor ao grupo de monitores presos a elaboração de algum projeto. E aqui eu preciso abrir um parêntese e contar pra vocês o que é a Penitenciária II de Serra Azul. Com capacidade para 768 presos, a Penitenciária abriga hoje cerca de 1.600. Não é um problema exclusivo de Serra Azul: em todo o estado, senão no Brasil, quem sabe em grande parte do mundo, o sistema prisional tem problemas de superlotação. Prender, na sociedade atual, é a pena por excelência (Foucault, 1979). Pouco se investe em ações alternativas à pena de prisão. E assim, por mais que se construam presídios, logo eles estarão superlotados.

A Penitenciária II de Serra Azul tem uma particularidade: trata-se de um presídio para homens condenados por “crimes sexuais”. Para a população em geral, “a escória da sociedade”, “o lixo” (Landini, 2006). Para nós, pessoas que cometeram seus delitos e deverão, durante o cumprimento de suas penas, ter a oportunidade de construir novos projetos de vida.

Pensando em tudo isso que eu disse pra vocês, conhecendo a unidade onde trabalho, conhecendo o grupo de monitores com quem trabalho, decidi enfrentar um desafio: propor um projeto que abordasse aquela meta do milênio: “igualdade entre os sexos e valorização da mulher”. O propósito: discutir a violência contra a mulher e as formas de sua prevenção. O obstáculo: como trabalhar um tema tão delicado, angustiante e, ao mesmo tempo, tão necessário, numa unidade prisional com aquele perfil?

Coloquei a questão para o grupo de monitores. A resposta inicial foi de receio: somente um monitor aderiu ao projeto e, mesmo assim, com certa resistência.

A abordagem desse assunto traz uma angústia muito grande pela dor causada à vítima, à família de ambos e até mesmo a nós (declaração de monitor preso).

Havia a incerteza de como seria a reação da população carcerária ao trabalhar esse tema, sendo que os monitores estão ali na mesma situação e são também autores de violência.

Todos os que se encontram reclusos nessa unidade vivenciaram, em algum momento de suas vidas, um ato de violência contra a mulher, seja ela sexual, física ou agressão verbal (declaração de monitor preso).

Além disso, o grupo apontou que cerca de 90% dos sentenciados não reconhecem a violência cometida e negam o crime, dizendo-se vítimas de uma situação. Por fim, uma questão nova e mais grave: de que forma trabalharíamos um tema tão provocador, sabendo que iria atingir intimamente cada participante do projeto?

Minha primeira reação foi de recuo; parecia-me que estava propondo algo sem qualquer viabilidade. “Daí um analista amigo meu” – não, não é a música do Belchior! Trata-se de um parceiro da vida e do trabalho – me chamou a atenção: “Adriana, o projeto já está acontecendo! O projeto é isso, e não o que vocês poderão fazer futuramente”. EUREKA! O projeto já existia; era preciso apenas encontrar os caminhos pelos quais ele se desenvolveria.

Reuni novamente o grupo de monitores, agora com a intenção de conversar com eles não sobre o projeto, mas sobre a possibilidade de refletirmos a questão da violência contra a mulher numa abordagem que não estivesse focada em encontrar o certo ou o errado, o moral ou imoral, e sim que colocasse a questão numa perspectiva histórica e social (Pasinato, 2011). Um pouco Rio+20, tipo assim, Cúpula dos Povos. O diálogo foi emocionante.







“Quando chegamos a uma Unidade Prisional, a reflexão é inevitável: percebemos que, de forma direta ou indireta, não nos víamos como agressores; carregávamos uma carga preconceituosa muito grande, em que ‘o vizinho não pode ser violento, mas eu tenho motivos para isso’. Neste lugar podemos identificar o caminho que trilhamos e perceber se somos autores ou não da violência e, nessa reflexão, tentamos nos esconder e/ou justificar o tempo todo.” (declaração de monitor preso).

“O fato de sermos educadores na Unidade, trabalhando com o crescimento e desenvolvimento humano, nos coloca com o olhar mais sensível diante da realidade, o que nos interpela como agentes causadores de violência, mas, acima de tudo, agentes transformadores dessa realidade.” (declaração de monitor preso).

“Quando estávamos na rua, éramos a voz do preconceito na sociedade; hoje estamos do outro lado, nos vendo na condição de julgado e, neste momento, nos colocando diante de um dilema. Como diz Cortella, ‘A decisão de um dilema é sempre individual. Mas as suas consequências podem afetar muitas outras pessoas’. O projeto nos dá a oportunidade de reflexão, que é inevitável quando chegamos aqui, mas também nos chama a sermos participantes e multiplicadores daquilo que a reflexão provoca em nós. Nenhum de nós gosta de tocar no assunto do crime, pois é um filme que passa pela cabeça, a gente se vê tão vulnerável diante do tema que até o batimento cardíaco muda. Para trabalhar o tema, primeiro temos que nos reconhecer agressores, para depois levarmos o projeto adiante.” (declaração de monitor preso).

Foi a guinada. O projeto existia! A partir de então, foi possível traçar novos planos e, agora sim, pensar ações futuras. Definimos nosso grupo de trabalho: sete monitores presos e um estagiário da Funap assumiram a função de executar ações com a comunidade escolar da Penitenciária; eu buscava estratégias para disseminar as mesmas ações entre o corpo de funcionários. Afinal, o tema diz respeito a todos: sustentabilidade em nosso contexto exige, também, a melhoria das relações e do convívio entre pessoas que ali, numa instituição penal, ocupam status extremamente diferentes.

Reunindo-nos para pensar essas questões, percebemos o quanto já havíamos avançado.

“Hoje olhamos para o projeto como algo necessário, pois a violência continua aqui dentro. Vemos como algo possível, e é necessário propiciar a reflexão entre a população, temos que oferecer algo mais, que o sistema não oferece. Não temos medo e acreditamos que dará certo. Se um aqui dentro mudar o olhar, já será válido.” (declaração de monitor preso).

Definimos a partir daí nosso horizonte de conquistas. Discutimos nossa trajetória de vida individual e nossas referências sobre sustentabilidade. Quando relembramos, cada um, nossas vidas há 20 anos, poucos tinham lembranças significativas da Eco 92. Com média etária de 31 anos, variando dos 27 aos 47 anos, nosso grupo tinha como maior referência ambiental a reciclagem de lixo. Era preciso saber mais e, para isso, era preciso somar forças. Dentro da própria unidade prisional, buscamos intersectorializar o projeto, articulando parceria com a área de reintegração social e atendimento à saúde. Buscamos apoio da Funap para agregar conhecimentos institucionais e mobilizar outros atores, especialmente profissionais com formação variada, que pudessem nos auxiliar na abordagem de temas específicos.

Comprendemos que todos aprendemos ao longo da vida, e que características semelhantes seriam encontradas em nossos alunos; afinal, são todos adultos e, na maioria dos casos, deixaram a escola por necessidade de trabalhar, tendo, por consequência, pouco acesso aos bens culturais e às informações geradas pela própria sociedade.

Definimos, portanto, que trabalharíamos inicialmente no nosso próprio empoderamento, de modo a nos sentirmos mais confiantes para avançar nas ações com os alunos, a população prisional de toda a unidade e os servidores que ali trabalham. Traçamos nosso objetivo: promover a reflexão global sobre as relações sociais existentes, sobre a equidade de gênero, o respeito às diferenças e a liberdade de escolha. Assumimos o compromisso de alargar as fronteiras da compreensão sobre o tema, derrubando os “muros” que evidenciam as diferenças e entendendo cada indivíduo como global e como ser que, na riqueza da pluralidade, pertence à mesma natureza: humana.





Com tantas definições, foi-nos possível estabelecer um plano de ação. Dividimos nossas estratégias em três focos: a) educadores; b) comunidade escolar e população prisional; c) corpo funcional e visitantes.

Para o primeiro grupo: palestras com temas específicos para nossa formação, com pesquisas de vídeos, textos, livros, filmes, etc, que permitissem a elaboração de um planejamento pedagógico coletivo para a realização de atividades com os demais grupos. Essas ações iniciar-se-ão em outubro e se desencadearão ao longo dos próximos 10 meses.

Para o segundo grupo: incluir o tema “violência contra a mulher” no planejamento de aula, preparando atividades para a semana cultural que acontecerá em novembro, na qual realizaremos um concurso de *slogans*, a construção de biografias de mulheres que se destacaram na sociedade, apresentação de vídeos, palestras e textos diversos, todos seguidos de debates.

Para o terceiro grupo: elaboração de cartazes e mural itinerante e a veiculação do tema em jornal que está sendo criado na unidade. O mural deve começar a circular após a semana cultural.

Todas essas atividades devem ser iniciadas na escola e se disseminar por toda a unidade prisional. Para colocá-las em ação, escolhemos 10 subtemas que iremos trabalhar mensalmente:

1. Relações de gênero.
2. Comemoração do dia internacional da mulher e histórico da mulher na sociedade.
3. Políticas públicas e legislação que abrangem o tema “violência contra a mulher”.
4. Autoridade, machismo, submissão, a questão da posse (cultura, costumes).
5. As várias formas de violência e suas manifestações.
6. A visão social sobre a liderança feminina: seu contexto, o estigma, valores.
7. A produção do “feminino” e do “masculino”: poder e subalternidade.
8. As relações entre drogadição e violência.
9. As contradições da democracia: direitos sociais X direitos de expressão.
10. A responsabilidade quanto aos filhos.

O caminho já percorrido é ainda curto, mas, como lembra Amyr Klink, referindo-se a sua viagem à Ilha de Santa Helena, “a mais importante chave para o êxito da travessia estava há muito em minhas mãos: a rota”. Nosso projeto é uma travessia: precisamos de um bom plano, precisamos dos equipamentos adequados, precisamos dos parceiros que pensem conosco as alternativas. Mas já saímos do porto.

De uma forma singela, nosso grupo se uniu ainda mais. Rogério, Marcelo, Edson, Adriano, Roberli, Devair, Eurípedes, Ernesto e eu estamos na caravela. A coragem desse grupo para assumir tal compromisso, num meio social de alta complexidade como este, já aponta um importante resultado. Como afirma um desses marinheiros:

“O ambiente penitenciário de crime sexual é um local de extremo conflito, por colocar cada um dos que aqui estão, inclusive funcionários, diante de seus medos, esperanças, conceitos, preconceitos, valores (...) um projeto que parte de uma concepção de crédito na pessoa humana (...) que aposta no diálogo como instrumento de mudança (...) torna possível também ‘construir’ uma nova pessoa.”

Sabemos hoje que as categorias “homem” e “mulher” não são nada naturais. Discutir suas construções e suas mudanças ao longo da história e desconstruir alguns princípios que promovem as relações de poder e a violência do homem contra a mulher é o nosso oceano. E vamos navegar, porque já não temos a ilusão de que um “super-homem” possa “nos restituir a glória”.

PS – O caminho até aqui percorrido só foi possível porque contamos com o apoio de importantes parceiros: o diretor geral da PII Serra Azul, Leandro Pereira; a diretora de reintegração da unidade prisional, Cláudia Cavalheri; o gerente regional da Funap de Ribeirão Preto e o superintendente da Fundação, Silvio Luis do Prado e Felipe Athayde Lins de Melo, respectivamente.

PS 2 – Em razão do regulamento do Prêmio, fizemos um sorteio e apenas quatro monitores estarão inscritos como “coautores”.





# Preservando as plantas **sagradas** do Candomblé no Combate à Intolerância Religiosa

**INALDO DO NASCIMENTO FERREIRA**

ESCOLA POLIVALENTE DE ABREU E LIMA

**PAULISTA, PE**

«... era inadmissível que, em pleno século XXI, principalmente em um espaço inclusivo e igualitário feito a escola, alunos fossem discriminados simplesmente por terem uma religião diferente da eurocêntrica.»

Quando comparo o ano de 1992 com o de 2012, encontram-se configuradas algumas mudanças. Naquele ano, nem imaginava ter um celular. Computador? Nem pensar! Internet? Nem ouvia falar. Nesse período estava fazendo minha graduação em Ciências Biológicas – sempre me identifiquei com plantas e animais. Da ECO92 até a Rio+20, o mundo já não é mais o mesmo, principalmente pelas tecnologias. Com o advento da internet, o mundo se tornou globalizado e, com isso, a luta pelas causas sociais e ambientais foi ampliada.

Em 1992, nenhum aluno meu tinha nascido; costumo falar que eles são a geração tecnológica dos iPods e iPads. De certa forma, eles nasceram em um momento especial, o da informação, onde a comunicação é tão veloz que ocorre quase em tempo real. Mas o século XXI oferece novos desafios e requer novas atitudes e um novo repensar sobre questões planetárias. Costumo falar para meus alunos que o mundo gira rapidamente e que ele é paradoxal.

Enquanto eles estão falando com seus celulares de última geração, pessoas estão sem o mínimo de calorias alimentares para sobreviver. Não que eu discorde das tecnologias, nem de seus inventores, mas peço aos meus alunos que as utilizem para o seu aprendizado, para discutir questões sociais e ambientais, por exemplo, bem como apontar caminhos para garantir um mundo melhor para as futuras gerações em nosso planeta.

Às vezes me pergunto: será que este planeta conectado de bits e bytes é mais humano do que há 20 anos? Com certeza essa reflexão exige um aprofundamento de questões que passam pela miséria e pelos direitos humanos.

De fato, avançamos muito desde a ECO 92 até os dias atuais, mas algumas situações persistem, como a fome e a degradação ambiental. Não podemos mais admitir situações como essas, onde a dignidade humana seja negada. A Rio+20 com certeza foi um dos eventos que mais marcaram o século XXI até o presente momento, pois introduziu também discussões e aberturas de diálogos para o respeito à cultura dos povos e seus recursos naturais, bem como à sua sustentabilidade. Com certeza estamos no caminho certo, no entanto a geração dos *blogs* e do Facebook precisa repensar urgentemente seus caminhos, onde questões sociais e ambientais devem ter papel importante, na era globalizada.



A Escola Polivalente de Abreu e Lima, onde leciono a disciplina de Biologia no ensino médio, está situada na cidade de Abreu e Lima, e tem cerca de 3.000 alunos no ensino fundamental e médio, oriundos da periferia e da zona rural da cidade. O município é conhecido como “terra dos evangélicos” porque mais da metade dos habitantes são seguidores das igrejas pentecostais. A escola também está inserida em uma das comunidades mais violentas da região metropolitana do Recife, com alto número de homicídios de jovens, principalmente por causa do tráfico de drogas. Como fruto da religião tida como “oficial na cidade”, a reprodução de diversos conflitos religiosos era recorrente em nosso espaço escolar, entre eles a segregação de alunos com religião de matriz africana. Os alunos praticantes do candomblé eram sempre vítimas de agressões verbais, sendo discriminados e hostilizados por grande parte da comunidade escolar.

Essa situação sempre me causava indignação: na minha concepção, era inadmissível que, em pleno século XXI, principalmente em um espaço inclusivo e igualitário feito a escola, alunos fossem discriminados simplesmente por terem uma religião diferente da eurocêntrica. Percebia, também, que essa situação ocasionava o *bullying* religioso, que poderia deixar marcas irreparáveis na vítima (entre elas: negação de sua religião, desinteresse pela escola, problemas psicossomáticos). Esse fato exigia uma intervenção urgente, de forma a promover a tolerância religiosa.

Foi nesse momento que resolvi fazer uma pesquisa sobre a intolerância religiosa com os alunos do ensino médio da escola, por meio de um questionário.

Estas eram as duas perguntas norteadoras do questionário: 1ª) Qual a sua religião? 2ª) De que religião você jamais faria parte? Por quê? O resultado do questionário não foi surpresa para nós: o seguimento evangélico (pentecostal) liderou, seguido do católico, e apresentou apenas duas afirmativas para o seguimento do candomblé. Acreditamos que, supostamente, o número de adeptos da religião de matriz africana seria bem maior se os mesmos não tivessem medo de professar sua religião, principalmente devido a represálias por parte de outros alunos.

No quesito do questionário sobre a religião da qual o aluno jamais faria parte, o candomblé liderou, com 95% das respostas. Quando indagados sobre a razão por que jamais fariam parte da religião, as respostas foram: “É coisa do diabo ou obra demoníaca”, “não agradava os olhos de Deus”, “os macumbeiros deveriam morrer” e, por fim, “candomblé fazia macumba para as pessoas morrerem”.

As respostas mais ofensivas surgiram de três turmas: 2º ano A e B e 1º ano A. Para minha surpresa, uma aluna me procurou após a aplicação do questionário, afirmando que toda a turma lhe fazia ofensas pejorativas depois que ela falara que seu pai era balorixá; como se isso não bastasse, a aluna começou a ser excluída dos trabalhos em equipe e segregada na sala.

Diante de respostas tão agressivas, e da perseguição da aluna do ensino médio, precisávamos mediar tamanhos conflitos, principalmente aqueles ligados à religião de matriz africana, foco principal dos ataques no questionário. Eram necessárias intervenções eficazes que desmistificassem o candomblé como uma religião do mal ou demoníaca.

Como toda a minha formação foi em ciências biológicas, desde a graduação até o doutorado, surgiu a minha indagação: como trabalhar direitos humanos dentro da biologia? Como incluir esse tema dentro de questões ambientais? As dúvidas eram muitas, mas era preciso seguir adiante.

Comecei a me interessar pelo tema. Lendo a cartilha *Direito humano ao meio ambiente*, pude perceber que entre os diversos segmentos que norteiam os direitos humanos, o meio ambiente também estava incluído. Para aguçar minha inspiração, li também a série *Saber cuidar I e II* e *Cuidado com a vida*, ambos disponibilizados para download no portal do Instituto Ecofuturo. Com esse suporte literário, pude abrir possibilidades para seguir adiante na minha caminhada.

Após essas leituras, pude concretizar a certeza de que poderia fazer alguma coisa em direitos humanos, mesmo dentro da disciplina de Biologia. Como sou apaixonado por plantas, surgiu a ideia de utilizá-las como instrumento no combate à intolerância religiosa e, ao mesmo tempo, aplicar o uso da sustentabilidade. Essa ideia para muitos poderia ser







maluquice, mas dentro da minha cabeça ela estava fervilhando e sinalizando que poderia dar certo. Da busca incessante pelo conhecimento, identifiquei que os africanos, quando introduziram sua cultura no Brasil, utilizavam as plantas sagradas para reverenciar seus orixás. Surgiu daí a seguinte junção: trabalhar as plantas sagradas (Ecologia e meio ambiente) dentro do candomblé como instrumento no combate à intolerância religiosa, assunto de Direitos Humanos. Nesse momento, estava fixado o grande desafio do meu estudo, e também da minha responsabilidade. Não seria fácil, mas era necessário para o respeito à pluralidade e à igualdade no âmbito escolar.

Nesse momento, precisava saber quais eram as plantas utilizadas e sagradas dentro do candomblé, para iniciar as oficinas com os alunos. A leitura dos livros *Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros* e *O Segredo das folhas: sistema de classificação de vegetais no Candomblé jêje-nagô do Brasil* deu a fundamentação teórica para iniciar o projeto. O trabalho teve início em junho de 2011 e foi até agosto de 2012, em diversas etapas. Cerca de 120 alunos participaram da ação.

As oficinas aconteceram, primeiramente, com as três turmas do ensino médio que apresentaram respostas mais preconceituosas no questionário. Os alunos foram levados para o auditório, onde, com ajuda de um retroprojetor, tiveram noções de direitos humanos, preconceito e discriminação, respeito e tolerância, respeito à diversidade religiosa. Após a explanação, os alunos foram convidados para uma roda de diálogos. Em minha fala procurava não chocar os alunos nas minhas abordagens, mas sempre ressaltava que a escola é um espaço inclusivo, devendo acolher a todos, independentemente de sexo, cor, raça e religião, e que ninguém poderia ser excluído ou segregado em razão de sua opção/escolha pela religião. O objetivo desse momento era desconstruir atitudes preconceituosas e discriminatórias.

Na roda de diálogos, percebi claramente, pela fala de alguns alunos, que grande parte dos preconceitos e discriminações era gerada pela falta de conhecimento sobre a diversidade religiosa. Essa falta de informação era manifestada em forma de violência verbal. Após o diálogo, para a minha surpresa, os alunos mostraram interesse em dar continuidade às discussões, perguntando quando teriam outro momento igual. Isso me motivou bastante a seguir em frente e utilizar a ferramenta dos direitos humanos na quebra de paradigmas.

Outra oficina foi oferecida, dessa vez falando que se introduziriam as plantas como ferramenta de combate à intolerância religiosa. Eles me perguntaram de que maneira isso ia acontecer. Preferi deixar como surpresa, afirmando que, em breve, eles saberiam. Pude observar que os alunos gostaram de ideia, pois as aulas seriam no laboratório de Biologia.

No mesmo momento, os alunos receberam uma lista de plantas para serem trazidas dos seus quintais ou de florestas próximas de suas casas, em um prazo de três dias. Para nossa surpresa, os alunos trouxeram quase todas as plantas indicadas na lista, mostrando interesse em estudá-las. Os alunos foram levados em grupos de 15, tendo em vista o pequeno porte do laboratório de Biologia, onde foi explicado o procedimento de herborização das plantas. Como fiz meu doutorado dentro do departamento de Botânica, conhecia bem as técnicas de conservação de plantas e montagem de exsicatas para acondicioná-las em herbário.

Na ocasião, os alunos aprenderam as principais noções de montagem de exsicatas, manutenção de plantas em herbários, processo de herborização e dados de coleta. As exsicatas (amostras de plantas secas e prensadas) permitem preservar as características morfológicas e anatômicas de um vegetal por meio de uma técnica especial, com a finalidade de preservação do patrimônio biológico e genético do mesmo.

Estes foram os passos do processo de montagem das exsicatas: as plantas foram separadas por espécie e, ainda frescas, colocadas sobre um papelão em formato retangular, em seguida uma folha de jornal por cima, outra camada de papelão, outra planta e outra camada de jornal, assim sucessivamente, até estarem sobrepostas. Em seguida esse material era prensado em duas grades de madeira, uma embaixo e outra em cima, amarradas com cordão e levadas para estufa a 120° C por quatro dias.

A montagem das exsicatas era feita com caixas de papelão que protegiam a merenda e jornais não utilizados pela escola. Esse momento contribuiu para a sustentabilidade, pois estava colaborando para o uso de material reciclável (papelão e jornal) na execução do projeto. O objetivo da ação era despertar também a consciência ambiental dos alunos.

Após quatro dias, os alunos retiraram as plantas da estufa, em seguida foram formadas equipes de cinco alunos e as plantas foram tiradas da prensa. Os alunos ficaram





surpresos com os aspectos das plantas, pois era a primeira vez que confeccionavam esse tipo de material. Em seguida, colocaram as mesmas em um pedaço de cartolina retangular, presa com ajuda de agulhas e linhas. Elas ficaram em estado perfeito: apesar de estarem desidratadas, tiveram as suas características morfológicas e anatômicas preservadas para estudos. No total, cerca de 100 plantas foram catalogadas nessa ação.

Entre as plantas catalogadas estão Alfavaca-de-caboclo (*Ocimum carnosum*), Manjeriço (*Ocimum basilicum*), Arruda (*Ruta graveolens*), Mussanbê (*Cleome hassleriana*), Aroeira (*Schinus terebinthifolius*) e Manjerioba (*Paspalum notatum*).

Em outra ação, pedi que os alunos pesquisassem na internet, em fontes confiáveis e oficiais, o uso medicinal de cada planta, para plotagem dos dados. Esse momento foi bastante importante, pois o objetivo era usar o espaço virtual também como um mecanismo de inclusão digital e um ambiente potencial para o incentivo das descobertas.

Ao trazer as informações do uso medicinal das plantas, abordei a necessidade de outras informações complementares. Expliquei que as plantas medicinais eram também sagradas para a religião afro-brasileira. No começo, os alunos ficaram surpresos, mas esse momento era esperado, pois, no entendimento deles, os praticantes do candomblé faziam mal às pessoas. Tinha chegado o momento tão esperado de quebra de paradigmas. Na ocasião, expliquei que a mesma planta que os alunos e seus pais utilizavam para curar uma dor de barriga era sagrada para outras pessoas. Nessa ocasião, expliquei também que o objetivo principal do projeto não era mudar a religião de ninguém, e sim levar para todos a consciência do respeitar às pessoas independentemente de sua crença.

Tínhamos em mãos as informações medicinais das plantas, restando agora a função espiritual, e para isso teria que consultar sua aplicabilidade dentro da religião de matriz africana. Um frio tomou conta de mim nesse momento, mas teria que sair da inércia. Provoquei-os com a seguinte pergunta: quem de vocês iria comigo a um terreiro de candomblé para saber o uso espiritual das plantas que vocês coletaram? O silêncio pairou no ar. Abismados, olharam uns pros outros e, para minha surpresa, vi uma mão se levantar, duas, três, aos poucos consegui um grupo de 12 alunos. Para mim foi uma quantidade considerável, tendo em vista o preconceito que existia dentro da escola. Conseguida a proeza de formar uma equipe

disposta a ir comigo, restava apenas contactar um santuário e o seu líder espiritual. O terreno escolhido foi o Ilê Axé Oxum Abatundé, pertencente à líder espiritual Mãe Zeninha. Ela foi muito receptiva. Ao explicar o objetivo do projeto, ela aceitou com muita felicidade. Marcamos o dia e o horário em que poderíamos levar esse grupo de alunos voluntários.

As exsiccatas e amostras naturais das plantas foram levadas para a líder espiritual (Yalorixá) e a mesma identificou as plantas no uso espiritual, informando se a planta era utilizada como defumação, banhos ou beberagem, bem como o orixá correspondente a cada planta. As informações foram anotadas para serem inseridas posteriormente nas exsiccatas. Na ocasião, a Mãe Zeninha frisou a importância das ervas na cultura afro, e na perpetuação da imagem e da resistência negra no país. Afirmou, também, que muitas ervas estão desaparecendo com o desmatamento das florestas. Nessa afirmação, o grupo pode constatar a importância de se preservar as plantas como patrimônio natural e cultural dos povos trazidos da mãe África.

Na escola, os alunos voluntários puderam compartilhar as informações com os colegas, esclarecendo que não tinham visto nada de demoníaco no santuário, e que não era aquilo que estavam pensando. Esse foi o marco principal, para mim e para eles. Percebi naquele momento que eles puderam desenvolver, por meio dessa ação, o senso de tolerância religiosa, quebrando ideias preconcebidas que levam a preconceito e discriminação.

Bem, de posse das informações sobre as plantas, era o momento de inseri-las nas exsiccatas. Os alunos se reuniram em grupo e confeccionaram etiquetas com as seguintes informações: coletor da planta e data de coleta, nome científico e vulgar da planta, seu orixá correspondente, seu uso medicinal e espiritual. Em seguida, as etiquetas foram coladas na parte inferior da cartolina onde as plantas estavam fixadas. As plantas catalogadas foram acondicionadas dentro de um armário, formando assim o herbário (local em que se guardam plantas) localizado dentro do laboratório de Biologia. Para nossa surpresa, até agora é o único herbário, em escolas públicas e privadas no país, a preservar exclusivamente plantas sagradas do candomblé.

Com o avanço das oficinas, os alunos me sugeriram a implantação de um jardim didático com as plantas estudadas. Esse momento me comoveu, porque senti que tinha





plantado uma semente e que ela estava começando a germinar. O jardim foi construído com ajuda dos alunos e vários professores que começaram a sentir interesse pela ação, trazendo mudas de plantas diversas. Essa ação foi de alta relevância para a preservação *in natura* das plantas sagradas, contribuindo para a preservação do patrimônio natural e religioso dos povos afro-brasileiros de maneira sustentável.

Aos poucos, o corpo docente começou a utilizar o jardim didático nas suas aulas da seguinte maneira: Biologia (em morfologia e anatomia das plantas), Química (em componentes químicos existentes nas folhas das plantas), Matemática (em simetria das folhas), Geografia (em distribuição geográfica das plantas), enfim, foram tantas formas de interação criativa que jamais poderia esperar. Mas estava lá e era realidade. A ação pode contribuir com a interdisciplinaridade, efetivando o aprendizado na manutenção dos ecossistemas sustentáveis.

Após uma avaliação, pude perceber que, na realidade, o projeto tinha tomado uma amplitude muito maior do que a que eu pensara. Tinha a certeza de que iria chegar lá, como cheguei, mas nunca tinha esperado que chegasse àquela proporção, das possibilidades de se discutir direitos humanos e sustentabilidade dessa maneira. Mas o fato era concreto e estava acontecendo.

Esse processo de construção não foi fácil, pois quebrar paradigmas e desconstruir preconceito e discriminação foi uma tarefa árdua. Aos poucos, pude observar que o ambiente escolar começou a mudar, com uma diminuição significativa do *bullying* de conotação religiosa, conquistando assim a tão sonhada tolerância religiosa. Foi uma enorme surpresa para mim quando a aluna que era hostilizada afirmou que, aos poucos, os alunos a estavam convidando para participar dos trabalhos escolares. E pensar que tudo isso começou com um pequeno pensamento, que se tornou grandioso quando me propus a concretizá-lo. Isso me fez acreditar que podemos construir um mundo melhor, respeitando as diferenças de cada ser humano.

A euforia tomou conta de mim, pois tínhamos conseguido grandes feitos, entre eles conservar a memória dos povos afro-brasileiros por meio da preservação de suas plantas sagradas, oferecendo para futuras gerações a oportunidade de conhecer a herança natural,

cultural e religiosa do povo afro e reciclar os jornais e revistas que não eram utilizados no espaço escolar e que acabava nos lixões e dentro de bueiros, oferecendo a possibilidade de alguma sustentabilidade para a comunidade escolar.

Hoje o herbário intitulado Afro Balê e o jardim didático Abatundé estão abertos para toda a comunidade escolar e para pessoas externas à escola, inclusive cientistas, como biólogos, ambientalistas e antropólogos, constituindo, assim, um ambiente científico e antropológico para estudos, onde as folhas sagradas do candomblé ganharam um espaço permanente de pesquisa e preservação.





# Contando um **conto**: aprendendo um tanto sobre a Floresta Amazônica

**ADENIR VENDRAME E EDILAINÉ TOSTA DE MORAIS**

CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL ARCO-ÍRIS  
**JURUENA, MT**

«Quem conhece, cria laços afetivos, ama e cuida; precisamos de pessoas sensíveis para olhar o mundo, percebendo o quanto ele é belo; precisamos de pessoas que plantem seus corações no meio da floresta.»

“Bem aí, no meio da floresta, plantei meu coração.”

Adenir Vendrame

A Floresta Amazônica sempre me emocionou. Meu encontro com a Amazônia foi ainda criança, no ano de 1980, com cinco anos de idade. Lembro-me como se fosse hoje, na viagem meu pai mostrando com tanta alegria todas as coisas interessantes da natureza que existiam pelo caminho. Quando meu pai apresentou-me a floresta, fiquei um pouco assustada. Era muito grande! Mas, ao mesmo tempo, era muito encanto, tudo era gigantesco e mágico. A cidade de Juruena era só um vilarejo, cercado de floresta por todos os lados. Ouvi das pessoas muitos sonhos, vi muitas derrubadas de mato e muita extração de madeiras.

Logo que chegamos, eu, meus pais e irmãos fomos morar no sítio. Foi aí que iniciei uma relação afetiva que me encantou pela floresta. Dela fiz meu laboratório de pesquisa, e neste fiz descobertas fundamentais para a consciência que tenho com relação à mesma.

Lembro com carinho meu pai vindo do mato com o colo cheio de frutos e com um sorriso alegre no rosto, e então nos entregava: era baga de macaco, cacau, fruto da aroeira, e nunca esquecia a preciosa castanha. Tinha a época de cada fruto. Ele sempre nos falava de algo que tinha visto lá no pé do fruto, eram os macacos no cacauzeiro, ou a cotia e as castanhas, as araras e a aroeira, e tantas outras histórias. Mal sabia ele que estava nos falando da preciosa relação da vida, a cadeia alimentar, a teia que tece o fio que sustenta e propaga a vida. Mal sabia ele também que esse sabor do mato era o sabor do conhecimento, a via de levar a natureza até o coração. Ele também caçava, na época a caça era um dos meios de sobrevivência. Sua maneira de caçar era muito racional; lembro-me dele falando que cuidava para não matar as fêmeas, pois poderiam estar gestantes ou amamentando, e para que a espécie continuasse era importante deixá-las. Quando ele matava um bicho, sempre falava daquele animal, tudo o que havia observado sobre ele no mato.

O caminho em que eu e meus irmãos íamos para a escola era floresta por todos os lados. Sinto como se fosse hoje o frescor e o cheiro que vinham do mato. Vimos muitos bichos nesse caminho: cotia, paca, macacos, macucos, jacutingas, jacus, mutuns, cobras, insetos e





tantos outros. No caminho havia uma árvore que jogava um cipó, e deste, sem imaginar o perigo na inocência de criança, fizemos muitas vezes nosso balanço. Como era fascinante tudo isso! Mas na escola nunca me falaram sobre essa Amazônia em que eu estava. Nunca me contaram sobre os bichos e as plantas do mato. Que pena!

Nosso dia-a-dia era no sítio, mas cada dia era um cenário novo, pois se descobria uma coisa nova no caminho da roça, no mexer na terra, no olhar para o mato. Lembro-me de uma “Grapia”, uma árvore assim identificada pelo meu pai, perto de nossa casa. No entardecer acontecia nela o espetáculo das araras. Como era bonita aquela festa! E ali se misturavam araras vermelhas e azuis. Tinha dias que havia mais de 20 araras. Eu e meus irmãos sentávamos na porteira para contemplá-las.

Não poderia deixar de falar sobre isso porque tudo começou nesse primeiro encontro, começou meu encanto pelos bichos, pelas plantas, pelos rios, por este chão, por esses povos, posso dizer que assim também me tornei uma amazônida. Essa convivência com a floresta contribuiu para minha formação pessoal, para o conceito de vida que tenho hoje. Tudo o que eu fui adquirindo com o passar dos anos sempre teve uma relação direta com o sentimento adquirido lá no princípio. Por isso considero importante colocar a natureza para a criança descobrir e ajudá-la nesse processo.

Iniciei o trabalho educativo com a floresta em 2003, com alunos do ensino fundamental. Trabalhava com eles a temática “Na natureza morta em arte viva”. O objetivo era, por meio da arte, com elementos da floresta, mostrar princípios da sustentabilidade. Foi com esse trabalho que percebi a floresta como uma fonte inesgotável de recursos pedagógicos. Cada folha que ela oferece é um livro vivo para ser descoberto e lido com os olhos microscópicos da sabedoria.

Trabalhar com a floresta foi tão importante para a minha formação porque foi com ela que me descobri autora. Percebi que poderia criar meu material didático, com contos, poesia, fotos, com todos os elementos de que a floresta é fonte.

Percebi que as crianças pouco sabiam sobre a floresta, pois, ao falar em animais, só se referiam ao elefante, ao tigre, ao leão, animais que estão longe, em outro continente. Quando falava em árvores, nunca saía o nome da castanheira, sendo que era possível ver a mesma da janela da sala. O que está errado? Por que nossas crianças não conhecem o contexto em que moramos, “a floresta Amazônica”? É claro, era preciso que alguém falasse a elas sobre essa riqueza. Então, foi a partir de observações como essas e outras mais que me senti entusiasmada para sempre buscar LER A FLORESTA PARA MINHAS CRIANÇAS.

Foi no ano de 2007 que iniciei esse trabalho na educação infantil. Essa fase da vida me emociona e encanta pela emoção que os pequenos externalizam em cada descoberta que fazem, e também por essa fase da vida ser tão importante para a formação humana.

Todos os anos melho minhas ações e meus materiais para falar da floresta, acrescento tudo de novo que vou produzindo e descobrindo. Sempre estou descobrindo coisas lindas nas trilhas da vida que percorrem a floresta. Meus materiais são simples, mas são cheios de carinho e emoções.

De agora em diante, recito para vocês o trabalho (assim digo pois soa-me como uma poesia, por ser carregado de todo meu sentimento). Boff (apud BONTEMPO, 2006, p.17) nos lembra a importância dos sentimentos, dizendo que tudo deve passar pelo coração, de modo a desenvolver um sentimento, porque é isso que leva ao cuidado, é nesse processo que acredito que meus alunos serão seres de cuidado.

“É o sentimento que nos faz sensíveis ao que está à nossa volta, que nos faz gostar ou desgostar. É o sentimento que nos une às coisas e nos envolve com as pessoas. É o sentimento que produz encantamento face à grandeza dos céus, suscita veneração diante da complexidade da Mãe-Terra e alimenta enternecimento face à fragilidade de um recém-nascido. Esse sentimento profundo se chama cuidado. Somente aquilo que passou por uma emoção, que evocou um sentimento profundo e provocou cuidado em nós deixa marcas indeléveis e permanece definitivamente.” (BOFF, 2001).





O projeto foi desenvolvido neste ano de 2012, com uma turma de Pré I, com crianças entre 4 e 5 anos de idade. O objetivo maior é levar nossas crianças ao encontro da floresta, para que a conheçam e assim desenvolvam uma relação afetiva com ela, para que amem e cuidem da vida. Para isso foram fundamentais a linguagem lúdica dos contos que falam da floresta, e também o pé na trilha, que possibilitou o contato direto para sentir a floresta e emocionar-se com ela.

Mostrar o mundo aos pequenos, falar, deixar que sintam como é belo, é ensiná-los o valor do cuidado, tão fundamental aos nossos dias. É o cuidado que nos faz sensíveis ao mundo que nos cerca. Este ano, sob o título “Contando um conto: aprendendo um tanto sobre a floresta Amazônica”, contei com a ajuda preciosa da professora auxiliar da turma, Edilaine Tosta de Moraes.

Iniciamos o trabalho com uma atividade para que as crianças colocassem as suas percepções sobre a floresta. Apesar de morarmos na região abençoada pela linda floresta, a maioria dos alunos nunca entraram nela.

Demonstraram a concepção de floresta como uma só árvore, nada de bicho. Devemos levar em consideração a idade em que as crianças se encontram, não são capazes de perceberem sozinhos algo complexo como a floresta. Apenas aqueles alunos cujos pais têm a cultura de mostrar as coisas da natureza demonstraram conhecimento sobre a mesma. Daí a importância de a escola trazer em seu currículo as coisas da natureza do lugar onde moramos. Quem conhece cria laços afetivos, ama e cuida. Precisamos de pessoas sensíveis para olhar o mundo e perceber o quanto ele é belo. Precisamos de pessoas que plantem seus corações no meio da floresta.

Dando mais um passo com a pedagogia da floresta, contamos o conto “Quem roubou a castanha da cotia”, de minha autoria. Isso possibilitou apresentar a floresta aos pequenos. É a história de uma cotia que chora muito o roubo de sua castanha. Ela havia roído o ouriço,

guardado a cambuca com o restante, como realmente fazem as cotias, para saboreá-las em outro momento. Mas a pobre, ao voltar em outro momento para saborear as tais castanhas, cadê? Não estavam mais lá! A dona arara, como era muito matraqueira, não aguentou a choroadeira da cotia, saiu fazendo a investigação do tal roubo. Investigou vários bichos, mas nada de saber! Quem descobriu o roubo foi a jabota, que ninguém havia percebido, pois estava muito quieta num cantinho observando tudo. Essa explicou a situação, contou que havia entrado na floresta um tal de bicho homem e levado todas as castanhas da castanheira, inclusive aquela que a cotia guardou. Percebi entre as crianças um sentimento de revolta com relação a essa atitude do homem de deixar a cotia sem castanha.

A história, além de apresentar a floresta aos pequenos, permitiu uma reflexão sobre os princípios éticos do ser humano com relação à mãe natureza. O que o homem fez está certo? Quando vamos extrair algo da natureza podemos retirar tudo? A floresta é a casa das plantas, dos bichos. Como podemos entrar na casa dos outros e retirar de lá algo que não é seu? Com questionamento, as crianças, na linda maneira de verem o mundo, foram percebendo e expressando seus sentimentos. As crianças colocaram algo importante além do proposto: que não podemos derrubar mais florestas e nem fazer queimadas. A história permitiu também discutir a maravilhosa relação ecológica entre a cotia e a castanheira, que é um dos fios mais preciosos da teia da vida na floresta.

Estudamos os bichos que foram aparecendo na história: tucano, onça, urubu, arara, gavião, jabota, tatu... Discutimos alguns pontos importantes, colocados como acusações: por que a onça não pode comer castanhas, sendo que essa foi uma das acusadas? E o tucano, seu bico permite esse tipo de alimentação? E assim conceitos importantes a respeito da vida na floresta foram sendo construídos com as crianças. Elas entenderam, em seu coração de criança, que tudo na floresta funciona numa ligação especial, que cada coisa que lá existe não é por acaso, existe porque tem um trabalhinho importante para ser desenvolvido naquele sistema.

Os conhecimentos foram sendo reforçados com uso de materiais como fotos e vídeos e poesias da floresta produzidos por mim. Também realizamos pesquisas em livros e revistas. As crianças foram demonstrando suas conclusões com as artes plásticas.





Continuamos a trilha da sabedoria da floresta, agora com o conto “Os três porquinhos da Amazônia”. A narrativa, também de minha autoria, trouxe à discussão uma família de queixadas que vivem nas maravilhosas terras da Amazônia e que precisaram buscar a sabedoria florestal para fazer suas terras produzirem alimentos, então fizeram suas terras produzirem de forma agroflorestal. Com o conto, vários princípios importantes para a sustentabilidade na terra foram discutidos no modo especial de ser das crianças, ou seja, na linguagem delas: o companheirismo dos três porquinhos; o ensinamento da mãe e do irmão mais velho; o olhar sempre direcionado para a natureza; e vários outros que, se aqui fosse possível descrever, dariam muitas laudas.

Continuando as trilhas da floresta, agora com “Chapeuzinho Verde na floresta Amazônica”, também de minha criação, a menina mostra a floresta com os olhos de criança. Em vários atos, fala da floresta aos pequenos, e aborda os princípios das plantas, dos bichos, dos rios, do solo. Também traz a magia das lendas, e o Curupira é lindamente mostrado pela menina. A magia maior está no encontro que a mesma promove entre a floresta e as crianças. Tudo preparado, então lá fomos nós ao sítio dos meus pais Enio e Vilma Vendrame, onde passeamos numa linda estrada bem no meio da floresta. Então a poesia nos era mostrada e falada pela própria floresta. Chapeuzinho Verde havia falado da castanheira, e lá estava ela, carregada de ouriços, até jogou um fora de época para que pudéssemos sentir bem de perto as boas vindas da floresta. Falou também das sementes e do solo, do canto dos pássaros e dos insetos, também das pegadas e das folhas, dos rios e do cheiro do mato, cheiro de vida que, exalado no contexto onde todos os sentidos do nosso SER HUMANO podem ser tocados, permite que nos tornemos melhores humanos, mais sensíveis para o que é a vida.

Vimos muitas sementes pelo caminho, vimos o rio protegido pela floresta, vimos as pegadas do Curupira, ouvimos muitas cigarras alegres cantando! Ouvimos as araras, periquitos e outros pássaros cantando e gritando. A floresta estava muito animada pois havia chovido depois de um longo período de seca, agora todas as sementes irão brotar. No quintal da casa dos meus pais foi possível mostrar às crianças um pouco do que os três porquinhos da Amazônia fizeram, “o quintal agroflorestal”, um dos princípios fundamentais para viver na Amazônia. É preciso saber viver de acordo com a pedagogia da floresta. É o que nos fala Capra (2004, p.231): devemos aprender com os ecossistemas a produzir as nossas comunidades humanas.

“Não podemos aprender algo sobre valores e fraquezas humanas a partir de ecossistemas. Mas o que podemos e devemos aprender com eles é como viver de maneira sustentável. Na organização de três bilhões de anos da vida, os ecossistemas se organizaram de maneira leve e complexa, para a maximização da sustentabilidade. Essa sabedoria da natureza é a essência da ecoalfabetização.” (CAPRA, 2004, p.231)

Cada passo do trabalho foi sendo registrado pelas crianças com desenhos e muitas artes plásticas. Elas demonstraram muitos conhecimentos nesses registros.

Utilizar a floresta de nossa região como recurso pedagógico foi muito importante para o desenvolvimento da aprendizagem, porque as crianças puderam vivenciar o conhecimento. Não foi um estudo baseado numa realidade distante. Utilizar os contos foi gratificante e fundamental para a formação do leitor, pois a formação da leitura da palavra precede sempre a leitura de mundo, como nos diz Paulo Freire. Ler esse mundo de encanto que é nossa floresta para as nossas crianças, com os contos, possibilitou o envolvimento completo. Possibilitou um encontro com personagens que não falaram de um mundo que elas não podiam ver, mas que estava ali, no broto da árvore, no ouriço da castanha, no voo da arara, no canto do tucano, no buraco do tatu, na paciência da jabota, na correnteza do rio, na pegada do Curupira... Um mundo colorido e bem pertinho, como toda criança gosta.

Depois de todas as trilhas em que passeamos com nossas crianças pelos contos e cantos da floresta, podemos considerar que é de fundamental importância iniciar na educação infantil a educação ambiental voltada para a nossa realidade. Assim nossas crianças crescerão despertadas e sensibilizadas para cuidar e amar a vida, para apreciá-la como uma arte e com certeza utilizá-la com respeito e responsabilidade.

“... é necessário educar os futuros cidadãos brasileiros, para que os mesmos venham agir no meio de modo responsável e com sensibilidade, assim conservando o ambiente saudável no presente e no futuro.” ( PCNs 1997:25 e 26).

Podemos dizer que um dos aspectos fundamentais desse trabalho feito com as crianças é a valorização que as mesmas aprenderam a dar ao meio em que vivemos. Falam da





floresta, falam dos bichos, têm sentimentos bons despertados por ela, isso é gratificante! Com certeza crescerão adultos capazes de valorizar a vida como um todo. Filhos que esperamos que possam ser pessoas melhores, maiores e cada vez mais felizes. Filhos que possam viver num mundo melhor, mais amoroso, harmonioso e equilibrado. Afinal, a esperança de vivermos outra realidade nos motiva e nos ajuda a buscar construir uma condição melhor que beneficie a todos. Um mundo respeitoso e amoroso, onde possamos apreciar as belezas, colher os frutos, nadar nas águas, respeitar ar puro e compartilhar delícias com nossos filhos e amigos, sem precisar viver a fobia de que este seja o último.

“Somos moradores da Amazônia. Precisamos conhecê-la, pelo menos um pouco, para saber valorizar toda a vida que existe no contexto dessa floresta, integrando-se nela e assim fazendo um manejo adequado e defendendo-a. É preciso conhecer os irmãos e irmãs que compartilham a mesma atmosfera, a mesma paisagem, o mesmo solo, os mesmos mananciais, as mesmas fontes de nutrientes; é preciso conhecer os tipos de plantas, animais e microorganismos que convivem naquele nicho ecológico comum; é preciso conhecer a história daquelas paisagens, visitar aqueles rios e montanhas, frequentar aquelas cascatas e cavernas; é preciso conhecer a história das populações que aí viveram sua saga e construíram seu habitat, como trabalham a natureza, como a conservaram ou a depredaram, quem são seus poetas e sábios, heróis e heroínas, santos e santas, os pais/mães fundadores de civilização local.” (BOFF 2004, p.135)

Precisamos, diante do mundo, desenvolver um compromisso de sermos sustentáveis, e sermos sustentáveis implica, dentro de cada um de nós, vasculharmos as terras que pisamos, nos envolvermos nelas, sermos essa terra e as comunidades humanas e naturais que ali habitam. Para isso existe um primeiro passo, o SER dentro da gente aquilo que acreditamos SER no mundo, e isso é possível se tentarmos, se buscarmos. E aí, Rio+20 E EU COM ISSO? Nós temos tudo a ver com isso! Somos povos desta terra, somos chamados educadores para isso: transformar o nosso meio num lugar melhor para vivermos em comunhão, e viver em comunhão implica hoje ser sustentável em todas as nossas ações. Somos também fio da mesma vida que tece os bichos, as plantas, as águas, e tantos caminhos que contribuem para a vida SER no planeta TERRA.

Mesmo que a RIO+20 pareça ter acontecido um pouco inibida diante de tantas ideias, nós devemos ser a desinibição e fazê-la acontecer no nosso pedaço de chão. Mesmo que pareçamos formigas em meio a multidões lutando ao contrário, como é nosso caso na Amazônia. A floresta é devastada dia após dia, e somos uma minoria que acredita que a mesma é fonte inesgotável de sustentação. Há muita política poderosa por trás disso tudo, um poder paralelo que busca o lucro imediato com a exploração da madeira e a criação de pecuária. Não podemos desistir. Temos muito para fazer, sempre lembrando que as formigas são tão pequenas diante da floresta, mas têm uma pedagogia fundamental para o funcionamento da mesma: são fertilizadoras do solo, são fios importantes. Assim devemos ser nós, mesmo que nossas ideias e práticas pareçam tão pequenas quanto as das formigas: não se deve parar. Quem sabe um dia poderemos ser um formigueiro só, quem sabe um dia poderemos ser a floresta inteira? Quem sabe um dia todos plantem seus corações bem lá, no meio da floresta, assim como nós e nossos alunos já os plantamos!







## Um **paraíso** enquanto há canto...

**RISONEIDE ALVES PEQUENO**

E.M. DR. JOÃO FERREIRA LIMA

**TIMBAÚBA, PE**

“Meu avô costumava dizer que tudo está interligado entre si e que nada escapa da trama da vida. Ele costumava me levar para uma abertura da floresta, deitava-se sob o céu, apontava para os pássaros em pleno voo e nos dizia que eles escreviam uma mensagem para nós. Nenhum pássaro voa em vão. Eles trazem sempre uma mensagem do lugar onde todos nos encontraremos, dizia ele em um tom de simplicidade, a simplicidade dos sábios.”

Daniel Munduruku, *A vida que a gente quer depende do que a gente faz*, p.58.

Há 20 anos descobri dentro de mim uma outra vida: outro ser desenvolvia-se no meu ventre. Tudo transcorria tranquilamente como em toda gestação saudável, até o dia em que pude afagar “aquela vida” e descobrir que ela inspirava cuidados especiais. A partir daquela data, comecei a pensar e a agir de maneira diferente. Meus sonhos já não eram os mesmos sonhos, minhas palavras ganharam nova tonalidade. Eu teria que ser uma pessoa diferente para que a minha filha não fosse tratada com indiferença.

Em 20 anos, muitas portas foram abertas, muitas coisas mudaram dentro de mim, minha história tomou novo rumo, fiquei mais sensível, mais humana, mais tolerante. Passei por muitas barreiras, perdas irreversíveis, mas sobrevivi a tudo. Afinal, já estava preparada para voar...

Há 11 anos leciono no Engenho Limoeirinho, na zona rural do município de Timbaúba. Trabalho com turma multisseriada e amo o que faço. Amo este lugar que para mim é um verdadeiro paraíso e tento transpor o que sinto aos que me rodeiam. Percebo que os meus alunos não dão muito valor ao mundo que habitam. Eles não conseguem identificar a riqueza do lugar em que vivem... A paz, o silêncio, o espaço e todo o verde que as pessoas da



cidade “pedem a Deus” estão aqui. Eles vivem este mistério todos os dias. São ricos, mas não herdaram a sensibilidade para apreciar o mundo que os cerca. Muitos foram buscar na zona urbana o que não encontravam aqui, e por esse motivo “Nosso Engenho” está mais silencioso.

Décadas atrás, neste lugar que tinha por nome Rosa e Silva, havia muitas moradias e até comércio. A rua era muito movimentada porque pessoas de outros vilarejos chegavam para fazer suas compras, visitar os parentes e botar a conversa em dia. A conversa girava em torno da família. Quando não podiam se ver, mandavam recados pelos vizinhos que iam comprar nos barracões do local. Os que moravam mais próximos sempre tinham algum motivo para estar na casa do outro e, mesmo sendo “compadre” ou “comadre”, sentiam-se como se fossem da família. Acordavam muito cedo com o canto dos pássaros no telhado e com o galo cantando no quintal: era o anúncio de mais um dia. À tarde, a revoada dos pássaros anunciava a hora certa do jantar...

O transporte era feito praticamente com cavalos, burros e bicicletas. Muitos estudantes da nossa escola vinham de lugares bem distantes a pé ou montados em jumentos.

Atualmente, neste pedacinho de mundo, restam apenas a Capela, a Escola, a Casa Grande e mais umas três casinhas que teimam em permanecer. A comunicação entre os moradores é feita por meio de celulares ou rádio-amadores. Como transporte, os carros e as motos; os cavalos, burros e bicicletas ainda são usados como tradição, pelos moradores mais antigos. Há muitos transportes escolares circulando, mas ainda existem crianças que vêm de longe a pé para estudar.

Hoje em dia o “acordar” na zona rural é bem diferente. Quase ninguém escuta o canto dos pássaros (sem contar que muitos estão engaiolados) nem o canto do galo; à tarde não há mais tempo para contemplar revoadas. A televisão dissipou algumas tradições. O jantar é servido mais tarde e as conversas entre familiares e vizinhos resumem-se em poucas palavras.

Todos os dias, quando chego ao Engenho, sou acolhida pelo canto mágico dos pássaros e pelas vozes de algumas crianças solitárias. Só que, de uns tempos pra cá, nossas aves vêm sendo ameaçadas de extinção. Nossos pássaros são alvo de caçadores insensíveis.

O assunto é tratado como se fosse algo normal. Recentemente, presenciei o cantar de um filhotinho de pássaro (que havia sido retirado do ninho) na mão de uma criança e não pude me conter.

Um pássaro, quando pequeno, não consegue voar: fica totalmente dependente dos pais, que levam comida ao seu bico e cuidam para que nada falte até que suas asas comecem a bater vigorosamente para alcançar o espaço e a independência almejada pela família.

“Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados...”

Reunimos os alunos numa roda de conversa para descobrirmos o que poderia ser feito para que o pássaro voltasse ao convívio da família, já que ainda não estava pronto para voar. Fiquei curiosa para saber das crianças sobre o assunto. Enquanto isso, o pequeno voador, assustado com as vozes dos alunos, virava os olhinhos para todos os lados e cantarolava baixinho um pedido de socorro. Naquele cantar tristonho víamos a fragilidade da pequena ave. Interiormente, cheguei a compará-lo a uma criança indefesa. Como devolvê-lo à natureza, se ainda não voava? O que aconteceria com ele? As crianças revelaram como seria possível libertá-lo sem que sofresse dano algum.



Colocaríamos um alçapão (gaiola para pegar pássaros) com o filhote dentro em cima do muro da entrada da escola para atrair um pássaro maior que pudesse transportá-lo de volta ao seu ninho. O pássaro maior levaria o filhote em suas costas ou segurando-o com suas patas. E assim foi feito. E tudo aconteceu da forma que havia sido prevista: mesmo baixo, o som da cantoria saudosa do passarinho ecoou pelos ares e, vindo sei lá de onde, surgiu o pássaro-pai para resgatá-lo.

“O que elas amam são pássaros em voo...”



Daí em diante, resolvi conversar individualmente com os alunos sobre o assunto (a outra turma também participou da conversa). Surgiram novidades relacionadas ao que havíamos vivido. Pela conversa que tivemos, resumi que muitos dos nossos pássaros são ameaçados de extinção diariamente pelos caçadores da redondeza. Pessoas prendem e mantêm em gaiolas (sem sentir culpa alguma!) aves de todos os tipos. Um verdadeiro des-caso com a natureza!

“Pássaros engaiolados são pássaros sob controle...”

Nos dias seguintes muitas coisas aconteceram. Realizamos pesquisas nas salas de aula e na comunidade para identificar nomes de pássaros que sobrevoam a nossa região. A pesquisa foi feita primeiro nas salas de aula, depois pesquisamos entre as famílias, na própria comunidade. Nas salas de aula, a pesquisa gerou grande entusiasmo, porque as crianças sentiram prazer em falar sobre um assunto tão natural e encantador para elas.

No 2º e no 3º anos (Fundamental 1) o trabalho com os pequenos iniciou-se com perguntas sobre nomes de pássaros mais conhecidos. À medida que iam falando, tudo ia sendo escrito e enumerado por mim, no quadro, e logo após copiado por eles em uma folha. Concluída a pesquisa, perguntei quais daquelas aves apareciam em maior e menor quantidade em “Limoeirinho”. As que apareceram em menor quantidade foram marcadas na nossa lista como as mais ameaçadas de extinção.

O 4º e o 5º anos (Fundamental 1) escreveram em uma folha os nomes de pássaros que cada um conhecia, individualmente. Conversamos com eles também sobre a ameaça que pairava sobre a espécie. As perguntas do 2º e 3º anos (Fundamental 1) também foram feitas nessa outra turma.

Em um segundo momento, as listas das duas turmas foram comparadas por eles mesmos num trabalho conjunto, fornecendo-nos um material riquíssimo para o desenrolar da pesquisa. As listas foram expostas no mural do pátio da escola para que todos tivessem acesso aos nomes das aves. O título sugerido por eles para a folhinha foi “Nossas aves,

nosso encanto”, e os nomes mais citados em todas as listas foram rolinha, rouxinol, anu, tiziu, bigode, bico de osso, patativa, bico de lata, canário da terra, cravina, sabiá, lambu, chupa manga, juriti, galo de campina, pintassilva, pardal, guriatã de coqueiro, beija-flor, azulão, lavandeira, andorinha, graúna, bem- te-vi, coruja e periquito.

Trabalhei também com eles o texto “ABC da passarada”. É um texto que traz nomes de pássaros na ordem alfabética. Alguns nomes foram novidade, outros já eram conhecidos. As crianças puderam comparar a lista que já haviam feito com as palavras do poema.

Em outra ocasião, fizemos visitas à comunidade. Descobri algumas coisas interessantes (digo descobri porque já eram do conhecimento de muitas crianças): fiquei sabendo que o passarinho só consegue sair do ovo porque ele nasce com um dentinho especial para quebrar a casca. Demora dois dias para ele quebrá-la. Depois disso ele perde o dentinho. Soube também que a andorinha passa o dia comendo moscas e que todos os passarinhos são limpinhos porque tomam vários banhos por dia, estando engaiolados ou não.

Durante as visitas pude constatar minhas suspeitas sobre pássaros engaiolados. Eram muitos e cantavam com tristeza porque “Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros porque a essência dos pássaros é o voo”. Dei mais ênfase ao valor da liberdade pois as escolas não podem “ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros.”

Organizamos um momento de silêncio ao ar livre para apurarmos nossa sensibilidade. Ouvimos melhor o maravilhoso canto dos pássaros enquanto perguntávamos o que seria daquele paraíso sem aquela sinfonia. Questionei-os sobre o valor do voo para aquelas aves e sobre a capacidade de eles mesmos voarem.

Fizemos também um passeio pela “matinha” para observarmos como eram feitas as moradias dos pássaros. Antes, observamos os ninhos no alto dos pés de cajá da nossa escola, utilizando binóculos para facilitar a visualização. O material utilizado para fazer os





ninhos é composto praticamente por gravetos (galhos secos) que os pássaros trazem de vários lugares no bico para depois entrelaçá-los e dar forma ao seu aconchego. O tamanho e formato do ninho vai depender da espécie do pássaro, e o local adequado vai do gosto dos orgulhosos pais, que escolhem um lugar mais aconchegante para depositarem seus ovos. Há ninhos feitos em troncos de árvores e geralmente todos são feitos em lugares altos para manter os predadores bem distantes.

Ao interagirmos com a natureza e com a comunidade, relacionamos informações obtidas com fatos do nosso cotidiano e achamos necessário criar placas sobre o tema “Não às gaiolas”. Confeccionadas as placas, fizemos um passeio pela escola para verificar os locais em que havia necessidade de avisos (os avisos também foram espalhados em locais estratégicos da comunidade e até mesmo nas casas de pessoas que nos pediram). As crianças fizeram todas as colagens e tudo foi registrado em fotos e exposto em nosso mural.

Além das atividades já citadas, os alunos participaram de dramatizações, pesquisas entre familiares, apreciação de figuras, leituras e interpretação de textos variados, desenhos (com formas geométricas). Trabalhamos horas (partida e revoada dos pássaros), gráficos, linhas retas (formato das gaiolas), resolução de problemas, leitura e recontagem de histórias em quadrinhos.

Pretendemos ainda fazer uma palestra com toda a comunidade para refletirmos juntos sobre a importância da liberdade dos pássaros para o meio ambiente e sobre a influência da escola no “voo” dos alunos. Na ocasião, trabalharemos também o lindo poema de Rubem Alves “Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas”. Faremos a culminância com “Gaiolas Vazias”, onde faremos uma exposição de gaiolas trazidas pelos moradores do Engenho com direito a fotos e tudo mais...

Depois de receber o convite do Prêmio Ecofuturo mudei (ainda mais) meu ponto de vista sobre a complexidade da vida. Comecei a olhar a natureza com meiguice, a valorizar as

pequenas coisas, e comecei a fazer das pedras que encontrava em meu caminho alicerces para o meu crescimento. Este projeto foi ampliado a partir da proposta do Prêmio Educação para a Sustentabilidade, quando senti que poderia ir além do que já havia feito. As palavras e atitudes foram entrelaçadas em momentos de magia... Tudo começou com o canto de um pássaro perdido, sem pai e sem mãe, fragilizado pelas circunstâncias da vida. Daí então resolvi acreditar que tudo seria possível e que bastaria apenas um toque de inovação e otimismo.

O pontapé inicial já foi dado mas muito ainda há de ser feito. A comunidade está consciente de seus propósitos com relação às riquezas ambientais. Tenho observado que as pessoas que vivem neste “paraíso” mudaram sua concepção sobre O MELHOR LUGAR DO MUNDO. Estão mais reflexivas e envolvidas com o encanto dos pássaros que, quando cantam, fazem toda diferença...

**E EU TENHO TUDO A VER COM ISSO!!!**







# Borboletas para as flores do Flôres da Cunha

**LUÍS ROBSON MUNIZ** EM COAUTORIA COM **FERNANDO DE PADUA LAURENTINO E ROSELY MARCHETTI HONÓRIO**

EMEF DEPUTADO FLÔRES DA CUNHA

SANTO ANDRÉ, SP

«Será possível realizar ações e/ou intervenções locais, fora da sala de aula, que promovam uma metamorfose educativa-social que eleve a autoestima dos estudantes e os conduza a um “mais querer”, tanto como personas quanto como cidadãos, visando a uma vida mais ética e sustentável?»

## **P**reâmbulo

Em 1992, quando o computador começava a fazer parte da vida cotidiana de algumas pessoas, a máquina de escrever, o mimeógrafo e o projetor de slides eram os recursos tecnológicos para o trabalho que realizava em instituições públicas na cidade de São Paulo como historiadora, em visitas monitoradas ao Centro Histórico de São Paulo, oferecidas pela Secretaria Municipal de Cultura, e como professora de História em escolas estaduais e privadas da zona Leste da cidade. Na ocasião, começava a aprender a ler e a interpretar São Paulo de uma perspectiva multidisciplinar, porque era integrante de uma equipe cujos membros tinham formações acadêmicas diversas.

Há 20 anos, a maioria dos pais dos alunos com os quais trabalhamos na EMEF Deputado Flôres da Cunha tinham a idade de seus filhos que hoje cursam da 5ª à 8ª séries, respectivamente do 6º ao 9º ano, pois tinham em média 11 a 14 anos. Residiam em um bairro humilde da zona Leste denominado Jardim Dona Sinhá, pertencente ao distrito de Sapopemba, da cidade de São Paulo. Meus alunos são crianças e adolescentes filhos de uma geração em que os meios de comunicação de massa, a indústria cultural e a circulação de informações fortaleceram a inserção em uma experiência de vida que parece transitória, e que coloca em crise a noção de passado e as relações com ele tecidas (MENEZES, 1999), e que os coloca inerentemente em uma crise de identidade enquanto sujeitos psicológicos e sociais.

A escola, que tem algo em torno de 500 alunos(as) no ciclo fundamental, localiza-se no bairro Parque dos Bancários, cujos limites com o Jardim Dona Sinhá são difíceis de precisar. A maioria dos estudantes reside na favela do Jardim Dona Sinhá. Muitos alunos omitem que moram no bairro para não serem discriminados pelos colegas. Na escola, predomina entre os alunos uma relação interpessoal caracterizada por agressões físicas e verbais, inclusive na sala de aula. O tempo das aulas é utilizado rotineiramente pelos professores para a mediação de conflitos entre os alunos.

## **J**ustificativa

Neste ano de 2012, iniciamos o trabalho docente na EMEF Deputado Flôres da Cunha, junto com outros dois professores (de Geografia e Ciências) recém empossados como eu, e completamente neófitos frente ao habitat socioeducativo árido e hostil que, por conservadorismo, ainda é chamado de sala de aula. Passamos a “trialogar” muito so-



bre intervenções e ações que poderíamos fazer no sentido de ressignificar aquele espaço, em busca de um caminho que pudesse contribuir para uma mudança dessa realidade, com a construção transdisciplinar e interdisciplinar de uma seara generosa e hospitaleira para ensinar e aprender, dentro de um ambiente prazeroso e sustentável.

### **Questão problematizadora**

Será possível realizar ações e/ou intervenções locais, fora da sala de aula, que promovam uma metamorfose educativa e social que eleve a autoestima dos estudantes e os conduza a um “mais querer”, enquanto personas e enquanto cidadãos, com vistas a uma vida mais ética e sustentável?

### **Hipótese**

Iniciamos um trabalho de procura de subsídios teóricos e de coleta de memória de funcionários e professores com mais anos de trabalho na escola, de ex-alunos e moradores locais. Descobrimos que a escola, no passado, havia se dedicado ao ensino agrário, em razão de, na época, encontrar-se em zona rural. Os galpões estufa hoje foram transformados em salas de aula, e, nos arredores, espaços onde outrora se cultivavam hortaliças e leguminosas hoje são locais marginais, degradados e completamente esquecidos. A escola tem também um grande jardim de entrada, que, apesar de desprezado e mal conservado, nos dava uma sombra generosa e um vigoroso ar fresco e úmido, confortando-nos servilmente nas tórridas discussões que fazíamos buscando responder nossa cruel pergunta. E então, em uma bela tarde, dirigindo um olhar mais de solidariedade do que de sustentabilidade para aquele jardim que sempre nos acolhia de forma tão gentil e hospitaleira, tivemos o insight que viria a ser a nossa hipótese deste projeto: “Uma intervenção com trabalho solidário da comunidade escolar, visando a recuperação do jardim, transformando-o em um espaço de convivência e aquisição de conhecimentos, competências e valores, irá contribuir para a constituição de vínculos afetivos (“mais querer”) intrapessoais, interpessoais, com a escola e com o bairro, isto é, irá sensibilizar os (as) alunos(as) e gerar uma melhora na autoestima dos mesmos, promovendo uma mudança de comportamento para uma reversão do vínculo que mantêm atualmente com o espaço, e que tornará mais prazerosa e mais sustentável a vida deles no local; enfim, uma vida mais ética e cidadã”.

Pois bem, aprendemos que uma sombra também pode nos dar a luz, e que agora iríamos trabalhar fervorosamente para validá-la.

### **Objetivos Gerais**

Partindo dos pressupostos de ARAÚJO (2003), que preconiza a educação por valores, e acreditando que o clima desumano que impera na escola seja fruto da falta dos mesmos, entendemos que nossos grandes objetivos nesse projeto de matriz transdisciplinar são o resgate da autoestima dos estudantes e a valorização do conceito de sustentabilidade.

### **Objetivos Específicos**

O nosso objetivo específico, neste momento, é sensibilizá-los em relação à vida, fundamentados nos estágios do aprendizado com a natureza propostos por CORNELL (1997):

1. despertar o entusiasmo pela vida contemplando-a;
2. concentrar a atenção no som dos pássaros e identificar as espécies que habitam esse espaço; nas formigas que, em um dos cantos do jardim, silenciosamente trabalham, carregando folhas que pesam quinze vezes mais do que seus corpos; na diversidade de espécies de árvores, arbustos e plantas ornamentais nativas e exóticas que nele convivem – folhas de tons, tamanhos e formatos diferentes; caules com texturas, alturas e larguras diferentes; flores de cores variadas e sementes de diferentes tipos – aladas, encapsuladas, etc;
3. experimentar, em dias de calor e de tempo seco, rotineiros no final de inverno e início da primavera em nossa cidade, a diferença com relação ao ambiente da sala de aula e a sensação de estar embaixo de uma árvore adulta;
4. vivenciar e compartilhar as sensações e inspirações oferecidas intrinsecamente por um jardim.



### **Conteúdos Curriculares**

Inicialmente, a rede de interdisciplinaridade estará calcada na tríade da relação dialética entre as disciplinas de História, Geografia e Ciências, pelo simples e triste fato de, até o momento, não termos tido a adesão de outros colegas. Mas o projeto abarca todas as disciplinas do ciclo fundamental, e, a qualquer momento, colegas que queiram contribuir com sua expertise acadêmica e ousar enveredar pelos caminhos auspiciosos e benevolentes da transdisciplinaridade e da interdisciplinaridade serão sempre bem-vindos, uma vez que o projeto parte do pressuposto de que a realidade é complexa e não disciplinar, e, com base na construção de redes complexas, defendida por PATARO (2008), é possível a entrada sinérgica de ações que venham a esclarecer a compreensão do tema estudado, no desdobrar do projeto.



### **Orientações Curriculares de História**

A observação, a identificação das espécies e dos locais de origem das árvores exóticas do jardim contribuem para o estudo da relação entre o cultivo de outras plantas nas paisagens brasileiras e os processos imigratórios e migratórios em diversos tempos ocorridos no Brasil, em São Paulo e na localidade. Essa abordagem propicia discussões sobre as diferenças nas relações estabelecidas entre o homem e a natureza pelos povos indígenas e de outras nações que passaram a conviver e a compor o “brasileiro”. Conduz à discussão sobre as diferenças e semelhanças, mudanças e permanências entre as diversas maneiras de se relacionar com a natureza que constituíram o comportamento padronizado de produção e consumo que mantemos atualmente. A partir da contemplação e do estudo da diversidade de árvores do jardim da escola – as nativas e as exóticas –, pretendemos trabalhar, na disciplina de História, a relação homem-natureza em outras temporalidades. A recuperação da memória local do convívio dos indígenas com a natureza, isto é, com a vegetação nativa exemplificada nas árvores brasileiras plantadas no jardim, permite trabalhar com o propósito de atender a um dos objetivos da Agenda 21: o reconhecimento dos valores, dos conhecimentos tradicionais e das práticas de manejos e de recursos dos povos indígenas.

Aí está o gancho em História para pensarmos junto com os alunos o consumo dos espaços fragmentados na região em que residem, pela valorização ou desvalorização produzida pela especulação imobiliária, que atribui valores diferenciados a determinadas áreas, valoriza ou desvaloriza terrenos e pessoas que neles residem.

### **Conteúdos Curriculares de Geografia**

A disciplina de Geografia estabelecerá um forte viés interdisciplinar com as disciplinas de História e Ciências. Pretende-se assumir a concepção do jardim como lugar de vivência no contexto escolar e do entorno da escola, relacionando a condição do jardim aos cuidados e práticas de intervenção naquele espaço. Dessa forma, discutir-se-ão os usos do jardim por funcionários, professores e alunos do colégio, e também como a comunidade que frequenta aquele espaço o percebe e dele se apropria.

Junto com os alunos, iremos pesquisar a respeito da configuração e construção do espaço do jardim como elemento social e humano, concebendo a ideia do jardim como

uma construção humana, definida pelo tempo e espaço do seu entorno social. Partindo para um lado mais científico-prático, iremos utilizar diferentes formas de representação do jardim e de seus usos (mapas, plantas, maquetes, entre outras). Como exemplo, utilizaremos guias, planta da escola, mapa da região etc. para levantamento da área onde o jardim está localizado, buscando reconstruir a história do local com ajuda de relatos de moradores, para documentar a respeito das transformações no mesmo. Com um olhar geográfico, iremos propor a identificação do contexto e da situação do jardim (que está numa crista de morro – ponto mais alto entre duas vertentes de uma elevação da topografia) e sua relação com o entorno, assim como a identificação do jardim como recurso paisagístico e de sua presença marcante num lugar de alta densidade demográfica, onde as árvores de grande porte se destacam na paisagem desprovida de vegetação.

### **Conteúdos Curriculares de Ciências**

Dentro do conteúdo disciplinar de ciências, iniciaremos os estudos fenomenológicos pertinentes a um jardim, dentro do âmbito da Física, da Química e da Biologia, partindo das premissas histórico-culturais que os(as) alunos(as) trazem consigo, deixando livre inclusive o uso de termos populares e linguagem não culta. A finalidade inicial é aproximar o estudante da metodologia científica gerando uma pergunta, e, a partir de um processo investigativo-experimental, buscaremos estabelecer observações sistematizadas, com realização de experiências e coleta de dados. Dentro de um espírito crítico e questionador, discutiremos em grupo os resultados encontrados. Após a apropriação da dinâmica investigativa-experimental, os alunos serão convidados a expressar-se e comunicar-se utilizando os códigos e linguagens próprios das ciências. Eles buscarão nos conceitos científicos articular propostas para a explicação dos fenômenos observados, principalmente aqueles relacionados à interação do ser humano com a natureza. O foco são os aspectos da visão de sustentabilidade nesta relação, que deve ser amigável e responsável, suprimindo as necessidades de forma a mitigar o impacto ambiental e sem comprometer as necessidades das futuras gerações.



Dessa forma, em particular, os processos de interação e transformação de energia existentes no jardim serão particularmente trabalhados. Vale salientar que, na busca



de um ensino o mais significativo possível, dentro das temáticas abordadas, o estudante sempre será convidado, no final, a formular questões, diagnosticar e propor soluções para problemas reais, que afligem de preferência a sua pessoa, o grupo estudantil ou a sua comunidade. É importante que o(a) aluno(a) apreenda, em todas as demandas levantadas dentro do ambiente jardim e seu entorno, que a ciência é um construto de produção de conhecimento, que, quando aplicado na sociedade, gera a tecnologia, mas, em essência, é uma atividade essencialmente humana, que visa compreender a natureza como um todo dinâmico, e o ser humano é parte integrante e agente de transformações do mundo em que vive, buscando na ação livre, crítica e cooperativa a construção coletiva do conhecimento.

### **Metodologia**

A área do distrito de Sapopemba tem áreas verdes restritas a pequenas praças, a um Parque Municipal – Parque Jardim Sapopemba, em implantação – e a um Parque Linear – Zilda Arns – cuja manutenção é precária, devido a um processo de transição de responsabilidade da Sabesp para a Secretaria do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo. Em um bairro com tão pouca vegetação, o jardim da escola se destaca. Mas o jardim se encontrava abandonado, sem manutenção há muitos anos. Para começarmos a recuperação e o uso do espaço do jardim na frente da escola, solicitamos autorização à direção da escola para restaurá-lo. Fomos atendidos em nosso pleito, e, a posteriori, contamos com o apoio da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente para as seguintes ações:

1. identificação das espécies de árvores plantadas no jardim;
2. recomendação de intervenções necessárias para recuperação;
3. doação de terra, composto orgânico e mudas de plantas ornamentais – buxinho e falso-íris para a implantação de uma cerca-viva e coroamento de uma das árvores.

Um morador da região e ex-aluno da escola contribuiu para estas ações:

1. limpeza do canteiro onde uma das árvores está plantada e onde se encontravam depositados entulho e lixo;
2. transporte do entulho para descarte em local apropriado, da terra e das mudas das plantas ornamentais cedidas pelo Viveiro do Parque do Carmo.

Com a colaboração de alunos da escola e a ajuda de outros quatro professores, realizamos (1) a limpeza do jardim, (2) o plantio das plantas ornamentais e (3) a pintura da mureta que cerca o jardim.

Após a recuperação do jardim, instalamos placas de identificação das árvores, com os nomes científicos e vulgares de cada espécie e a origem – nativa ou exótica – de cada uma. No dia 15 de setembro, quando ocorreu uma Mostra Cultural na Escola, o jardim foi aberto à comunidade, com o oferecimento de uma visita monitorada por alunos e alunas de diferentes séries. Durante a realização do restauro, conseguimos sensibilizar professores e alunos que inicialmente não estavam engajados na empreitada. Contamos com a participação de um aluno da 6ª série que já havia sido expulso da escola no ano passado e que voltou a estudar neste ano. Ele prontificou-se a nos ajudar e realizou plantio de mudas e reparos em parte do canteiro de uma das árvores. Alunos da 8ª série com registros de advertência por conflitos com colegas e com professores também se dispuseram a ajudar. Uma aluna da 5ª série com muitas dificuldades de relacionamento e aprendizagem em sala de aula ofereceu-se para contribuir. E colegas, três professores e uma professora readaptada, colaboraram muito. Finalizada a etapa de recuperação do jardim, a manutenção – rega e limpeza – vem sendo realizada com a nossa colaboração, com a de duas funcionárias da escola e a de alguns alunos e alunas.



### **Processos Enfatizados**

A recuperação do jardim da escola e a sua utilização pedagógica é a realização do sonho de promover ali a “Rio+20 local”. O jardim é um microespaço representativo da paisagem do bairro com as intervenções na natureza pela ocupação humana em outras temporalidades. Também é simbólico do que ocorreu no território brasileiro, a partir da conquista europeia. O Brasil, São Paulo e o bairro eram originalmente habitados pelos indígenas e possuíam uma vegetação nativa, da qual algumas espécies estão plantadas no jardim da escola: pau-brasil, sibipiruna, paineira, ipê amarelo, araucária e pitanga. No entanto, a apropriação das terras indígenas pelos portugueses e, posteriormente, por imigrantes de várias partes do mundo e migrantes de diversas regiões brasileiras, modificou a paisagem natural, com a introdução de espécies de árvores exóticas provenientes de outros con-





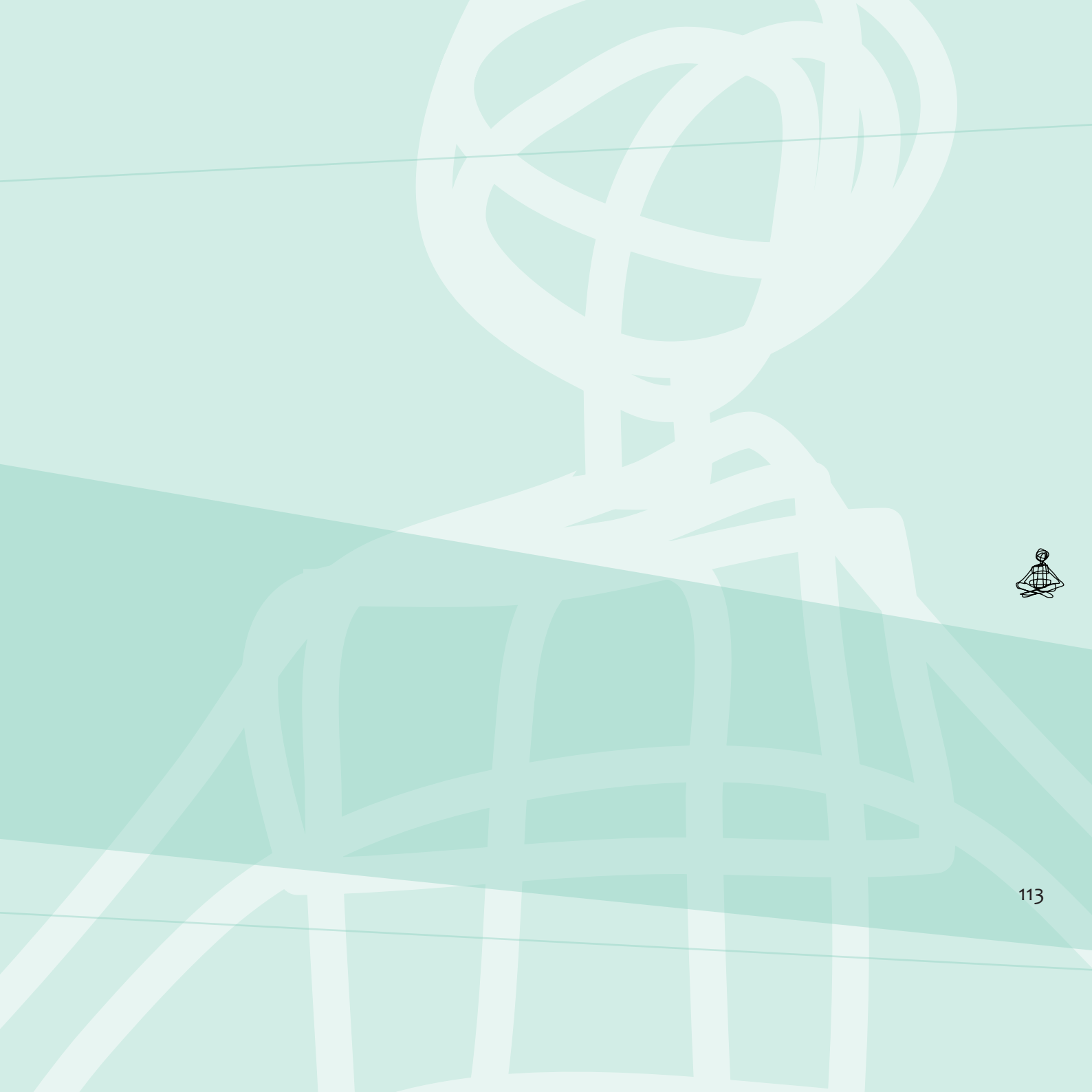
tinentes. Destas, encontramos alguns exemplares no jardim da escola: magnólia, espatódea, pinheiro, hibisco, mangueira e nespereira. O trabalho com o jardim da escola é precioso para conscientizar os alunos de que a vida insustentável que levam, marcada pelo preconceito por muitos morarem na favela do Jardim Dona Sinhá, está relacionada ao processo de urbanização local, que, além de empurrá-los para uma área da cidade ocupada irregularmente, privou-os do direito à memória, à identidade e à dignidade.

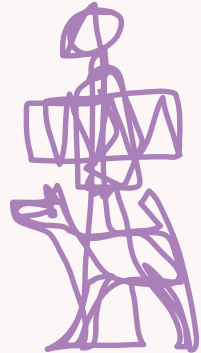
P.S.: Atualmente, vemos um maior número de borboletas visitando o nosso jardim, e junto com elas, os(as) alunos(as) vêm sendo sistematicamente convidados a visitarem-no, para um reconhecimento e apropriação do nosso jardim, como um espaço sociopedagógico. Enfim, o jardim, a escola, os(as) alunos(as), e nós, vivemos.

#### Canção Mínima

No mistério do Sem-Fim  
equilibra-se um planeta.  
E no planeta um jardim,  
e, no jardim, um canteiro;  
no canteiro, uma violeta,  
e, sobre ela, o dia inteiro,  
entre o planeta e o Sem-Fim,  
a asa de uma borboleta.”

Cecília Meireles





## Barracas e saltimbancos

(Um aceno a Fernando Pessoa, que mui sabiamente descobriu que “a vida é uma grande feira e tudo são barracas e saltimbancos”)

### Nov@s ger@ções

Uma sala de espera. Uma jovem mãe e seu bebê de cerca de um ano no colo. Nas mãos da mãe, um *Smart Phone* (eta telefoninho esperto, que faz jus ao nome!) ligado em uma aplicação qualquer que “fala”.

O pequerrucho repete o que o aparelho “diz”, entre risos. A mãe continua a manipular o aparelho com habilidade. O bebê continua a repetir a “fala” do aparelho.

A mãe está sentada com o bebê no colo. O bebê está de costas para a mãe. Os olhos de ambos permanecem grudados na tela.

Mãe e filho se ocupam e divertem na mesma sala, no mesmo momento, no mundo virtual. A criança começa sua trajetória laboriosa pelo mundo da palavra diante de uma tela. Tenho impressão de que a mãe não percebeu que ele está avançando consideravelmente nessa viagem verbal. Não, em nenhum momento eu vi aqueles dois humanos se olharem. Eles estão juntos no ambiente virtual. Não estão juntos um com o outro. Nem conosco, outros humanos que se olharam e desejaram bom dia ao chegarem à sala de espera real.

\*\*\*

Um táxi, manhã cedinho, Terminal Tietê, São Paulo. Do banco de trás, observo (e invejo) a destreza do jovem motorista, cujos dedos agilíssimos tocam a tela de um aparelho de GPS de última geração. Os toques fazem mudar a imagem com uma rapidez impensável para meus dedos dos anos 50. (Da próxima vez que um neto voltar a perguntar se eu já vivia antigamente, vou ter que dizer que sim.)

– Pra onde, senhora?

– Rua Fidalga. O motorista faz aparecer na tela, como num passe de mágica, o alfabeto – ah, meu velho conhecido, ufa! E começa a digitar: V.

– Moço, Fidalga é com F.

– Ah, então tá. F e depois I.

– Isso mesmo.

Ele continua: T.

– Moço, depois do I é D.

– Ah, D e depois A, né?

– Isso mesmo.

Ele hesita. Dedos congelados na dúvida entre um U e um L antes de um C ou um G. A palavra FIDALGA, para ele, tinha três certezas vogais: i, a, a.

Sem ajuda de uma pessoa alfabetizada ou de um papel escrito, não sei se e como ele teria conseguido chegar ao endereço desejado. Dizem que quem tem boca vai a Roma, mas o caminho deve ser muito mais longo pra quem tem boca mas não é completamente alfabetizado.

Acho que isso explica um pouco por que os gênios do Vale do Silício que inventam os *gadgets* digitais que hoje enchem nosso cotidiano preferem matricular seus filhos em escolas Waldorf, onde brinquedo de madeira, massa de modelar, argila, tricô, cozinha, quadro negro, lápis e papel tomam o lugar das telas (totalmente ausentes desses ambientes escolares dedicados a educar para refletir, argumentar, fazer, bem comunicar e compartilhar).

É preciso que o poder público se aproprie do tema [da educação], forme os professores, fabrique conteúdos inteligentes. Que pare de se deixar seduzir pelas sereias do marketing e de correr atrás de equipamentos de todo tipo sem refletir sobre a sociedade de amanhã!

**Bernard Stiegler**, filósofo especializado em tecnologias digitais (em um e-mail enviado ao Ministro da Educação da França).

\*\*\*

...inverter a direção, dar às crianças um outro alimento, outros valores diferentes dos que eles encontram diante da tela, reabilitar o escrito, trabalhar a concentração, reaprender a poesia, as virtudes de uma bela carta de amor... Em 1934, uma criança permanecia concentrada quinze minutos, em média; hoje, ela permanece concentrada cinco minutos.

**Philippe Meurieu**, especialista em ciências da educação

\*\*\*

Eles não se questionam, não sabem o que é propriedade intelectual, recopiam páginas de Wikipédia em um clique; a Internet lhes dá a ilusão de saber e impede-os, muitas vezes, de raciocinarem por si mesmos.

**Um professor de filosofia**

## Curto-circuito

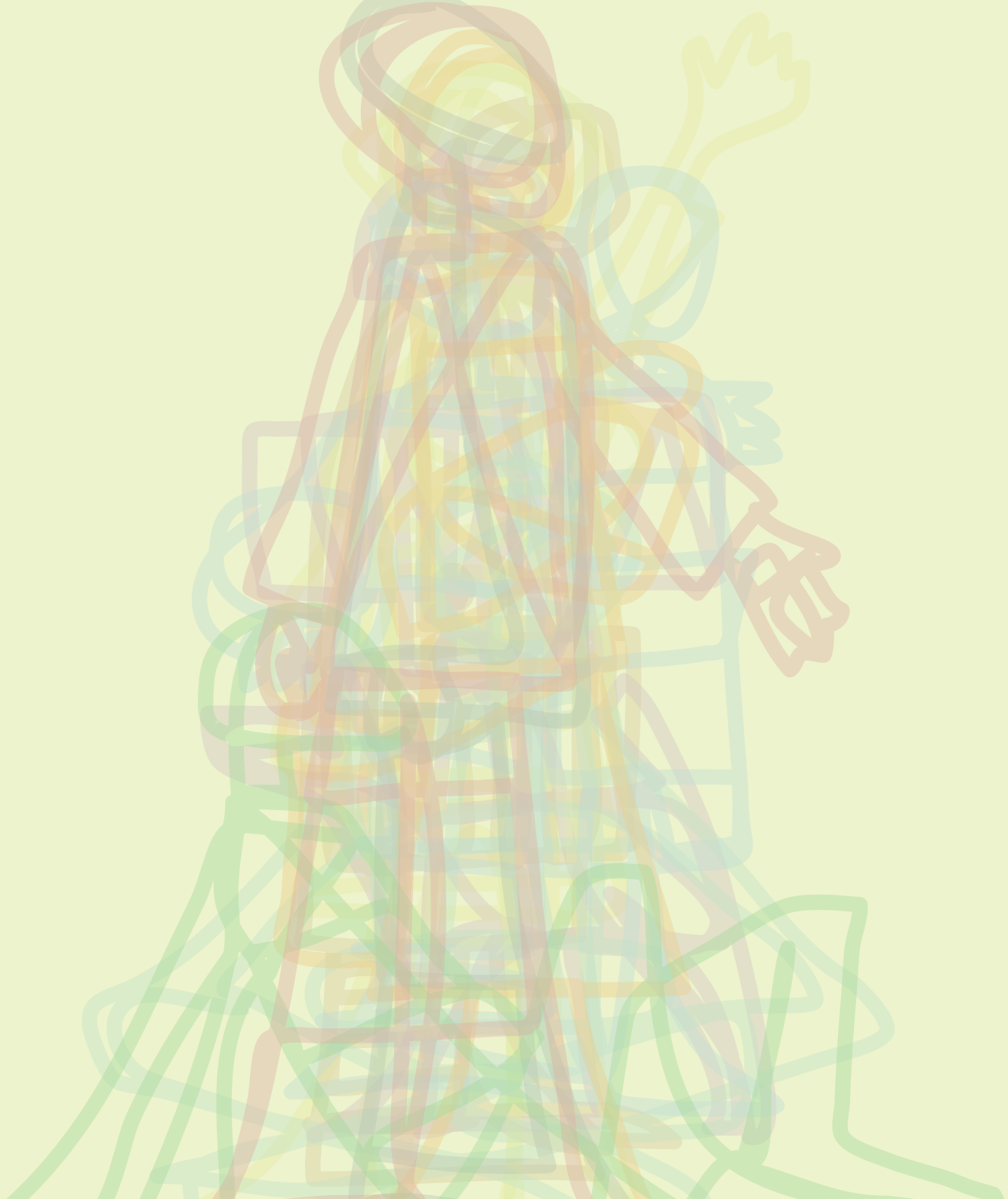
Nossos jovens hoje têm dificuldade para separar o essencial do que é acessório nas informações.

No desenvolvimento da inteligência, existe um momento essencial: a inibição, isto é, a faculdade de bloquear as informações que não são pertinentes; selecionar as informações de que realmente precisamos; saber fazer o vazio. Hoje, para todos nós e para as crianças em particular, isso é muito difícil, diante das toneladas de informação que nos inundam. O cérebro, sobrecarregado, corre o risco de entrar em curto-circuito. Todos nós, pais, pesquisadores, educadores, devemos reagir para continuar a transmitir a nossos jovens, ao lado de sua inteligência rápida, fluida, fragmentada, nosso modo de pensar mais lento, mais profundo. Se eles conseguirem jogar com os dois, farão maravilhas.

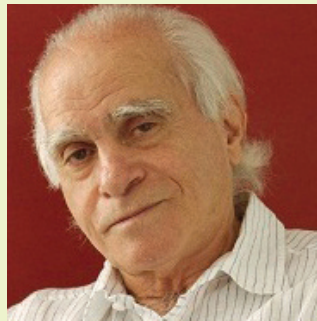
**Olivier Houdé**, Diretor do Laboratório de Psicologia do Desenvolvimento da Sorbonne, autor de 15 livros, e pesquisador sobre desenvolvimento cognitivo e aprendizagem em crianças e adultos.







## A equipe de jurados



Da esquerda para a direita:

Maria Betânia Ferreira (educadora responsável pela coordenação dos jurados e pela produção das orientações), as juradas Ana Maria Barros Pinto (jornalista e educadora que integra a Association for World Education), Arianne Brianezzi (educadora e especialista em vivências com a natureza), Rita Mendonça (bióloga e socióloga, fundadora e gestora do Instituto Romã) e Beth Negrini (educadora e gestora da Associação Mais Gente). O grupo de jurados contou, ainda, com duas participações especiais: o escritor Ignácio de Loyola Brandão e a ex-ministra do meio ambiente Marina Silva.



“Ler os projetos foi como fazer uma viagem com um roteiro definido mas muito surpreendente a cada parada. Os lugares e as pessoas entusiasmadas fizeram toda a diferença... Fiquei encantada em saber de tantas coisas boas que acontecem nesse ‘Brasilzão’... Me reacendeu a esperança.”

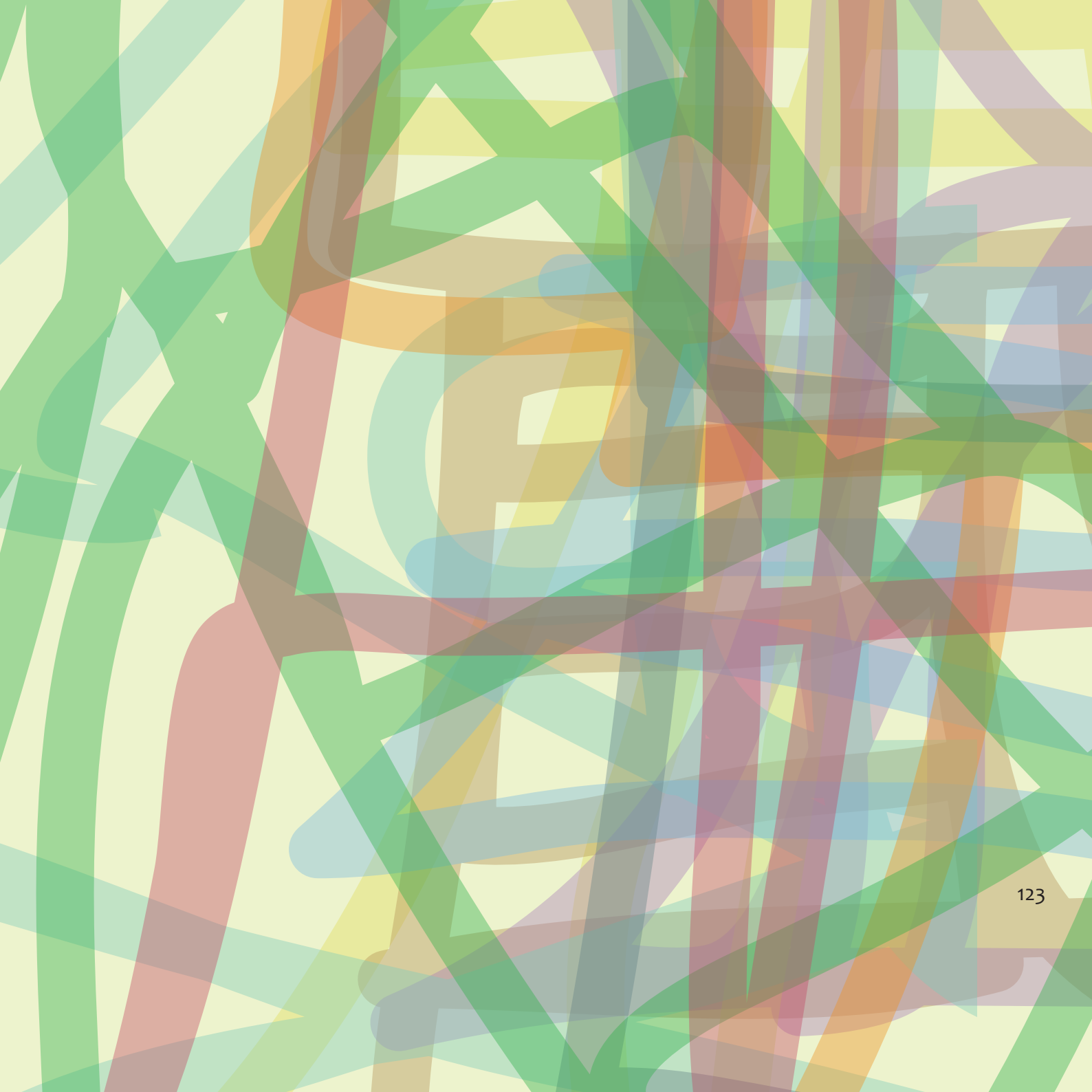
Ana Maria Barros Pinto

“Avaliar os projetos do Prêmio é uma oportunidade de entrar em contato com pessoas inspiradas e que querem fazer a diferença no lugar onde vivem. Cada projeto traz dentro dele um sonho, um desejo, uma ação concretizada, que nos mostra que, por mais complexa que seja nossa realidade, ações simples podem desencadear um lindo processo de mudança.”

Arianne Brianezi

“Aguardar o momento e saber que ele não virá como se propôs. Na proposta, ficaram as lutas, o objetivo e os critérios de avaliação. Deixar correr o tempo e esperar o que se pode criar. E começar nova busca de nova conquista. Depois, é o jogo de um tempo que trará de novo o encontro e a espera de novas descobertas.”

Beth Negrini





“O que se ensina é que a sustentabilidade não depende de enormes organizações, dinheiro, estruturas complexas. Ela está dentro de cada um de nós e se manifesta nos pequenos gestos, atitudes, movimentos. Desde o não cuspir na rua, não atirar lixo nos bueiros, não desperdiçar água, não fazer xixi nas paredes, catar o cocô dos animais levados a passear, não usar produtos químicos que arruínam a atmosfera, evitar as garrafas pet que levam centenas de anos para se decomporem, não atirar latinhas, plásticos e outras coisas no mar, nos rios, nos lagos, não contaminar as nascentes. Sustentabilidade é também não desperdiçar a comida. Sustentabilidade é saber que milhares de pequenos gestos, simples, ínfimos, podem ocasionar imensas mudanças”.

Ignácio de Loyola Brandão

“Se a Rio+20 renunciou à ousadia, demarcou uma enorme distância entre os povos e os Estados e privilegiou a economia em detrimento do meio ambiente, o 3º Prêmio Ecofuturo preferiu uma abordagem mais adequada com uma provocação simples e interessante: e a educação com isso? Educadores e educadoras de todos os cantos responderam ao desafio de serem os autores de suas ideias e ideais, narraram seus cuidados com a vida e, movidos pela utopia da sustentabilidade, atenderam ao chamado com o melhor de cada um.”

Marina Silva

“Ler os projetos é sempre uma viagem fascinante em que, como ao ler um romance, embarcamos em uma outra realidade. A diferença é que nos projetos entramos nos sonhos das pessoas e em sua capacidade de realizá-los. E as pérolas que encontramos me deixam cheia de esperança!”

Rita Mendonça

## Cérebros em construção

É preciso entender que o que vivemos hoje é comparável à mudança climática. E as crianças estão na linha de frente. Quando elas navegam na internet, jogam em rede, seus cérebros em construção estão expostos a uma atividade intensa demais que perturba seu desenvolvimento.

**Susan Greenfield**, pesquisadora especializada em Alzheimer e professora de Neurologia da Universidade de Oxford

\*\*\*

Desconfio muito dos que, ao falar de educação, falam logo na falta de verbas. A maior pobreza da educação não se encontra na escassez dos recursos econômicos. Ela se encontra na pobreza da imaginação. A educação se divide em duas partes: educação das habilidades, educação da sensibilidade. Sem a educação da sensibilidade todas as habilidades são tolas e sem sentido.

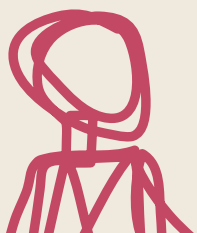
**Rubem Alves**, no livro *Do universo à jabuticaba*

\*\*\*

As revoluções tecnológicas sempre suscitaram angústias. Sócrates se preocupava com os estragos que a escrita causaria na memória dos povos.

\*\*\*









---

---

Apoiar a educação e nela acreditar são coisas que fazem parte do que consideramos ser o primeiro passo para construir gerações mais preparadas e aptas para os novos desafios que virão ao longo dos próximos anos. É com foco nesses princípios, alinhados ao cuidado do meio ambiente, que a Suzano Papel e Celulose apoia desde o início o Prêmio Ecofuturo de Educação para a Sustentabilidade.

Na sua terceira edição, este prêmio, além de colocar o assunto como pauta recorrente na sociedade, tem o claro propósito de valorizar iniciativas de educadores de todo o país cujas ideias, em razão das poucas oportunidades existentes, poderiam permanecer desconhecidas e sem um efeito multiplicador.

Por outro lado, o prêmio é mais uma iniciativa que mostra que precisamos continuar a crescer economicamente com os olhos voltados para os impactos e consequências de um crescimento desordenado sobre as pessoas, as empresas, a sociedade, as próximas gerações e o planeta.

O alinhamento com esses propósitos é o que nos faz atuantes nesta luta que precisa ser não só de alguns, mas de toda a sociedade. Parabéns, Ecofuturo, por mais esta edição!



Quando o Instituto Península, organização criada e mantida por minha família, foi convidado para apoiar o 3º Prêmio Ecofuturo de Educação para a Sustentabilidade, ficamos muito honrados em participar de uma iniciativa que tem como objetivo ensinar a nossas crianças e adolescentes a importância desse tema.

Penso que valorizar o futuro dos nossos jovens passa obrigatoriamente por valorizar o futuro do nosso planeta, especialmente a maneira como exploramos os recursos naturais, tão abundantes em nosso país.

O Brasil evoluiu muito economicamente nos últimos anos. Com esse crescimento, aumenta também a necessidade de uma cultura de responsabilidade ambiental que nos permita crescer ainda mais, de maneira sustentável.

E, para isso, é preciso conscientizar nossas crianças da importância do seu papel na construção de um mundo melhor. Como sempre digo, o futuro está nas mãos dos jovens. Já a nós cabe o dever de fomentar o desenvolvimento de boas propostas de ensino e aprendizagem ligadas à sustentabilidade.

Nesse sentido, o 3º Prêmio Ecofuturo é um grande celeiro de ideias para a melhor aplicação da sustentabilidade na educação, de onde certamente sairão grandes propostas para a cultura da responsabilidade ambiental no Brasil.

Parabéns a todos que participaram desse prêmio e ao Instituto Ecofuturo, por sua excelente iniciativa.



---

---

Conectado com a missão do Instituto, o Prêmio Ecofuturo de Educação para a Sustentabilidade existe para reconhecer e incentivar ideias criativas de professores focados no ensino e aprendizagem da sustentabilidade em seu sentido mais amplo, de modo que os alunos possam desenvolver habilidades para compreender e buscar soluções que assegurem a qualidade de todas as vidas, sempre pensando a partir do seu pedaço de mundo.

Nesta terceira edição, que contou com chancela renovada do Ministério do Meio Ambiente e apoio do Instituto Península, o assunto de conversa foi a Rio+20. Recebemos 306 projetos de 25 estados brasileiros que, de uma forma geral, revelaram a importância da cooperação para a realização de projetos. E sabemos que cooperação é palavra de ordem para que seja possível empreender as mudanças necessárias em todas as esferas da vida.

Parabenizo os educadores brasileiros pelo trabalho que desenvolvem e, em especial, os autores dos 10 projetos vencedores desta edição, que mostram que as pessoas estão, sim, fazendo a sua parte para mudar o nosso mundo para melhor.



Arre, estou farto de semideuses!  
Onde é que há gente no mundo?

O desabafo é de Fernando Pessoa no “Poema em linha reta”. Sempre a literatura a nos resgatar, a provocar a busca do que há de mais humano em nós, e a denunciar o que não somos, ou ainda não chegamos a ser.

Esse é, em parte, o trabalho da educação, que se estica na escola para além da família, compondo num delicado trabalho de formação de seres humanos. Vivos, somos! Tornar-se humanos é trabalho de toda uma vida.

Educação que nos tire da zona de conforto e indique caminhos, que nos livre de aderir às campanhas fáceis, ir além do fechar a torneira quando escovamos os dentes, mas também fechando; repensando nosso modo de vida e de consumo e optando por apoiar iniciativas de economia solidária, bem diferente do “mercado verde” – que tem verniz mas não tem efeito; cuidando de si e do próximo, pois é mais comum ter gente plantando árvores (melhor ainda se for num “clic”, sem jamais saber se crescerão...) do que ter gente sendo generosa e solidária com pessoas. Educação que nos alerte que ativismo de sofá não vale! Que não adianta seguir a recomendação de não imprimir se você é daqueles que trocam de *gadget* eletrônico toda vez que muda o *design*.

Abraço no coração dos educadores que trouxeram novos caminhos para o mundo que a gente quer: no pedaço de chão de cada um, a chave para a sustentabilidade. No íntimo de cada qual, a resposta. Fiquemos em contato.



## Equipe Ecofuturo

**Daniel Feffer**, Presidente  
**Marcela de Macedo Porto Mello**, Superintendente  
**Christine Castilho Fontelles**, Diretora de Educação e Cultura  
**Paulo Groke**, Diretor de Meio Ambiente  
**Alessandra Avanzo Figueroa**, Coordenadora de Comunicação  
**Edmar Moraes Barros Junior**, Coordenador Financeiro  
**Guilherme Rocha Dias**, Coordenador do Projeto Parque das Neblinas  
**Rachel Barbosa Carneiro de Sousa**, Coordenadora de Desenvolvimento Institucional  
**Iran Oliveira Reis**, Contador  
**Crisangela Ayazian Martins**, Analista de Desenvolvimento Institucional  
**Daniele Juçaba**, Analista do Programa Ler é Preciso  
**Julia de Lima Krahenbuhl**, Analista de Projetos  
**Marina Franciulli Santos**, Analista de Comunicação  
**Maurício de Alcântara Marinho**, Analista de Projetos  
**Michele Cristina Martins**, Analista de Projetos  
**Palmira Petrocelli Nascimento**, Analista do Programa Ler é Preciso  
**Regiane Basso**, Analista Contábil  
**Renato Guimarães de Oliveira**, Analista Administrativo Financeiro  
**Vanessa de Jesus Espindola**, Analista do Projeto Ler é Preciso  
**Alexandre Oliveira da Silva**, Assistente de Manutenção  
**Luciani Oliveira Santos**, Assistente Administrativo  
**Thais Moreno Soares**, Assistente do Projeto Ler é Preciso  
**Cléia Marcia Ribeiro de Araújo**, Auxiliar Administrativo  
**Marcos José Rodrigues do Prado**, Auxiliar de Manutenção e Manejo Florestal  
**David de Almeida Santos**, Guarda-Parque  
**Marcelo Lemes de Siqueira**, Guarda-Parque  
**Marcelo Rogério de Santana**, Guarda-Parque  
**Maurício Rodrigues Prado**, Guarda-Parque  
**Ricardo Silva de Souza**, Guarda-Parque  
**Mariana Limeira**, Estagiária do Programa Ler é Preciso  
**Mayra lafelix Ferreira**, Estagiária do Programa Ler é Preciso

## Conselho Diretor

**Daniel Feffer**  
**David Feffer**  
**Jorge Feffer**  
**Antonio dos Santos Maciel Neto**  
**Jacques Marcovitch**  
**Murilo César Lemos dos Santos Passos**  
**Claudio Thomaz Lobo Sonder**  
**Walter Schalka**





MANTENEDOR



**SUZANO**  
PAPEL E CELULOSE

PATROCÍNIO



PARCERIA

Ministério do  
Desenvolvimento Social  
e Combate à Fome

Ministério do  
Meio Ambiente

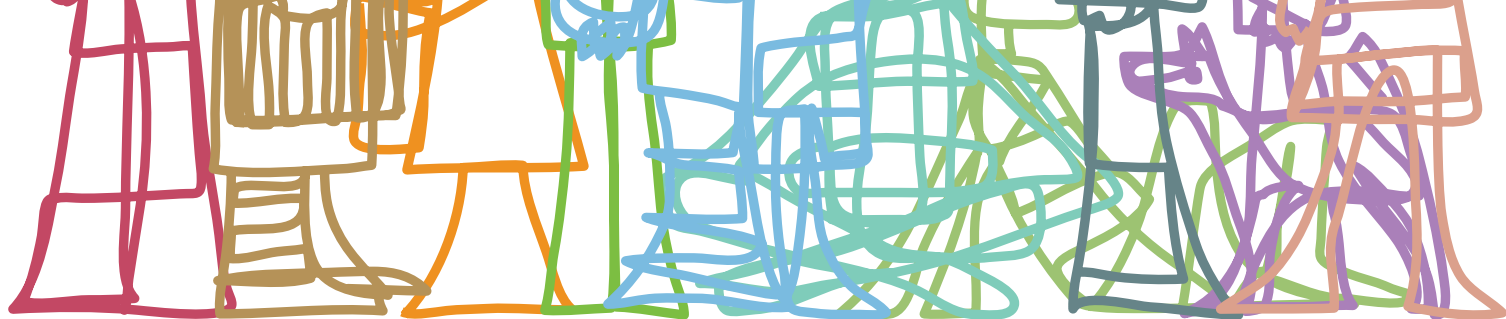


**O POVO**  
*na educação*



138





## APOIO

Alfasol – Alfabetização Solidária  
CDI – Centro de Democratização da Informática  
Centro de Voluntariado São Paulo  
Consed - Conselho Nacional dos Secretários de Educação  
Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras  
Editora Cortez  
Editora Ediouro  
Editora Saraiva  
Editora Segmento  
Editora Sextante  
Estácio  
FUNAP – Fundação de Amparo ao Preso de São Paulo  
Fundação Volkswagen  
Instituto Ayrton Senna  
Instituto C&A  
Jornal A Tribuna (ES)  
Jornal Mogi News (SP)  
OEI – Organização dos Estados Ibero Americanos  
Secretaria Municipal de Educação de São Paulo  
UMAPAZ  
Vieira, Drigo e Vasconcellos Advogados  
Jornal O Diário do Norte de Maringá (PR)



3º PRÊMIO  
**ECOFUTURO**  
de EDUCAÇÃO *para a*  
SUSTENTABILIDADE



Sustentabilidade envolve coisas que o hábito de situar “ambiente“ fora das pessoas às vezes faz esquecer. Quando alguém é vítima de bullying, racismo, discriminação e outras formas de privação de direitos humanos, o que se pode fazer pela sustentabilidade dessa vida? E pela sustentabilidade da trama social? As questões ambientais não são as únicas a levar em conta. Dedicar palavras e mais palavras à preservação das florestas e das águas enquanto se vai minando descuidadamente a integridade e o bem-estar do vizinho ao lado não tem pé nem cabeça. Não faz sentido: somos malhas da mesma rede, e nenhum mundo em que as ações de uns ferirem os outros pode ser bem-sucedido. Qual é para você, educador, o evento +20 possível e pertinente no seu pedaço de mundo? Aqui estão as 10 escolhidas pelos jurados, entre as 306 respostas em forma de projeto encaminhadas ao 3º Prêmio Ecofuturo de Educação para a Sustentabilidade.

INSTITUTO  
**ECOFUTURO**

[www.ecofuturo.org.br](http://www.ecofuturo.org.br)

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-60833-13-9



9 788560 833139